

FICHA TÉCNICA

CREDITS

Organizado por / **Organized by**
Associação Cultural Janela Indiscreta
Casa do Cinema
Rua da Rosa, 277, 2º
1200-385 Lisboa
Portugal
Mobile: + (351) 91 610 69 04
info@queerlisboa.pt
www.queerporto.pt



QUEER PORTO
Festival Internacional de Cinema Queer

Diretor Artístico / **Artistic Director**
João Ferreira

Direção / **Directors**
Cristian Rodríguez, João Ferreira

Programadores / **Programmers**
João Ferreira, Nuno Galopim, Ricke Merighi, Mariana Gaivão, Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, Rui Braga (programador júnior / **junior programmer**)

Produção / **Production**
Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

Consultoria / **Consultancy**
António Fernando Cascais

Movimento de Cópias / **Print Traffic**
Daniel Pinheiro

Hospitalidade / **Hospitality**
Cristian Rodríguez, Jonathan Hyde

Imprensa e Comunicação / **Press and Communication**
João Moço

Prémio do Público / **Audience Award**
Jonathan Hyde

Voluntários / **Volunteers**
Jonathan Hyde

Design Gráfico / **Graphic Design**
Ivo Valadares

Tradução / **Translation**
Daniel Carapau, João Ferreira, João Moço, Jonathan Hyde, Paola Guardini, Peter Taylor

Tradução Legendagem /
Subtitle Translation
Ana David, Ana Rita Ferreira, Daniel Carapau, João Fernandes, Maria Helena Nunes, Marta Queiroz, Pedro Dourado, Pedro Garcia, Vanessa Careta

Homepage
Flipside

Música Trailer / **Trailer Soundtrack**
The Gift

Agência Oficial / **Official Agency**
FUEL

Legendas / **Subtitling**
Zero em Comportamento

Impressão / **Printer**
Finepaper

CATÁLOGO / **CATALOGUE**

Coordenação / **Coordination**
João Ferreira

Textos / **Texts**
Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro, Filomena Serras Pereira, João Ferreira, Nuno Galopim, Ricke Merighi

ASSOCIAÇÃO CULTURAL JANELA
INDISCRETA

Presidente / **President**
Albino Cunha

Vice-Presidente / **Vice-President**
João Ferreira

Tesoureiro / **Treasurer**
Daniel Carapau

Secretário / **Secretary**
Paola Guardini

Vogal / **Voting Member**
António Fernando Cascais

Mesa da Assembleia-Geral /
General Assembly Committee
Mário Nuno Barreto, Miriam Faria,
João Moço

Conselho Fiscal / **Financial Council**
Cristian Rodríguez, Nuno Galopim,
Pedro Marum

Contabilidade – T.O.C. / **Accounting**
Oficina dos Números – Serviços em
Contabilidade, Lda., Caldas da Rainha

Os direitos sobre as imagens são
responsabilidade dos distribuidores, produtores
e realizadores.

Todo o conteúdo textual é responsabilidade dos
seus autores.

O Festival não é responsável por erros ou
informação enganosa.

Programa sujeito a alterações.

Informação atualizada a última vez a 29 de julho
de 2016.

All images copyright with distributors, production
companies, and filmmakers.

All written contents are of the sole responsibility
of its authors.

The Festival is not responsible for mistakes or
misinformation.

Program subject to changes.

Information as of the 29th July 2016.

Teatro Municipal do Porto
Rivoli ● Campo Alegre

TEATRO MUNICIPAL DO PORTO

WWW.TEATROMUNICIPALDOPORTO.PT

DANÇA · TEATRO · MÚSICA · CINEMA · LITERATURA
MARIONETAS · NOVO CIRCO
RESIDÊNCIAS ARTÍSTICAS · WORKSHOPS

DANCE · THEATRE · MUSIC · CINEMA · LITERATURE · PUPPETRY
NEW CIRCUS · ARTIST RESIDENCIES · WORKSHOPS

Porto.

ÍNDICE

TABLE OF CONTENTS

- 4 Mensagem de Sua Excelência a Presidente do ICA
Message from Her Excellency the President of the ICA
- 5 Mensagem do Diretor Artístico do Festival | João Ferreira
Message from the Festival's Artistic Director | João Ferreira
- 6 Júri
Jury
 - Noite de Encerramento
Closing Night
- 12 *Absolutely Fabulous: The Movie*, Mandie Fletcher
- 15 Competição Oficial
Official Competition
 - Retrospectiva / Retrospective
New Queer Cinema
- 36 "Bad Boys and Wild Girls", João Ferreira
- 42 Longas-Metragens | Feature Films
- 49 Competição In My Shorts
In My Shorts Competition
 - Programa de Curtas-Metragens | Short Film Program
Normcore Narratives
- 54 "Normcore Narratives", Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro
- 56 Curtas-Metragens | Short Films
- 61 Master Class
New Queer Cinema
- 63 Performances
- 67 Meeting Point
malavoadora.porto
- 69 Sessão Especial
Special Screening
 - Queer Pop
- 72 "Ch-Ch-Ch Changes", Nuno Galopim
- 73 Queer Pop - David Bowie
- 75 Festa de Abertura
Opening Party
- 79 Festa de Encerramento
Closing Party
- 87 Exposição | Exhibition
New Queer Cinema
- 95 Palmarés 2015
2015 Festival Awards
- 98 Agradecimentos
Acknowledgments
- 99 Lista de Contactos Profissionais
Professional Source List
- 100 Índice Remissivo de Países
Country of Origin Index
- 101 Índice Remissivo de Realizadores
Directors Index
- 101 Índice Remissivo de Filmes
Film Index
- 102 Informações Gerais
General Information

As duas décadas prodigiosas do Queer Lisboa

The two wondrous decades of Queer Lisboa

Filomena Serras Pereira

* Presidente do Instituto do Cinema e do Audiovisual

* President of the Instituto do Cinema e do Audiovisual



Com a abertura do Queer Lisboa 2016 completam-se vinte anos de um festival cuja tradição e importância são dos principais acontecimentos da *rentrée* lisboeta e, desde o ano passado, também portuense.

Após vicissitudes na sua implantação, a menor das quais não terá sido o preconceituoso aconselhamento à mudança de nome – de uma má memória que não devemos esquecer – o Queer, que, como resposta, se rebatizou com um irónico e sintético anglicismo “iconoclasta”, tornou-se uma presença sólida no nosso panorama cultural, apresentando sempre, em estreia portuguesa, uma seleção rigorosa de filmes que muito pontualmente seguem depois o circuito comercial, saindo ainda mais desfavorecidos, nesse aspecto da distribuição, a curta metragem e o documentário.

Nesta festividade cultural que constitui o Queer, há lugar ainda para cuidadosas retrospectivas sobre autores quase desconhecidos do público do nosso país.

É o caso, este ano, de um atraente programa dedicado a Derek Jarman, a alguns dos seus colaboradores – cuja presença, juntamente com o companheiro do realizador, muito nos preza – e ainda à divulgação de autores que dele receberam influência ou herança cultural.

Também no Porto, o Queer apresenta uma recolha interessante sobre parte do cinema independente americano com nomes incontornáveis, alguns com um circuito comercial bem instalado entre nós, como sejam Gregg Araki, Gus Van Sant e Todd Haynes e a presença de Tom Kalin e Cheryl Dunye.

Com labor incansável e capacidade invulgar de encontrar parceiros para a realização deste acontecimento anual, a organização do Queer deve ser felicitada e incentivada a continuar um trabalho pioneiro que o Instituto do Cinema e do Audiovisual honra apoiar.

The opening of Queer Lisboa 2016 marks the twentieth anniversary of a festival whose tradition and significance place it as one of the main events of the Autumn season in Lisbon, and since last year, also Oporto.

Its creation was followed by vicissitudes, among which the prejudiced suggestion of a name change, a bad memory we should not sweep under the rug, was certainly not the least. The festival’s answer was indeed to pick a new name, “Queer”, an ironic, concise and “iconoclastic” Anglicism, and to become a solid presence in our cultural panorama by always premiering a rigorous selection of films that are then very sporadically distributed - even more rarely so in the case of the short films and documentaries shown.

This celebration of culture also offers a carefully curated retrospective on authors with whom Portuguese audiences are less acquainted.

This year, just such an appealing retrospective programme is devoted to Derek Jarman and to a number of his collaborators – whose presence, together with that of the director’s partner, greatly honours us - as well as to various authors who were in turn influenced by him or carried on his cultural quest.

In Oporto, Queer is showing an interesting collection on American independent cinema, featuring indispensable names such as Gregg Araki, Gus Van Sant, and Todd Haynes - some of whom also have a well-established presence on the commercial distribution circuit - and the presence of guests, Tom Kalin and Cheryl Dunye.

The organization of Queer Lisboa deserves our congratulations for its tireless dedication and uncommon skill in finding partners in the production of this annual event, and is to be encouraged to continue pursuing its pioneering work, which the Instituto do Cinema e do Audiovisual is honoured to support.

Queer Porto 2

João Ferreira

* Diretor Artístico do Queer Porto

* Queer Porto Artistic Director



© Rafael Amambaty

Depois da edição inaugural de 2015, o Queer Porto 2 apresenta-se reforçado e com vontade de crescer. O Festival passa a ter cinco dias, uma maior programação de cinema, uma vertente de formação e uma continuada aposta nas performances, exposições e festas.

O Teatro Rivoli será a nossa casa entre 5 e 9 de outubro, acolhendo a competição oficial e aquela que é a grande aposta da presente edição: a retrospectiva dedicada ao New Queer Cinema. Seis filmes representam este movimento que, no início dos anos 1990, vem revolucionar o panorama do cinema queer, ao quebrar as regras narrativas e estéticas que até então dominavam este género. No Porto vão estar os realizadores norte-americanos Tom Kalin e Cheryl Dunye, para apresentarem os seus filmes, respetivamente, *Swoon* e *The Watermelon Woman*, dois expoentes máximos do New Queer Cinema. E numa parceria com a ESMAE e a Faculdade de Belas-Artes do Porto, Kalin e Dunye vão ainda dar uma master class para os alunos destas escolas e público em geral. Obras de Gus Van Sant, Gregg Araki, Todd Haynes e Rose Troche, completam este ciclo único em Portugal.

Com a mala voadora criámos um *Meeting Point*, onde, diariamente, convidados oficiais, equipa e espectadores se podem encontrar. A mala voadora acolhe igualmente a *master class* de Kalin e Dunye, o programa de curtas *Normcore Narratives*, as performances de Flavio Leihan, Gonçalo C. Ferreira e Joana Castro; assim como outra das novidades deste ano: a competição de curtas *In My Shorts*, com trabalhos de alunos e artistas da região Norte. No Maus Hábitos também haverá programação diária, com uma sessão Queer Pop dedicada a David Bowie, a exibição do filme *A Crackup at the Race Riots*, do coletivo belga Leo Gabin, inspirado nos escritos de Harmony Korine, assim como as festas de abertura e encerramento.

E para celebrar a retrospectiva do *New Queer Cinema*, desafiámos seis artistas - António MV, Júlio Dolbeth, Mauro Ventura, Rita Roque, Sandra Araújo e Von Calhau! -, para, cada um deles, criar uma peça ilustrativa de um dos filmes. Estas obras ficarão expostas no decorrer do Festival na Galeria Wrong Weather e serão editadas numa coleção de postais. Contamos com a vossa presença!

Following its 2015 debut edition, Queer Porto 2 is this year even stronger and looking to grow. The Festival is now 5 days long, has more programmed films, a new pedagogical side, and an increased investment in performances, exhibitions, and parties. Teatro Rivoli will be our home from the 5th to the 9th October, hosting the official competition, so as this year's edition special feature: a retrospective dedicated to New Queer Cinema. Six films represent this movement which, in the early 1990's, revolutionized the queer cinema panorama, by breaking all aesthetic and narrative rules that dominated this genre up to then. Porto will welcome North-American filmmakers Tom Kalin and Cheryl Dunye, to introduce their films *Swoon* and *The Watermelon Woman*, correspondingly, two of New Queer Cinema's seminal oeuvres. And through a partnership with art schools ESMAE and Faculdade de Belas-Artes do Porto, Kalin and Dunye will give a master class for film students, also open to our general audience. Films by Gus Van Sant, Gregg Araki, Todd Haynes, and Rose Troche, complete this film programme, unique in Portugal. With mala voadora we created a Meeting Point where, every day, official guests, Festival team and audience can come together. Mala voadora will also host Kalin and Dunye's master class, the *Normcore Narratives* short film programme, performances by Flavio Leihan, Gonçalo C. Ferreira, and Joana Castro; so as another one of this year's new features: the *In My Shorts* competition, made up of films by students and artists from the North region.

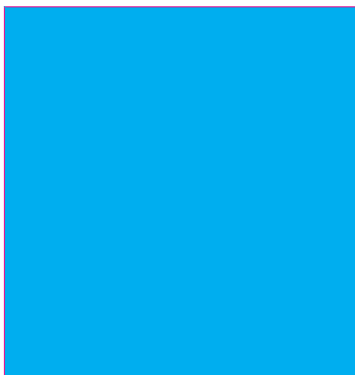
We will also have daily activities at Maus Hábitos, with a Queer Pop screening dedicated to David Bowie, the screening of *A Crackup at the Race Riots*, by Belgian arts collective Leo Gabin, inspired by the writings of Harmony Korine, so as the opening and closing parties.

And in order to properly celebrate the New Queer Cinema retrospective, we challenged six artists - António MV, Júlio Dolbeth, Mauro Ventura, Rita Roque, Sandra Araújo, and Von Calhau! – to each one of them create a piece which illustrates each one of the films. These works will be exhibited throughout the Festival at Galeria Wrong Weather and will be printed in a limited edition postcard collection. See you at Queer Porto!

Júri

Jury

Céu Pinto



Céu Pinto é licenciada em Ciências da Comunicação pela Universidade Fernando Pessoa, do Porto, e trabalha na RTP Porto. Em 1981, conclui o curso de Anotadora e Assistente de Realização, trabalhando como anotadora até 1983 e como Assistente de Realização entre 1984 e 1990. Entre 1990 e 1991 tira o curso de Produção e Realização. A partir de 1991, é produtora em documentários, ficção, seriados, teleteatro e musicais. Desde 2003, coordena programas diários. Atualmente, é produtora de uma série de teatro.

Céu Pinto is graduated in Communication Sciences by the Fernando Pessoa University in Porto, and works for RTP Public Broadcasters Porto. In 1981, she concluded the Continuity and Assistant Director course, having worked in continuity until 1983, and as assistant director between 1984 and 1990. Between 1990 and 1991, she takes the Production and Directing course. From 1991, she produced documentaries, fiction, series, televised theatre, and musicals. Since 2003, she coordinates daily shows. She is now producing a theatre series.

Júlio Dolbeth



Júlio Dolbeth nasceu em Angola em 1973, vive e trabalha no Porto. Tem um Doutoramento em Arte e Design, área de ilustração e um Mestrado em Arte Multimédia. É licenciado em Design de Comunicação. Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes na Universidade do Porto, é cofundador e curador da galeria Dama Aflita, no Porto. Artista e ilustrador, tem exposto regularmente em mostras individuais e coletivas.

Júlio Dolbeth was born in Angola in 1973, lives and works in Porto. He has a PhD in Art and Design, specialized in illustration, and a Masters in Multimedia Art. He graduated in Communication Design. He's an assistant professor at the Fine Arts Faculty of the University of Porto, and he's a cofounder and curator at the Dama Aflita Gallery, in Porto. Artist and illustrator, Júlio Dolbeth has exhibited his work regularly in solo and group exhibitions.

Tom Kalin

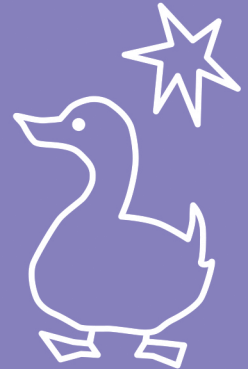


Cineasta, argumentista e ativista, Tom Kalin é uma figura proeminente no New Queer Cinema. Além dos filmes *Swoon* e *Savage Grace*, o seu trabalho atravessa várias formas e géneros, tendo já recebido vários prémios e aclamações críticas. É conhecido pelos seus filmes narrativos, instalações, curtas-metragens experimentais e vídeos. Como produtor, Kalin já trabalhou em *I Shot Andy Warhol*, de Mary Harron, e *Go Fish*, de Rose Troche. Foi argumentista da longa-metragem *Office Killer*, da artista Cindy Sherman. Já foi, por duas vezes, incluído na Whitney Biennial. Membro honorário do Guggenheim, os trabalhos de Kalin encontram-se nas coleções do Centre George Pompidou, Whitney Museum, MoMA de Nova Iorque, entre outros.

Filmmaker, writer and activist, Tom Kalin is a prominent figure in the New Queer Cinema. In addition to his features *Swoon* and *Savage Grace*, his award winning, critically acclaimed work traverses diverse forms and genres. He is known for narrative features, mixed media installations and short experimental films and videos. As a producer, Kalin's films include Mary Harron's *I Shot Andy Warhol* and Rose Troche's *Go Fish*. He was a writer of artist Cindy Sherman's feature film *Office Killer*. He has twice been included in the Whitney Biennial. A 2011 Guggenheim Fellow, Kalin's work is in the collection of the Centre George Pompidou, The Whitney Museum and New York's MoMA, among others.

HOTEL PARCEIRO

QUEER PORTO 2
-
INTERNATIONAL
QUEER FILM
FESTIVAL



5 - 9
OCTOBER
2016

Quality Inn Portus Cale

Avenida da Boavista, 1060, 4100-113 Porto - Portugal

Telephone: +351 226 083 900

Fax: +351 226 083 906

E-Mail: quality.portuscale@grupo-continental.com



THE LATE *birds*
LISBON



Gay Men's Guesthouse

Suites | Lounge Bar | Garden | Sundeck | Pool

www.thelatebirdslisbon.com

Travessa André Valente, 21 1200-024 Lisboa, Portugal
+351 210 118 405

Teatro Rivoli

NOITE DE ENCERRAMENTO CLOSING NIGHT



ABSOLUTELY FABULOUS: THE MOVIE

Realização / **Director**
Mandie Fletcher

Reino Unido, EUA / **United Kingdom, USA,**
2016, 86'

Longa-Metragem de Ficção / **Feature Film**

Cor / **Colour**

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**

Jennifer Saunders

Montagem / **Editing**

Anthony Boys, Gavin Buckley, Billy Sneddon

Fotografia / **Photography**

Chris Goodger

Produção / **Production**

Damian Jones, Jon Plowman

Intérpretes / **Cast**

Jennifer Saunders, Joanna Lumley, Julia
Sawalha, Jane Horrocks, June Whitfield,
Chris Colfer

www.absolutelyfabulous.themovie.co.uk

www.hollywoodclassics.com

NOITE DE ENCERRAMENTO

Absolutely Fabulous: The Movie

12 Prontas para a sua estreia no grande ecrã, Edina Monsoon e Patsy Stone (Jennifer Saunders e Joanna Lumley) ainda transpiram brilho e glamour, vivendo a vida de luxo a que estão habituadas: compras, bebidas e saídas à noite nos locais mais *trendy* de Londres. Mas quando um dia, acidentalmente, empurram Kate Moss para o rio Tamisa numa festa da moda, Eddy e Patsy envolvem-se numa tempestade dos media em torno da morte prematura da supermodelo, sendo perseguidas implacavelmente pelos paparazzi. Fogem sem um tostão para a meca glamorosa dos super-ricos, a Riviera francesa, onde criam um plano para tornar a sua fuga permanente e viverem a vida de luxo para sempre!

Appropriate for their big screen debut, Edina Monsoon and Patsy Stone (Jennifer Saunders and Joanna Lumley) are still oozing glitz and glamour, living the high life they are accustomed to; shopping, drinking and clubbing their way around London's trendiest hotspots. But when they accidentally push Kate Moss into the river Thames at an uber fashionable launch party, Eddy and Patsy become entangled in a media storm surrounding the supermodel's untimely demise and are relentlessly pursued by the paparazzi. Fleeing penniless to the glamorous playground of the super-rich, the French Riviera, they hatch a plan to make their escape permanent and live the high life forever more!

2016

Absolutely Fabulous: The Movie
Longa-Metragem / **Feature Film**

1994

Deadly Advice

Longa-Metragem / **Feature Film**

Sábado **Saturday** 8 • Teatro Rivoli, Auditório Isabel Alves Costa, 21h30

Domingo **Sunday** 9 • Teatro Rivoli, Auditório Isabel Alves Costa, 19h00



BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Mandie Fletcher começou a sua carreira na BBC e venceu o BAFTA para Melhor Série de Comédia pela realização da segunda e terceira temporadas de *Blackadder*. Os créditos de Fletcher em filmes incluem os títulos *Deadly Advice*, protagonizado por Jane Horrocks, Brenda Fricker, Imelda Staunton, Jonathon Pryce e Sir John Mills, e *Born Kicking*, um telefilme de 90 minutos para a BBC. Em 2011 foi nomeada como Realizadora do Ano pela Women in Film and TV.

Mandie Fletcher began her career at the BBC and won the Best Comedy Series Award at the BAFTA's for directing the second and third series of *Blackadder*. Fletcher's film credits include *Deadly Advice* starring Jane Horrocks, Brenda Fricker, Imelda Staunton, Jonathon Pryce and Sir John Mills and *Born Kicking*, a 90-minute film for BBC. In 2011 Fletcher was named Director of the Year by Women in Film and TV.



Mandie Fletcher



culta e adulta

**Competição
Oficial**

**Official
Competition**

Antonia



16 COMPETIÇÃO OFICIAL

Antonia Pozzi escreve poesia em segredo. Ela fá-lo sem saber, obviamente, que se tornará uma das mais importantes poetisas italianas do século XX. Vive em Milão, nos anos 1930, sob um regime ao qual é alheia. Antonia apaixona-se, escreve, fotografa, escala montanhas. Estes são os últimos dez anos da sua breve e intensa vida.

Antonia Pozzi writes poetry, secretly. She does so, of course, not knowing she is to become one of the most important Italian poets of the 20th century. She lives in Milan in the 1930s under a regime that is deaf to her. Antonia falls in love, writes, photographs, and climbs mountains. These are the last ten years of her brief, intense life.

ANTONIA

Realização / **Director**
Ferdinando Cito Filomarino

Itália, Grécia / **Italy, Greece**, 2015, 96'

Longa-Metragem de Ficção / **Feature Film**

Cor / **Colour**

DCP

v.o. italiana, legendada em inglês e português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**
Ferdinando Cito Filomarino, Carlo Salsa

Montagem / **Editing**
Walter Fasano

Fotografia / **Photography**
Sayombhu Mukdeeprom

Produção / **Production**
Luca Guadagnino, Marco Morabito

Direção Artística / **Production Design**
Bruno Duarte

Intérpretes / **Cast**
Linda Caridi, Filippo Dini, Alessio Praticò,
Luca Lo Monaco, Perla Ambrosini, Federica Fracassi

Um Retrato a Cores

Após a sua curta-metragem *Diarchia*, premiada em Locarno em 2010, Ferdinando Cito Filomarino escolhe fazer a sua estreia na longa-metragem com a atmosférica biografia da poetisa italiana Antonia Pozzi. “Luca Guadagnino é um grande apreciador da poesia de Antonia Pozzi e sempre quis produzir um filme sobre ela; falou-me nisso, achando que eu e ela nos ‘encontraríamos’. Tenho grande fascínio pelos artistas, e quando li os poemas da Antonia, senti uma enorme afinidade. Mais tarde, estudando a sua vida mais a fundo, e conhecendo bem o contexto e os lugares da vida dela - de Milão às montanhas circunstantes - entendi a grande oportunidade que dispunha, para realizar através do cinema o retrato de uma artista e da sua arte.”

Estas palavras do realizador definem um dos pontos fortes do filme: a reconstrução extraordinariamente minuciosa, quase obsessiva, mas profundamente empática, do ambiente da poetisa: a Milão alto-burguesa das décadas de 1920 e 1930, e a paisagem do maciço das Grigne, protagonista de muitos dos seus poemas. E também o contexto humano, aqueles jovens amigos e colegas que cedo se tornariam em grandes protagonistas da cultura italiana, enquanto Antonia morreria com 26 anos, suicidando-se nos jardins da abadia de Chiaravalle, quando os seus poemas estavam ainda todos por editar, bem como as suas muitas fotografias, a sua outra grande paixão.

Além dos intérpretes do filme que, começando pela protagonista, Linda Caridi, são na sua maioria ótimos estreantes, Cito Filomarino recrutou como diretor de fotografia Sayombhu Mukdeeprom, que já trabalhou com Apichatpong Weerasethakul (e com Miguel Gomes em *As mil e umas noites*) e cujo talento consegue tornar perfeita a escolha anacrónica de rodar a cores - sombrias, frias e artificiais - a vida quotidiana de Antonia durante as primeiras décadas do regime fascista. Uma atmosfera fria e sombria que gradualmente extingue a vitalidade, a paixão e a necessidade de amor de Antonia Pozzi, reconhecida após a sua morte como uma das vozes mais importantes da poesia italiana do século vinte. **R.M.**

A Colour Portrait

Following his short film *Diarchia*, which received a prize in Locarno in 2010, Ferdinando Cito Filomarino picks the atmospheric biography of Italian poet Antonia Pozzi as his first feature film. “Luca Guadagnino greatly appreciates the poetry of Antonia Pozzi, and he’s long wanted to produce a film on her; he introduced her to me, believing we would “find” each other. I have a profound interest in artists, and when I read Antonia’s poems, I felt a strong affinity in those pages. When I delved deeper into her life, and being well acquainted with its context and places - from Milan to the surrounding mountains - I realized the great opportunity I was being given, to create the portrait of an artist and her art through cinema”.

One of the film’s strong suits emerges from the director’s own words. The extremely detailed, almost obsessive, but profoundly empathetic reconstruction of Antonia’s surroundings: the upper middle class of Milan during the 1920s and 1930s, and the landscape of the Grigne massif, at the centre of so many of her poems. And the human landscape, all the young friends and colleagues who would soon become leading exponents of Italian culture, while Antonia would die at 26, taking her own life in the gardens of the abbey of Chiaravalle. All her poems were yet unpublished, as were her many photographs, her second great love.

While the actors, starting with protagonist Linda Caridi, are mostly excellent first-timers, Cito Filomarino also recruited as his director of photography Sayombhu Mukdeeprom, who had already collaborated with Apichatpong Weerasethakul (and with Miguel Gomes on his *Arabian Nights*); his talent bestows perfection upon the anachronistic choice of filming in - sombre, cold, and unnatural - colours the daily life of Antonia during the first decades of the Fascist regime. A darkness and coldness that gradually smother the vitality, passion, and need for love of Antonia Pozzi, posthumously recognized as one of the foremost voices of 20th century Italian poetry. **R.M.**

2015

Antonia
Longa-Metragem / Feature Film

2013

Deceit. Visconti’s Conversation Piece
Documentário / Documentary

2010

Diarchia
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

O realizador e argumentista Ferdinando Cito Filomarino nasceu em Milão, em 1986. Em 2010 realizou a curta-metragem *Diarchia*, que recebeu prémios em Sundance, Locarno, no Italian Silver Ribbons e foi nomeada como Melhor Curta-Metragem nos European Film Awards. Em 2013 realizou o documentário *Deceit. Visconti’s Conversation Piece*, um filme-ensaio sobre a obra-prima de Luchino Visconti, apresentado no Festival de Cinema de Roma. *Antonia* é a sua primeira longa-metragem de ficção.

Director and screenwriter Ferdinando Cito Filomarino was born in Milan in 1986. In 2010 he made the short film *Diarchia*, which received awards at Sundance, Locarno, the Italian Silver Ribbons, and was nominated as Best Short Film at the European Film Awards. In 2013 he directed the documentary *Deceit. Visconti’s Conversation Piece*, a film-essay on Luchino Visconti’s masterpiece, presented at the Rome Film Festival. *Antonia* is his first feature film.



Ferdinando Cito Filomarino

Los Héroes del Mal Heroes of Evil



18 COMPETIÇÃO OFICIAL

No primeiro dia de aulas, Aritz é violentamente humilhado por um estudante mais forte. É então que outro rapaz o ajuda: Esteban. Esteban e Aritz têm um denominador comum, ambos são antissociais, odeiam grupos, são marginais, estranhos. Pouco depois junta-se lhes Sarita, uma rapariga “estranha”, pouco feminina, uma solitária que os ajuda a embebedarem-se sem gastarem dinheiro. Os três adolescentes começam a roubar álcool nos supermercados, levando tudo o que não conseguem comprar. Mas num desses roubos são apanhados por um segurança, e a única forma de escapar é usando a violência contra ele. Tendo tomado esse passo, apercebem-se do que são capazes de fazer.

On his first day of class, Aritz is violently humiliated by a stronger student. Then another guy helps him: Esteban. Esteban and Aritz have a common denominator, both are antisocial, they hate groups, they are outcasts, strange. Shortly after, Sarita joins them, a “weird” girl, unfeminine, a loner, who offers them a way to get drunk without money. The three teens start stealing alcohol in supermarkets, taking everything they are not able to buy. But during one of these robberies they are caught by a security guard, and the only way to escape is to use violence against him. Having taken that step, they realize what they can do.

LOS HÉROES DEL MAL HEROES OF EVIL

Realização / Director
Zoe Berriatúa

Espanha / Spain, 2015, 98'

Longa-Metragem de Ficção
Feature Film

Cor / Colour

DCP

v.o. espanhola, legendada em inglês e português

M/18 / Over 18yo

Guião / Screenplay
Zoe Berriatúa

Montagem / Editing
Esteban Gonzalez

Fotografia/ Photography
Ivan Roman

Som / Sound
Alex Carrasco

Produção / Production
AteX De La Iglesia, Carolina Bang, Kiko Martínez, Zoe Berriatúa

Música / Music
Aram Kachaturian, Benjamin Britten, Jean Sibelius, Serguei Prokofiev, Georg Philipp Telemann, Dmitri Shostakovich, Henryk Górecki, Antonio Vivaldi, Henry Purcell

Intérpretes / Cast
Emilio Palacios, Jorge Clemente, Beatriz Medina

www.labestiaproduce.com

Uma história de violência

A cinematografia queer espanhola tem conhecido nos últimos anos uma produção intensa, variada e capaz de experimentar novos destinos emocionais e narrativos para as suas histórias e personagens. Como um possível exemplo podemos evocar a obra – em construção – de Marçal Forés, que venceu o prémio de Melhor Longa-Metragem de Ficção no Queer Lisboa 19 com *Amor Eterno* e que, antes, tinha já em *Animals* (de 2012) uma promissora abordagem a estes universos. *Los Héroes del Mal* coloca em cena mais um nome a ter em conta neste mapa de acontecimentos. Não é de todo um novato, até porque Zoe Berriatúa Benavides tem já um extenso currículo como ator desde inícios dos anos 90. Mas, apesar de ter assinado a realização de sete curtas nos últimos 16 anos, só com este filme assinala a sua estreia na realização de uma longa-metragem.

Los Héroes del Mal é uma história de exclusão e violência tendo por protagonistas três adolescentes inadaptados, diferentes entre os diferentes, que encontram, na união a três, a força que, isolados, não teriam contra não apenas as regras ao seu redor, mas também os *bullies* que se impõem na escola pela força e pelo medo. A frustração que acumularam até aí transforma-se então numa vontade de responder. Mas, ao diluir as fronteiras de um possível sentido de justiça com o desejo de vingança, mergulham numa espiral que acaba por revelar desequilíbrios e descontrolo, acentuados mais ainda quando entre os três emergem tensões emocionais inesperadas em tempo de muitas descobertas.

O filme explora bem as três figuras protagonistas (e vive muito do magnífico trabalho dos três jovens atores), dos contrastes entre as suas fragilidades e aparentes forças, e conduz com pulso firme a narrativa sem procurar a necessidade de justificar social ou individualmente o que nos dá a ver. N.G.

A history of violence

Queer Spanish cinema has seen in recent years a very intense and varied activity that has been able to experiment with new emotional and narrative trails for their plots and their characters. As an example, we could mention the work (still in construction) by Marçal Forés which won the Best Fiction Feature at Queer Lisboa 19 with *Amor Eterno*, and which already had in *Animals* (2012) a promising approach to those universes. In this context, *Los Héroes del Mal* brings to the cinema landscape another name to follow. Zoe Berriatúa Benavides is, however, not at all a newcomer: he has a long experience of acting in cinema since the early 90s. He has also directed seven shorts in the last 16 years, but this is his first feature film as director.

Los Héroes del Mal is a story of exclusion and violence that focuses on three teenagers, all of whom not adapted to their society, different among the different, and who encounter in their union the strength that they would not have separately – against the rules that are set around them, and against the bullies that rule in their school through force and fear. However, the dilution of the borders of their sense of justice that is caused by the desire of vengeance leads them to dive into a spiral that ends up revealing unbalances and lack of control, which are further augmented by emotional tensions that erupt among the three teenagers at a time of discoveries.

The film develops quite well the three main characters (and gains a lot from the magnificent work of the three young actors) and also the contrasts between their fragilities and apparent strengths; the director steers with a firm course the narrative without feeling the need to justify either socially or individually what is being shown to the viewer. N.G.

2015
Los Héroes del Mal
Longa-Metragem / Feature Film

2013
El Último Plano
Curta-Metragem / Short Film

2011
The Thing in the Corner
Curta-Metragem / Short Film

2010
Quédate conmigo
Curta-Metragem / Short Film

2008
Epilogo
Curta-Metragem / Short Film

2006
Monstruo
Curta-Metragem / Short Film

2004
El Despropósito
Curta-Metragem / Short Film

2000
Moebio
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Zoe Berriatúa nasceu em 1978 em Madrid. Ator desde criança, tornou-se depois ilustrador, escritor, produtor e realizador. Zoe é filho de Luciano Berriatúa, especialista em Murnau e historiador de cinema.

Zoe Berriatúa was born in 1978 in Madrid. Actor since he was a child, and later illustrator, writer, producer and director. Zoe is the son of Luciano Berriatúa, Murnau's expert and cinema historian.



Zoe Berriatúa



Em Nova Iorque, a juventude LGBTQ não-branca junta-se no paredão de Christopher Street e aí praticam o *Ballroom*, uma forma artística performativa que ficou célebre no início dos anos 1990 com o teledisco de *Vogue*, de Madonna, e com o documentário *Paris is Burning*. 25 anos depois destas referências culturais, uma nova e muito diferente geração de jovens LGBTQ formaram uma subcultura artística ativista chamada Kiki Scene. *Kiki* segue sete figuras desta comunidade ao longo de quatro anos, utilizando os seus ensaios e as suas performances espetaculares nos Kiki Balls como um dispositivo de enquadramento enquanto aprofunda as suas lutas com a falta de casa, com doenças e preconceitos, mas também os seus ganhos quanto à influência política e às conquistas na afirmação de género.

In New York City, LGBTQ youth-of-color gather out on the Christopher Street Pier, practicing a performance-based artform, *Ballroom*, which was made famous in the early 1990s by Madonna's music video *Vogue* and the documentary *Paris Is Burning*. Twenty-five years after these cultural touchstones, a new and very different generation of LGBTQ youth have formed an artistic activist subculture, named the Kiki Scene. *Kiki* follows seven characters from the Kiki community over the course of four years, using their preparations and spectacular performances at events known as Kiki Balls as a framing device while delving into their battles with homelessness, illness and prejudice as well as their gains towards political influence and the conquering of affirming gender-expressions.

KIKI

Realização / Director

Sara Jordanö

Suécia / Sweden, 2016, 95'

Documentário

Documentary

Cor / Colour

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/ 16 Anos / Over 16yo

Guião / Screenplay

Sara Jordanö, Twigg Pucci Garçon

Montagem / Editing

Rasmus Ohlander

Fotografia/ Photography

Naiti Gámez

Produção / Production

Annika Rogell, Lori Cheatle

Música / Music

Queen Beat

Intérpretes / Cast

Chi Chi Mizrahi, Gia Marie Love, Divo Pink Lady, Twigg Pucci Garçon, Izana "Zaryia Mizrahi" Vidal, Christopher Waldorf

www.kikimovie.com

www.sfi.se

Voguing pela Vida

Nos dias que se seguiram ao massacre de Orlando, as imagens de jovens negros a fazer Voguing em Londres, numa vigília em memória das vítimas, espalharam-se rapidamente nas redes sociais. 25 anos após a explosão *mainstream* espoletada por Madonna com o vídeo *Vogue* e o filme *Truth or Dare*, bem como no controverso marco do cinema queer que foi *Paris is Burning*, de Jennie Livingston, a subcultura dos Ballroom com o seu estilo de dança, precisamente o Voguing, com a sua gíria própria feita de “Houses”, “Mothers”, “Fathers”, “Fierceness” e “Attitude”, continua a representar uma forma de resistência e sobrevivência para as comunidades LGBT de cor, nos EUA e na Europa.

Kiki, de Sara Jordenö, retrata a vitalidade de uma específica cena Ballroom de Nova Iorque, conhecida como Kiki, nos seus aspetos mais políticos e emancipadores, na sua luta em defesa de jovens e muito jovens LGBTIQ* não brancos.

Acompanhada pelas duas “Mothers” Twiggy (coargumentista do documentário) e Chi Chi Mizrahi, a realizadora segue alguns dos protagonistas nas suas vidas quotidianas. Não apenas nos momentos competitivos das danças, mas sobretudo no seu trabalho enquanto ativistas e educadores dentro da sua própria comunidade. Uma comunidade exposta a enormes riscos de sofrer violências, contrair doenças, ou não ter acesso a programas de ensino, saúde ou habitação segura. Se, em *Paris is Burning*, a força utópica e libertária do fenómeno Ballroom concentrava-se exclusivamente na invenção de uma realidade paralela, na qual os géneros e as suas representações eram redefinidos, como o eram as ligações sociais e familiares, e a própria ideia de beleza, a cena Kiki contemporânea não teme também posicionar-se abertamente enquanto movimento social e político. Os jovens protagonistas falam com competência, diante da câmara, de si próprios e si próprias, mas também de teoria queer, das políticas de saúde de Obama, ou das ações que organizam para informar e sensibilizar o público sobre os riscos do contágio com o VIH, um fenómeno que continua a atingir desproporcionadamente, hoje ainda mais do que no passado, este segmento da população. **R.M.**

Voguing to Survive

The recent images of young black men voguing in London at a wake for the victims of the Orlando nightclub shooting quickly spread on social media. 25 years after its mainstream explosion, triggered by Madonna with her music video *Vogue* and film *Truth or Dare*, as well as by Jennie Livingston’s controversial queer cinema milestone, *Paris is Burning*, the ballroom subculture with its dance style – that is, “voguing” – and its jargon of “Houses”, “Mothers”, “Fathers”, “Fierceness”, and “Attitude”, still represents a form of resistance and survival for LGBT communities of colour, both in the USA and in Europe.

Sara Jordenö’s film *Kiki* portrays the vitality of a specific ballroom scene in New York, Kiki, in its specifically political and emancipatory aspects, and its struggles to protect non-white LGBTIQ* youths and teenagers.

The director, along with two “Mothers”, Twiggy (co-writer of the documentary) and Chi Chi Mizrahi, follows some of her protagonists in their daily lives. She does not film just the competitive dances, but rather focuses upon their role as activists and educators of their own community, one that is exposed to great risks of suffering violence, contracting diseases, and being excluded from education and health programmes or safe housing. In *Paris is Burning*, the utopian and liberating force of the ballroom phenomenon was exclusively focused upon the creation of a parallel reality, in which genders and their representations, as well as family and social connections and the very idea of beauty, could all be redefined; while the current Kiki scene does not shy away from becoming an explicitly social and political movement. The young protagonists speak competently in front of the camera of their own lives, but also of queer theory, Obama’s health care policies, or the activities they organize to raise awareness on the risks of contracting HIV, something that – today even more than in the past – disproportionately affects this segment of the population. **R.M.**

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Sara Jordenö é uma realizadora de documentários e artista visual sueca residente em Nova Iorque e Gotemburgo que aborda histórias sobre comunidades que enfrentam diferentes tipos de marginalização. Os seus projetos cinematográficos têm sido exibidos em todo o mundo, como no Festival de Cinema de Roterdão, Viennale, a Kitchen e o MoMA PS1. *Kiki* é o seu primeiro documentário longo.

Sara Jordenö is a NYC and Gothenburg-based Swedish visual artist and documentary filmmaker whose stories often concern communities facing different types of marginalization. Her cinematic projects and commissions have been shown internationally at venues such as the Rotterdam International Film Festival, Viennale, the Kitchen and MoMA PS1. *Kiki* is her feature documentary debut.



Sara Jordenö

Nunca Vas A Estar Solo You'll Never Be Alone



22 COMPETIÇÃO OFICIAL

Depois de o seu filho gay começar a travestir-se e sofrer um violento ataque físico, Juan, um gerente afastado de uma fábrica de manequins enfrenta grandes dificuldades entre pagar as exorbitantes contas hospitalares do seu filho e tornar-se sócio do seu patrão. À medida que corre para becos sem saída e é alvo de traições inesperadas, Juan descobre que também o seu mundo se prepara para ser violento com ele. Juan cometeu demasiados erros, mas o seu filho ainda pode ser salvo.

After his teenage gay son starts secretly cross-dressing and suffers a violent attack, Juan, a withdrawn manager at a mannequin factory struggles between paying his son's exorbitant medical bills and his last attempt at becoming partners with his boss. As he runs into dead-ends and unexpected betrayals, he'll discover the world he knew was waiting to be violent with him too. Juan has made too many mistakes, but his son can still be saved.

NUNCA VAS A ESTAR SOLO YOU'LL NEVER BE ALONE

Realização / Director
Álex Anwandter

Chile / Chile, 2016, 81'

Longa-Metragem de Ficção
Feature Film

Cor / Colour

DCP

v.o. espanhola, legendada em inglês e português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Álex Anwandter

Montagem / Editing
Felipe Gálvez, Álex Anwandter

Fotografia / Photography
Matías Illanes

Som / Sound
Diego Aguilar

Produção / Production
Isabel Orellana Guarello

Intérpretes / Cast
Sergio Hernández, Andrew Bargsted, Jaime Leiva, Antonia Zegers, Edgardo Bruna, Gabriela Hernandez

www.widemanagement.com

O quarto do filho

Álex Anwandter tem-se afirmado no panorama pop chileno como compositor e vocalista, desde 2005. A par da música, tem manifestado o gosto pelas imagens, assinando a realização dos seus telediscos. “Cómo puedes vivir contigo mismo?”, de 2011, mostra um cortejo de figuras sexualmente ambivalentes, num ambiente *ballroom*. Do mesmo ano, “Tormenta” ensaia a relação entre casais de diferentes orientações sexuais, revelando já um gosto cinematográfico, comprovado pelo brilhante “Rebeldes”, onde o cantor entrega o seu corpo a uma subtil e austera coreografia homoerótica, com outro ator.

Em 2012, um crime homofóbico ocorrido em Santiago, tira a vida ao jovem Daniel Zamudio, que Anwandter vem a saber ser seu fã. Motivado por este crime, decide dar a conhecer esta história, sob a forma de uma ficção que começa imediatamente a escrever e que dará origem a *Nunca Vas A Estar Solo*.

Juan vive só com o filho adolescente, Pablo, estudante de dança e gay. Pablo tem frequentes encontros sexuais com Félix, embora este não admita a sua homossexualidade. Uma tarde, o rapaz é vítima de um ataque homofóbico que o deixa em coma, e ao pai com uma sede de vingança, frustrada pela justiça, tendo que recorrer a esquemas ilegais para conseguir o dinheiro para as cirurgias do filho. Dos telediscos, Anwandter traz a experiência em contar histórias pelas imagens, destacando-se o trabalho do ator Sergio Hernández na complexidade interior e silenciosa de Juan.

No segundo ato, Pablo passa a habitar o filme apenas na forma de espectro, deslocando-se o foco do drama para Juan. E é na ausência do filho que o pai o descobre e se deixa fascinar por ele. Um brilhante dispositivo narrativo, que imprime força original a esta primeira obra, onde se sente o pulso da vontade e um salutar impulso político, que nos faz antecipar o que virá a seguir deste ainda jovem realizador. J.F.

The Son's Room

Álex Anwandter has established himself on the Chilean Pop scene as a singer and songwriter since 2005. He has also demonstrated his love of images, directing his own music videos. “Cómo puedes vivir contigo mismo?”, dating from 2011, shows a parade of sexually ambivalent characters in a ballroom setting. “Tormenta”, from the same year, stages the relationship between couples of different sexual orientation and heralds a cinematic sensibility, reaffirmed in the brilliant “Rebeldes”, in which the singer engages in a subtle and austere homoerotic choreography with another actor.

In 2012 Daniel Zamudio, a young Chilean man, was the victim of a homophobic murder in Santiago. Anwandter discovered Zamudio had been a fan, and immediately decided to set about transforming his story into a feature film, *Nunca Vas A Estar Solo*, to make it more widely known. Juan lives with his teenage son, Pablo, a gay dance student. Pablo has frequent sexual encounters with Félix, who however is unwilling to admit he is homosexual. One afternoon, the young man is the victim of a homophobic attack and is left in a coma; his father's thirst for vengeance is frustrated by the judicial system, and he has to resort to illegal schemes to raise money for his son's operations. In his music videos, Anwandter learned to tell stories through images, and the work of actor Sergio Hernández is particularly notable in rendering Juan's inner and silent complexity.

In the second act, Pablo becomes a mere ghost, and the drama now focuses upon Juan. In the absence of his son, the father discovers him and is fascinated. A brilliant narrative device, which gives this first feature a very original strength, full of will and a healthy political verve, and leaves us looking forward to the next offerings from this young director. J.F.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Álex Anwandter é um músico e realizador chileno, nascido em Santiago, em 1983. A sua carreira como músico começou em 2005. Em 2012, começou uma nova fase do seu percurso: sensibilizado com a morte de Daniel Zamudio, um jovem que foi morto num crime de ódio em Santiago e que era fã do seu trabalho, Anwandter escreveu o seu primeiro argumento, *Nunca Vas A Estar Solo*.

Álex Anwandter is a Chilean musician and filmmaker born in Santiago, Chile, 1983. His career as a musician started in 2005. In 2012 he starts preparing a new phase in his career: moved by the murder of young Daniel Zamudio, a gay boy murdered in a hate-crime in Santiago and fan of his work, Anwandter writes his first script *You'll Never Be Alone*.



Álex Anwandter

Take Me To The River



24 COMPETIÇÃO OFICIAL

Uma reunião de família no Nebraska não podia parecer mais chata para um adolescente gay californiano. Se Ryder escolhesse, este seria o momento para mostrar aos seus familiares conservadores as suas verdadeiras cores, quanto maior a cena, melhor. No entanto, a pedido da mãe, Ryder concorda não fazer nada, exceto pavonear-se pelo piquenique com o seu par audaz de calções muito curtos. As palhaçadas de Ryder suscitam a desconfiança dos seus familiares cowboys, mas a jovem Molly, de 9 anos, não se cansa. Ela segue o seu primo porreiro da Califórnia para todo o lado. Depois de almoço, eles vão para o celeiro à procura de um ninho de pássaros nas vigas. Este encontro estranho, e tudo o que aconteceu enquanto os dois escaparam ao olhar atento da família, faz de Ryder o súbito alvo de suspeita e coloca-o no centro de um segredo de família há muito enterrado.

A Nebraskan family reunion couldn't seem more backwards to a gay Californian teenager. If Ryder had his way, he'd choose a moment just like this to show his conservative relatives his true colors, the bigger the scene the better. For his mother's sake however, Ryder agrees to keep quiet, save parading around the picnic in his most audacious pair of short-shorts. Ryder's antics raise dubious eyebrows from his hardened cowboy relatives, but 9-year-old Molly can't get enough. She follows her cool California cousin everywhere. After lunch, they walk to the barn to look for a bird's nest in the rafters. Their strange encounter, and whatever happened while the two escaped their family's watchful eyes, makes Ryder the sudden target of suspicion, and places him at the center of a long buried family secret.

TAKE ME TO THE RIVER

Realização / Director
Matt Sobel

EUA / USA, 2015, 84'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Cor / Colour

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Matt Sobel

Montagem / Editing

Jacob Secher Shulsinger

Fotografia / Photography

Thomas Scott Stanton

Produção / Production

Matt Sobel

Intérpretes / Cast

Robin Weigert, Logan Miller, Josh Hamilton,
Ursula Parker, Richard Schiff, Azura Skye

www.takemetotheriver-film.com

Choque de culturas

O cinema queer tem acolhido várias primeiras obras que inscrevem desde logo como promissoras as visões e possibilidades que moram pela frente de cineastas que deixam logo ali bem evidente que são nome a acompanhar com atenção. Matt Sobel é mais um nome a juntar a esta lista. E, com o assombroso *Take Me To The River*, que cativou atenções por ocasião da sua estreia em Sundance em 2015, apresenta uma primeira obra de grande solidez narrativa, mostrando uma vontade em acompanhar a pulsão do realismo que conduz a história com um sentido estético que não secundariza as formas, cores e ritmos que fazem do cenário rural em pleno Nebraska a moldura que acolhe uma trama que vive do choque de culturas dentro de uma mesma família.

O filme começa por nos colocar num carro, questionando o jovem protagonista Ryder se os pais tinham informado os familiares com que se iam encontrar, sobre a sua homossexualidade. O que é dado assimilado para o núcleo familiar que vem da Califórnia não parece ser informação que a mãe (que cresceu no lugar que vai acolher a reunião) queira ali partilhar. E, de facto, tanto a roupa e os modos que Ryan traz contrastam com os comportamentos que encontra entre tios e primos. Um mal-entendido, que levanta possíveis leituras de abuso sobre uma jovem prima, desequilibra a aparente paz familiar, abrindo no protagonista um quadro de inquietude que, tão focado que ele está em si e no seu “segredo”, encara em função de um silêncio que não aceita. E é entre a gestão de novos e velhos silêncios, num filme que vinca o contraste entre a placidez rural e as tensões incômodas de atitudes aparentemente desproporcionadas, que Matt Sobel usa o choque entre o jovem californiano e os comportamentos da sua família crescida em meio rural para adubar a teia de intensas tensões que arrebatam a nossa atenção. N.G.

Culture shock

There have been a number of works in queer cinema that have expressed the promising visions and future potential of filmmakers who make it clear from the very onset that their careers will deserve attention. Matt Sobel has earned his inclusion in this list. His haunting debut *Take Me To The River*, which garnered much attention upon its debut at Sundance in 2015, is a remarkably solid narrative; the realist drive of the story is matched by an aesthetic sense that does not merely relegate to the background the forms, colours, and rhythms of rural Nebraska which frame a plot based on culture shock within a single family.

The film begins inside a car, where young Ryder questions his parents on whether they informed the relatives they will be visiting of his homosexuality. His mother - who grew up with those relatives - does not seem willing to share what is otherwise a given for this Californian nuclear family. And indeed, both Ryder's clothes and his mannerisms contrast sharply with those of his uncles and cousins. A misunderstanding, which raises the ghost of possible abuse against a young female cousin, unbalances the apparent family harmony, and unleashes a great unease within the protagonist, one that he - so focused is he on his own “secret” - translates as a function of an unacceptable silence.

And - in a film which underlines the contrast between rural peacefulness and the uncomfortable tensions of apparently disproportionate attitudes - it is precisely in the management of these new and old silences that Matt Sobel employs the contrast between the young man from California and his rural family, to enrich the plot with an intense suspense, which captures our attention. N.G.

2015
Take Me To The River
Longa-Metragem / Feature Film

2012
Oyster
Curta-Metragem / Short Film

2009
X to Y
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Matt Sobel tem 29 anos e tem sido um ativo argumentista e cineasta ao longo dos últimos 15 anos. Licenciou-se pelo departamento de Arte da UCLA e vive em Los Angeles. Em 2014 foi nomeado um dos 25 novos nomes do cinema independente pela *Filmmaker Magazine*. Atualmente tem entre os seus planos a adaptação do romance *The Scorpio Races*, para a Focus Feature.

Matt Sobel is 29, and has been an active screenwriter and filmmaker for the past 15 years. Matt graduated from UCLA's department of Art and lives in Los Angeles. Matt was named one of 2014's 25 New Faces of Independent Film by *Filmmaker Magazine*. He is currently slated to direct Focus Feature's adaptation of the hit young adult novel, *The Scorpio Races*.



Matt Sobel

Te Prometo Anarquía I Promise You Anarchy



26 COMPETIÇÃO OFICIAL

Te Prometo Anarquía conta a história de Miguel, jovem de uma família de classe média, e Johnny, de um bairro humilde, ambos skaters, melhores amigos e namorados. Para financiarem o seu estilo de vida vendem o seu próprio sangue, e o do seu grupo de skaters e conhecidos, a clínicas clandestinas, até que uma grande entrega à máfia corre mal.

Love story *I Promise You Anarchy* centers on Miguel, from a middle-class family, and Johnny, from a humble barrio, who are skateboarders, best friends and lovers. To finance their lifestyle, they sell their own blood, and those of their gang of skateboarders and acquaintances, to clandestine clinics, until a big delivery job for the mafia goes wrong.

TE PROMETO ANARQUIA I PROMISE YOU ANARCHY

Realização / Director
Julio Hernández Cordón

México, Alemanha / Mexico, Germany,
2015, 88'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Cor / Colour

DCP

v.o. espanhola, legendada em inglês e
português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Julio Hernández Cordón

Montagem / Editing
Maurício Lenz Claure

Fotografia / Photography
María Secco

Som / Sound
Axel Muñoz, Alex de Icaza

Produção / Production
Sandra Gómez, Maximiliano Cruz, Julio
Hernández Cordón

Intérpretes / Cast
Diego Calva Hernández, Eduardo Martínez
Peña, Sarah Minter, Martha Claudia Moreno,
Gabriel Casanova Miralda

www.latidofilms.com

A balada de Miguel e Johnny

Quando em 1995, Larry Clark lança *Kids*, causou uma onda de choque pela forma explícita como explorava a sexualidade na adolescência. Desde então, o cinema parece ter quebrado essa barreira de preconceito, alterando-se o modo como são representadas as problemáticas da juventude e das suas diferentes tribos, sem temer a representação gráfica do corpo e do sexo. Uma dessas tribos mais apetecidas pelo cinema tem sido a dos skatistas – pensemos em Gus Van Sant, Harmony Korine ou no próprio Clark. Realizadores a cujas obras o mexicano Julio Hernández Cordón sem dúvida foi beber, quando idealizou *Te prometo anarquía* – como não lembrar River Phoenix nos braços de Keanu Reeves em *My Own Private Idaho*, de Van Sant, quando Miguel pega em Techno ao colo, no metro da Cidade do México?

Hernández Cordón recruta dois atores não profissionais para dar corpo a Miguel (Diego Calva) e Johnny (Eduardo Martínez Peña), cuja oscilante história de amor serve de pano de fundo a um retrato cru e honesto da juventude numa Cidade do México tomada pelo crime organizado e pelo comércio paralelo. Os dois jovens estão envolvidos num esquema de recrutamento de “vacas” para, em troca de dinheiro, doarem sangue a uma máfia de tráfico, alimentada pelas guerras dos cartéis de droga e venda ilegal a clínicas.

Se os corpos nus de Miguel e Johnny parecem de uma inocência imaculada e desarmante, frente a esta realidade enegrecida, também os corpos dos rapazes estão corrompidos: Johnny pela hepatite C e Techno por uma anemia. Tirando o maior partido da complexa relação entre Miguel e Johnny, *Te prometo anarquía* apresenta-nos um registo quase documental que evita qualquer facilitismo formal, perdendo o tempo necessário nos belíssimos enquadramentos dos jovens a percorrer a arquitetura da cidade ou nos *travellings* acompanhando-os sobre os skates, conferindo ao filme um delicado balanço poético escavado de uma brutal realidade. J.F.

The ballad of Miguel and Johnny

When Larry Clark released *Kids*, in 1995, he stirred a shockwave because of the graphic representation of sexuality in adolescence. Since then, cinema seems to have crossed that barrier of prejudice, and the means by which it represents youth issues and their different tribes no longer fears the graphic representation of the body and the sexual act. One of the most sought-after youth tribes in film has been that of skaters – let us recall Gus Van Sant, Harmony Korine or Clark himself. Directors from whose works Mexican filmmaker Julio Hernández Cordón undoubtedly sought inspiration when idealizing *Te prometo anarquía* – how not to remember River Phoenix in the arms of Keanu Reeves in Van Sant’s *My Own Private Idaho*, when Miguel holds Techno in his arms in the Mexico City subway?

Hernández Cordón casted two non-professional actors to embody Miguel (Diego Calva) and Johnny (Eduardo Martínez Peña), whose troubled love story serves as backdrop to a crude and honest portrait of a Mexico City youth in a city drowned in organized crime and illegal trade.

The two youngsters are involved in a scheme that recruits “cows” who, in exchange of money, donate blood to a traffic mob fuelled by drug cartel wars and illegal trade with clinics. Miguel and Johnny’s bare bodies seem immaculately and disarmingly innocent in contrast with this obscure reality, but the boys’ bodies are also corrupted: Johnny by Hepatitis C, and Techno by anaemia. Taking the most advantage of the complex relationship between Miguel and Johnny, *Te prometo anarquía* is filmed in a quasi-documentary style avoiding any sort of formal facility, spending the necessary time in the beautiful frames of the boys against the city architecture or in *travellings* following them in their skates, offering the film a delicate poetic balance excavated from a harsh reality. J.F.

2015

Te prometo anarquía
Longa-Metragem / Feature Film

2012

Hasta el sol tiene manchas
Documentário / Documentary

2012

Polvo
Longa-Metragem / Feature Film

2010

Las marimbas del infierno
Documentário / Documentary

2008

Gasolina
Longa-Metragem / Feature Film

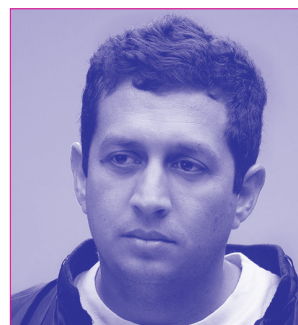
2003

KM 31
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Julio Hernández Cordón cresceu entre o México, Guatemala e Costa Rica. Realizou a longa-metragem de ficção *Gasolina*, que venceu o prémio Horizontes do Festival de San Sebastián, bem como o documentário *Las Marimbas del Infierno* e o filme *Polvo*. *Te Prometo Anarquía* é o seu mais recente filme e estreou mundialmente no Festival de Cinema de Locarno.

Julio Hernández Cordón was raised in Mexico, Guatemala, and Costa Rica. He directed the fiction feature *Gasolina*, which won the Horizontes award at Festival de San Sebastián, as well as the documentary *Las Marimbas del Infierno* and the feature *Polvo*. *Te Prometo Anarquía* is his latest film and premiered worldwide at Locarno Film Festival.



Julio Hernández Cordón

Tickled



28 COMPETIÇÃO OFICIAL

Depois de encontrar, por acaso, um vídeo de “resistência competitiva a cócegas”, onde jovens são pagos para serem amarrados e lhes fazerem cócegas, o jornalista David Farrier vai à procura da história dessa empresa. Mas o que acaba por descobrir é chocante – o remetente ridiculariza a orientação sexual de Farrier e ameaça-o com um processo em tribunal se tentar descobrir algo mais. Então, como qualquer bom jornalista confrontado por um *bully*, faz exatamente o oposto: viaja até às instalações secretas de cócegas, em Los Angeles, e descobre um grande império, conhecido por assediar e prejudicar a vida de todos os que protestam contra o seu envolvimento nesses filmes. Quanto mais investiga, tudo fica mais estranho, descobrindo identidades secretas e atividades criminosas.

After stumbling upon a bizarre “competitive endurance tickling” video online, wherein young men are paid to be tied up and tickled, reporter David Farrier reaches out to request a story from the company. But the reply he receives is shocking — the sender mocks Farrier’s sexual orientation and threatens extreme legal action should he dig any deeper. So, like any good journalist confronted by a bully, he does just the opposite: he travels to the hidden tickling facilities in Los Angeles and uncovers a vast empire, known for harassing and harming the lives of those who protest their involvement in these films. The more he investigates, the stranger it gets, discovering secret identities and criminal activity.

TICKLED

Realização / Director
David Farrier, Dylan Reeve

Nova Zelândia / New Zealand, 2016, 92'

Documentário / Documentary

Cor / Colour

DCP

v.o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Montagem / Editing
Simon Coldrick

Fotografia / Photography
Dominic Fryer

Produção / Production
Carthew Neal

www.magpictures.com

Não me procures que me encontras

Especializado em histórias bizarras, o jornalista David Farrier descobriu o fetiche sexual das cêcegas através de um anúncio que oferecia substanciais trocos a atletas dispostos a participar numa Competição de Resistência. Não sabia até que ponto tinha perante si a sua próxima história mediática. Tal como qualquer um que descobrisse pela primeira vez invulgares fetiches como o dos *furries*, as fraldas ou os *feeders*, ficou excitadamente surpreendido. E ficaria mais ainda quando os misteriosos organizadores do tal torneio, de aspeto claramente homoerótico, começaram a enviar-lhe ameaças homofóbicas. A partir de então, a espiral de conspirações na que se veria imerso junto do seu sócio Dylan Reeves foi filmada com pulso e cabeça fria.

Tickled capta, com a força de um relato jornalístico cativante e medonho, um original e estranho artefacto que acaba por se revelar uma reflexão sobre o anonimato e o acosso nas redes, e não só. Também como um exemplo do sacrifício de um jornalista por espremer até ao fundo o sumo de uma história: os realizadores continuam a fazer uma chamada a partir do seu site para as pessoas contribuírem para a descoberta dos culpados escondidos atrás da mercantilização do insólito “desporto”.

Contado com o ritmo de um thriller e sob o rigor de outras séries documentais recentes da HBO, como *The Jinx*, *Tickled* propõe um delirante jogo de identidades e incertezas: enquanto se descobre algo novo, aparece um novo enigma perante o qual é impossível não se ficar preso. É um atraente documentário jornalístico, mas também uma comédia aterradora. A colocação de câmaras ocultas e registos de áudio, sempre sob um clima de ameaça constante, transportam um traço de inquietante mistério. Um mistério que, tal como a tortura das cêcegas, flutua entre o riso involuntário e a tirania do incomfortável. C.R.

Don't look for me, you will find me

Specialized in bizarre stories, journalist David Farrier discovered the sexual fetish of tickling through an ad that offered substantial compensation for “athletes” willing to participate in an endurance competition. He was not aware to what point he had in front of him his next mediatic story. Just like anyone discovering for the first time specific fetishes like that of furries, diapers, or feeders, he was surprised and also aroused. He would become even more stunned when the mysterious organizers of that tournament, with a clear homoerotic context, started sending him homophobic threats. From then on, the spiral of conspiracies in which he would be involved together with this partner Dylan Reeves was filmed with determination and also rational cool.

Tickled captures, with the strength of a reporter’s description that is captivating and also gore, an original, strange artefact that ends up becoming a reflexion on anonymity and bullying in the web, and more. Also as an example of a reporter’s sacrifice to “squeeze” a story up to the limits: the directors continue to call on their website for the cooperation of others in order to uncover those who are guilty and hide behind the unusual “sport”.

Told with the rhythm of a thriller and the truthfulness of HBO’s recent documental series, such as *The Jinx*, *Tickled* proposes a mind-blowing game of identities and uncertainties: while you discover something new you are faced with a new enigma from which it is impossible to escape. This work is an attractive journalistic documentary, but also a horrific comedy. The usage of hidden cameras and audio records, always in a climate of constant threats, bear a property of unsettling mystery. Mystery which, just like the tickling torture, fluctuates between involuntary laughter and the tyranny of the unbearable. C.R.

*2016
Tickled
Documentário / Documentary

*2014
Morgan's Time
Curta-Metragem / Short Film

*2013
Incredibly Advanced Robotics
Curta-Metragem / Short Film

*2012
Tilting at Windmills
Curta-Metragem / Short Film

*2008
The End
Curta-Metragem / Short Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Tendo nascido no Dia de Natal e crescido numa cidade chamada Bethlehem, David Farrier sempre teve um fascínio pelo lado estranho da vida. Licenciou-se em jornalismo pela Auckland University of Technology. Apresentou o programa de rádio *The Cryptid Factor* e protagonizou a série da Netflix *Short Poppies*. Escreve para várias publicações e websites. *Tickled* é o seu primeiro documentário.

Born on Christmas Day and having grown up in a town called Bethlehem, David Farrier has always been drawn to the stranger side of life. Graduated in journalism from Auckland University of Technology. He hosted the radio show *The Cryptid Factor* and starred the Netflix comedy series *Short Poppies*. He writes for a variety of publications and websites. *Tickled* is his first feature length documentary.

Desde os oito anos que *Dylan Reeve queria trabalhar em televisão e cinema. Depois de deixar a escola acabou por, acidentalmente, seguir uma carreira no ramo da tecnologia e Internet. Tem trabalhado na pós-produção de filmes e programas televisivos. Escreveu, produziu e realizou várias curtas-metragens. *Tickled* é o seu primeiro documentário.

*Dylan Reeve knew at the age of eight that he wanted to make TV shows and movies. After leaving school he accidentally fell into a career in IT and the Internet. He has been working in film and television post-production. He has also written, produced and directed a handful of short films. *Tickled* is his first feature length documentary.



David Farrier, Dylan Reeve

La Vanité Vanity



30 COMPETIÇÃO OFICIAL

David Miller está de tal forma doente que decide acabar com a própria vida. Mas, apesar de todos os esforços em escolher o lugar para o fazer, a data e o método, nada corre como planeado. Todos os que lhe prometeram ficar ao seu lado, desistiram. David Miller não tem outra escolha se não a de confiar na ajuda de estranhos: Esperanza, de uma associação pela eutanásia e morte assistida, e Tréplev, o jovem prostituto que vive no quarto ao lado. No final da noite, que é suposto ser a sua última, será que a Morte o vai levar?

David Miller is so ill that he has decided to end it all. But despite his best efforts to choose the place, the date and the method, nothing works out as planned. All of those who said they would be at his side back out. David Miller has no choice but to rely on the help of complete strangers: Esperanza, from the euthanasia and assisted suicide association, and Tréplev, the young prostitute in the next room. At the end of this night which is meant to be his last, will Death be taking him?

LA VANITÉ VANITY

Realização / Director
Lionel Baier

Suíça, França / Switzerland, France,
2015, 74'

Longa-Metragem de Ficção
Feature Film

Cor / Colour

DCP

v.o. francesa, legendada em inglês e
português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Lionel Baier, Julien Boissoux

Montagem / Editing
Jean-Christophe Hym

Fotografia / Photography
Patrick Lindenmaier

Produção / Production
Frédéric Mermoud, Estelle Fialon

Som / Sound
Vincent Kappeler

Intérpretes / Cast
Patrick Lapp, Carmen Maura, Ivan Georgiev,
Adrien Barazzone, Nina Théron, Pierre-Isaïe
Duc

www.widemanagement.com

NOITE DE ABERTURA / OPENING NIGHT

Quarta-Feira Wednesday 5 • Teatro Rivoli, Auditório Isabel Alves Costa, 21h30

Três perdidos numa noite escura

Lionel Baier tem revelado, na sua já extensa filmografia, não apenas um eclético interesse pelos mais variados temas, mas uma enorme curiosidade formal, que tem vindo a experimentar ao longo dos tempos. O seu cinema tem-se pautado por uma acutilante ironia, um certo humor negro e um sentido de humanidade das personagens, tendo como base argumentos sólidos de uma escrita invulgarmente cuidada. Se a sua primeira longa, *Garçon Stupide* (2004), uma história de descoberta da sexualidade, já havia chamado a atenção para estes aspetos, filmes como *Comme des voleurs (à l'est)* (2006) – um exercício de autoironia tocando o tema da imigração –, ou *Les grandes ondes (à l'ouest)* (2013) – uma comédia com o 25 de Abril como fundo –, comprovam essa procura.

Estreado na secção paralela ACID do Festival de Cannes de 2015, *La Vanité* vem dar um novo passo nesta trajetória. Nas vésperas de Natal, num outrora glorioso e agora decrépito motel suíço, três inusitadas personagens cruzam caminhos. David Miller (Patrick Lapp) aluga aí um quarto, onde vai ser submetido a uma eutanásia por Esperanza (uma magnífica Carmen Maura). No quarto ao lado, um prostituto eslavo, Tréplev (Ivan Georgiev), vai aviando clientes. Pode um filme sobre a eutanásia ser um filme feliz? Pode. Lionel Baier, através de um rebuscado argumento, constrói uma série de reviravoltas, com o mérito de nunca transformar, nem personagens, nem história, em caricaturas ou lugares-comuns, contribuindo antes para a sua crescente humanização e relação empática com o espectador.

Se o ambiente sonoro feito sobre composições de Shostakovich nos remete para um universo do *film noir*, o forte classicismo da realização tem claras citações à obra de Hitchcock e a direção de arte ao universo de Edward Hopper. É neste universo que três desconhecidos constroem laços, na procura de um final talvez um pouco mais feliz para as suas vidas. J.F.

Three people, lost in a dark night

In his already considerable oeuvre, Lionel Baier has revealed both an eclectic interest in the most varied themes and a great formal curiosity, which he has been experimenting with over time. His cinema has always been marked by its sharp irony, black humour, and the great humanity of its characters, based on solid and uncommonly thoughtful scripts. His first feature, *Garçon Stupide* (2004), a coming of age story, was a first example in which these characteristics shone; films such as *Comme des voleurs (à l'est)* (2006) – an exercise in self-irony touching upon the issue of immigration – or *Les grandes ondes (à l'ouest)* (2013) – a comedy with the Portuguese revolution of April 1974 as a backdrop – further affirmed Baier's quest.

La Vanité, first screened at the parallel ACID section of the 2015 Cannes Film Festival, is yet another step in the same direction. On Christmas Eve, in a once glorious but now decrepit Swiss motel, the paths of three unusual characters cross. David Miller (Patrick Lapp) is renting a room in which he will be euthanized by Esperanza (a magnificent Carmen Maura). Next door, a Russian prostitute, Tréplev (Ivan Georgiev), receives his clients. Can a film about euthanasia be a happy one? It can indeed. The careful script helps Baier construct a series of twists, while he avoids transforming either characters or story into caricatures or clichés, contributing instead to their increasing humanization and emphatic connection with the viewer.

The soundtrack, featuring works by Shostakovich, leads us towards the universe of *film noir*, while the classicist direction clearly quotes Hitchcock's films, and the art direction Edward Hopper's paintings. And it is precisely within this framework that three strangers build connections, in the hope of a perhaps happier ending to their lives. J.F.

2015

La Vanité
Longa-Metragem / Feature Film

2013

Les Grandes ondes (à l'ouest)
Longa-Metragem / Feature Film

2011

Bon Vent/Claude Goretta
Documentário / Documentary

2010

Low Cost (Claude Jutra)
Longa-Metragem / Feature Film

2010

Toulouse
Longa-Metragem / Feature Film

2008

Une Autre homme
Longa-Metragem / Feature Film

2006

Comme des voleurs (à l'est)
Longa-Metragem / Feature Film

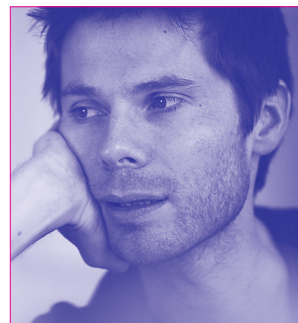
2004

Garçon Stupide
Longa-Metragem / Feature Film

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Lionel Baier nasceu em Lausanne, em 1975, no seio de uma família suíça, de origem polaca. Em 2000, realizou a sua primeira longa-metragem, *The Pastor's*, um documentário sobre o seu pai, um pastor do cantão de Vaud. Realizou *Low Cost (Claude Jutra)*, o primeiro filme suíço filmado com um telemóvel. Em setembro de 2014, recebeu o prémio Grande Culture, da Fondation Vaudoise pour la culture.

Lionel Baier was born in Lausanne in 1975 into a Swiss family of Polish origin. In 2000, he made his first film, *The Pastor's*, a documentary about his father, a pastor in the canton of Vaud. He directed *Low Cost (Claude Jutra)*, Switzerland's first film shot with a mobile phone. In September 2014, Lionel Baier received the Grande Culture Award of the Fondation Vaudoise pour la culture.



Lionel Baier

fundação

LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

The promotion and protection of the human rights of lesbian, gay, bisexual, and transgender (LGBT) persons is a specific focus of U.S. engagement around the world. U.S. diplomacy, foreign assistance and other activities abroad seek to advance the goal of ensuring that efforts to promote and protect LGBT human rights are fully integrated into our broader attempts to advance freedom and dignity for all people.



*"We know, without a doubt, that LGBT rights are human rights, and human rights are LGBT rights."
- Robert A Sherman*

*"We are big and vast and diverse; a nation of people with different backgrounds and beliefs, but bound by our shared ideal that no matter who you are or what you look like, how you started off, or how and who you love, America is a place where you can write your own destiny."
- Pres. Obama, June 26, 2015*

U.S. Embassy Lisbon



Retrospectiva
Retrospective

New Queer
Cinema

Bad Boys and Wild Girls

João Ferreira

* Diretor Artístico do Queer Porto

* Queer Porto Artistic Director



© Rafael Amambathy

Walt e Johnny, Broom e Bolton, Luke e Jon, “Dickie” e “Babe”, Max e Ely, Cheryl e Diana não são os habituais heróis da narrativa cinematográfica. São prostitutas, violadores, assassinos, ninfomaníacos, ativistas. E são alguns dos rostos que mudaram o rumo do cinema independente norte-americano e encheram o imaginário de muitos espectadores. São os rostos de uma revolução cultural a larga escala e de uma revolução política. Uma revolução com nome, data e consequências até aos dias de hoje. O New Queer Cinema surge, cunhado com esse nome, no início da década de 1990, a propósito de uma “nova vaga” de filmes apresentados no Festival de Sundance, que chamaram a atenção da crítica. A ensaísta norte-americana, B. Ruby Rich, cunhou o que parecia ser um movimento em formação de “New Queer Cinema”, num famoso artigo publicado na *Sight & Sound*. Estas novas propostas, que viriam mesmo a originar um movimento maior, com forte expressão até aos dias de hoje, romperam com uma longa linhagem de representações de personagens queer, não apenas durante as décadas opressoras do Código Hays em Hollywood, mas do próprio chamado “cinema gay” da década de 1980. Se no cinema da idade de ouro, as personagens queer estavam proibidas de expressar a sua sexualidade e eram frequentemente representadas como doentes, marginais, ou simplesmente ausentes (veja-se a grande maioria das adaptações ao cinema dos anos 1940 e 50 do teatro de Tennessee Williams); e o “cinema gay”, muito por uma atitude política – salutar, aliás –, procurou construir uma imagem “positiva” dos indivíduos queer, em plena eclosão da epidemia da Sida (vejam-se filmes como *Longtime Companion* ou *Torch Song Trilogy*), o New Queer Cinema vem subverter uma certa ideia de igualdade e de integração: que as personagens queer são tão complexas como todas as outras, ou seja, longe do binário do bom e do mau. Tal como qualquer movimento artístico ou revolução cultural, o New Queer Cinema tem as suas raízes, tem fortes alicerces e uma linhagem da qual foi beber e sobre a qual se constituiu como um expoente. O cinema marginal de realizadores como Kenneth Anger, Jack Smith ou Andy Warhol, entre inúmeros outros, já apontavam para esta complexificação das personagens queer; sem esquecer a frequentemente maltratada herança da

Walt and Johnny, Broom and Bolton, Luke and Jon, “Dickie” and “Babe”, Max and Ely, Cheryl and Diana: none of them is the usual film hero. They are prostitutes, rapists, murderers, nymphomaniacs, activists. And they are some of the faces that changed the course of North American independent cinema and filled the imagination of many viewers. They are the faces of a large-scale cultural revolution, and of a political revolution. One with a name, date, and ramifications that stretch to the present day.

New Queer Cinema emerged, under this name, in the early 1990s; it identified a “new wave” of films shown at the Sundance Film Festival that drew critics’ attention. American essayist B. Ruby Rich coined the name for the emerging movement, “New Queer Cinema”, in a celebrated article in *Sight & Sound* magazine. These new works, which did indeed kickstart a larger movement, still strongly active today, broke with a long tradition of queer character representation, which although first established during the oppressive decades of the Hays Code, also persisted in the so-called “gay cinema” of the 1980s. In the films of the Golden Age, queer characters were forbidden to express their sexuality, and were frequently represented as sick, outsiders, or simply erased out (see for instance the large majority of 1940s and ‘50s film adaptations of Tennessee Williams’ plays); in “gay cinema” an – indeed beneficial – political attitude led to the construction of a “positive” image of queer individuals, at the peak of the AIDS epidemic (see films such as *Longtime Companion* and *Torch Song Trilogy*); New Queer Cinema, however, subverted a certain idea of equality and integration, suggesting that queer characters are as complex as everyone else, that is, far from the simple binary opposition of good and evil.

As any artistic movement or cultural revolution, New Queer Cinema has its roots, strong foundations, and a lineage from which it drew, and upon which it built its own personality. The underground cinema of directors such as Kenneth Anger, Jack Smith, and Andy Warhol, among many others, already pointed towards such an increased complexity of queer characters; we should also recall the often mistreated legacy of gay pornography by directors such as Bob Mizer, Wakefield Poole, and Avery

pornografia gay de realizadores como Bob Mizer, Wakefield Poole ou Avery Willard, que nos ensinaram que o desejo entre homens é positivo e que a sua sexualidade deve ser vivida. Estes muitos cinemas também nos deram rostos (embora na sua maioria sem nome), que constituíram uma história da cultura e do cinema queer, e salvaram muitos espectadores do isolamento e incompreensão da sua própria sexualidade.

Se o espírito, mas também os dispositivos narrativos e estéticos do New Queer Cinema, não são totalmente novos, mas reinventados sobre esta história, há um filme que podemos definir como inaugural deste movimento.

Mala Noche, primeira longa-metragem de Gus Van Sant, estreada em 1986, faz adivinhar, cinco anos antes, o que está para vir nas edições de Sundance de 1991 e 1992. Rodado a preto e branco (à exceção de um *insert* de câmara amadora, a cores, rodada dentro da ficção), o filme é narrado por Walt (Tim Streeter), dono de uma mercearia em Portland, no Oregon, que vê passar pela sua loja jovens imigrantes clandestinos, vindos do México. Se a narração de Walt é reminescente da *spoken word* dos vários registos deixados pelos poetas *beat*, o trabalho de câmara e a fotografia são evocativos da tradição do cinema independente americano. Walt rapidamente cai de amores por Johnny (Doug Cooney), mas a forma mais fácil de chegar a ele é através de Roberto (Ray Monge), mais disponível a vender o corpo por dinheiro. Eventualmente, os três partem juntos numa *road trip*, onde Van Sant faz uso deste bizarro triângulo - que pouco tem de amoroso -, para explorar narrativamente a subversão dos papéis de poder tradicionais do “branco” sobre o “outro”: Walt faz de cão, de joelhos frente a Roberto e Johnny; e deixa-se penetrar por Roberto. Mas Walt está para além de noções de hierarquia, ao afirmar que os seus desejos sexuais não são nada estereotipados. Roberto acaba assassinado pela polícia e Johnny deportado, regressando depois a Portland para abandonar Walt de novo. Van Sant subverte a expectativa de final feliz, o que nos poderia fazer pensar tratar-se de um retrocesso ao dispositivo narrativo da impossibilidade de amor entre homens. Mas, pelo contrário, Walt vive em pleno o seu desejo e a sua sexualidade, e a sua procura por esse desejo faz dele uma personagem feliz. Walt é um novo paradigma queer.

Vencedor do Grande Prémio do Júri de Sundance em 1991, *Poison* é também a primeira longa-metragem de Todd Haynes, e ficou para sempre como um dos filmes que deu origem ao New Queer Cinema, ao lado de *My Own Private Idaho* (1991), de Gus Van Sant, e de *Paris is Burning*, de Jennie Livingston, vencedor do Prémio de Melhor Documentário nesse mesmo ano em Sundance. *Poison* recupera os escritos e o imaginário de uma figura maior (e maldita) da cultura queer, o escritor Jean Genet, nomeadamente *O Milagre da Rosa*, *Nossa Senhora das Flores* e *Diário de um Ladrão*. O filme cruza três diferentes histórias, filmadas em registos estilisticamente diversos. *Hero*, rodado a cores, é a história de Richie Beacon, um miúdo de sete anos que assassina o pai quando este agride a sua mãe, e que desaparecera desde então da sua casa de Long Island. A história é apresentada sob a forma de falso documentário televisivo, com depoimentos de “especialistas”, vizinhos e família, centrando-se no relato da mãe, Felicia Beacon (Edith Meeks), que afirma ter visto o filho levantar voo pela janela, após

Willard, who taught us that desire between men is positive, and that sexuality should be acted out. These many cinemas also gave us the faces (albeit, in their majority, with no names), who forged a history of queer cinema and culture, and saved many viewers from isolation and a lack of understanding of their own sexuality.

If we admit that the spirit, as well as the narrative and aesthetic devices of New Queer Cinema were not wholly new, but rather reinvented upon this history, there is one film that we could define as the pioneer of the movement.

Mala Noche, Gus Van Sant's first feature film, premiered in 1986, heralded with five years of antecedence what would come in the 1991 and 1992 editions of Sundance. Shot in black and white (with the exception of the colour insert of an amateur film, shot as part of the plot), the film is narrated by Walt (Tim Streeter), the owner of a store in Portland, Oregon, whose clients include young undocumented Mexican migrants. While Walt's narration recalls the spoken word of the beat poets, the camerawork and photography recall the tradition of American independent cinema. Walt rapidly falls for Johnny (Doug Cooney), but the easiest way to him is through Roberto (Ray Monge), more than willing to sell himself for money. The three eventually set off on a road trip; Van Sant uses the bizarre triangle – hardly a love one – to narratively explore the subversion of the traditional power roles of the “white” person over the “other”. Walt pretends he's a dog, kneeling in front of Roberto and Johnny; and lets himself be penetrated by Roberto. Walt, however, goes beyond ideas of hierarchy, in stating that his sexual desires are not at all stereotyped. Roberto is eventually killed by the police, while Johnny is deported; later, he returns to Portland only to dump Walt once more. Van Sant subverts our expectations of a happy ending, which could suggest this is a return to the narrative device of the impossibility of love between men. However, Walt lives his desire and sexuality fully, and his pursuit of desire makes him a happy character. Walt is a new queer paradigm.

Poison, the first feature film by Todd Haynes, won the Grand Jury Prize at Sundance in 1991, and went down in history as one of the founding films of New Queer Cinema, alongside Gus Van Sant's *My Own Private Idaho* (1991), and Jennie Livingston's *Paris is Burning* — the latter scooping up the Best Documentary Prize at the same edition of the Sundance Film Festival. *Poison* recaptures the writing and imagery of a major (and damned) figure of queer culture, writer Jean Genet, specifically *The Miracle of the Rose*, *Our Lady of the Flowers*, and *The Thief's Journal*. The film intercuts three different stories, filmed in different styles. *Hero*, filmed in colour, is the story of Richie Beacon, a seven-year-old boy who kills his father when the latter assaults his mother and then disappears from his house in Long Island. The story is presented as a mock TV documentary, including interviews with “specialists”, neighbours, and family members, and focuses upon the mother, Felicia Beacon (Edith Meeks), according to whom her child flew out of a window after the crime. *Horror*, filmed in black and white, adopts the aesthetics of 1950s horror films. Dr. Thomas Graves (Larry Maxwell) claims to have discovered the elixir of “sexual drive”; when he mistakenly drinks the potion, he is transformed in a

o crime. *Horror*, rodado a preto e branco, recupera a estética do cinema de terror dos anos 1950. O Dr. Thomas Graves (Larry Maxwell) afirma ter descoberto o elixir do “desejo sexual”, poção essa que toma por engano, transformando-o num perigoso leproso que contamina toda a cidade. Explorando paralelamente a paixão que a sua assistente, a Dra. Nancy Olsen (Susan Gayle Norman) tem por Graves, é inevitável ler esta história como uma alegoria à epidemia da Sida – alegoria que Haynes recupera na sua obra prima, *Safe*, de 1995. Por fim, intimamente ligado ao universo de Genet, em que o sexo e a violência andam de mãos dadas e a violência atinge um estatuto poético, *Homo* é uma citação direta a *O Milagre da Rosa* e ao filme *Un Chant d'Amour* (1950), do autor francês. Quando pensamos em *Poison*, são seguramente as cores saturadas e a carga sexual homoerótica deste segmento que nos vêm à memória. John Broom (Scott Renderer, interpretado em novo por Tony Pemberton) e Jack Bolton (James Lyons, interpretado em novo por Andrew Harpending) conheceram-se num reformatório - onde havia mesmo sido simulado um casamento entre ambos -, e, anos depois, voltam a encontrar-se na cadeia. No reformatório, Bolton havia sido vítima de um perverso jogo em que os colegas lhe cospem na boca, naquela que é uma das sequências mais belas deste filme. *Homo* explora os perigosos e violentos jogos sexuais entre homens na cadeia e a ligação entre Broom e Bolton, até à consumação do ato sexual entre ambos e a inevitável morte de Bolton. “Love comes slyly, like a thief”, como é referido no filme. *The Living End*, terceira longa-metragem de Gregg Araki, um *road-movie* delirante, que em muito deve ao universo do cineasta John Waters, é a primeira obra deste movimento a trazer para primeiro plano o tema da Sida. Jon (Craig Gilmore) está numa clínica onde é diagnosticado como VIH-positivo. Entretanto, Luke (Mike Dytri) apanha boleia de duas fanáticas religiosas que o querem matar. Luke consegue escapar, ficando-lhes com o carro e a arma. Quando fica apeado na estrada e tem de se proteger de três bandidos, a arma revela-se útil. É aí que apanha boleia de Jon, que o leva para casa, dando-se início à história de amor entre ambos. Jon diz a Luke que é seropositivo, ao que este responde: “welcome to the club, partner.” Uma afirmação que, desde logo, significa uma alteração no tratamento desta temática no cinema queer, ao enfatizar a sexualidade acesa dos corpos dos dois homens, longe de estarem marcados pela doença, longe do estigma. Aliás, num determinado momento, Luke corta os pulsos, apenas para fazer a observação de que não encontra nada de estranho no seu sangue. Luke, que ainda assim sente ter uma sentença de morte sobre a cabeça, entra numa espiral homicida, convencendo Jon a fugir com ele, estrada fora. No duche do quarto de motel, Luke pede a Jon que o penetre, Jon diz não ter ali um preservativo, ao que Luke responde que não se importa. *The Living End* é absolutamente inovador e subversivo na forma como sexualiza a própria morte, abrindo novas janelas sobre a representação do tema da Sida no cinema.

Em 1924, em Chicago, Nathan Leopold, Jr. e Richard Loeb, dois ricos estudantes universitários, raptam e matam Robert Franks, de 14 anos, com o intuito de cometer o crime perfeito e provar a sua superioridade intelectual. Leopold e Loeb eram também amantes. Esta mediática história deu origem à peça de teatro

dangerous leper who contaminates the whole city. In parallel, this thread also explores the passion that Dr. Nancy Olsen (Susan Gayle Norman), Graves' assistant, nurtures for him – a reading of this story as an AIDS allegory is inevitable; Haynes will return to the theme in his 1995 masterpiece, *Safe*. Finally, and intimately connected to Genet's universe, in which sex and violence walk hand in hand, and violence attains a poetic stature, *Homo* directly quotes both *The Miracle of the Rose* and the film *Un Chant d'Amour* (1950), directed by the French author. Whenever we think of *Poison*, the saturated colours and homoerotic sexual charge of this segment are certainly what first springs to mind. John Broom (played by Scott Renderer as an adult, and Tony Pemberton as a youth) and Jack Bolton (played by James Lyons as an adult, and Andrew Harpending as a youth) first met in a reformatory – where a fake marriage ceremony between the two was actually held – and years later connect again, in prison. In the reformatory, Bolton had been the victim of a cruel game, in which his mates spat in his mouth, shown in one of the most beautiful sequences of the film. *Homo* explores the dangerous and violent sexual play between men in jail, and the connection between Broom and Bolton, up to consummation of the sexual act between the two, and the inevitable death of Bolton. “Love comes slyly, like a thief”, as is noted in the film.

The Living End, Gregg Araki's third feature film, is a wild road movie which owes much to the world of filmmaker John Waters, and was the first work in the movement to bring the issue of AIDS centre stage. Jon (Craig Gilmore) is in a clinic, where he is diagnosed as HIV-positive. Meanwhile, Luke (Mike Dytri) hitches a ride with two religious fanatics, who try to kill him. Luke escapes with their car and gun. When he forfeits the car and must protect himself from three thugs, the gun comes in handy. This is when he catches a ride with Jon, who takes him home; and thus begins their love story. Jon tells Luke that he is HIV-positive, to which the latter responds, “welcome to the club, partner.” A statement which clearly announces a different treatment of the issue in queer cinema, by emphasizing the heated sexuality of the two men's bodies, far from showing the signs of the illness, far from stigma. Luke actually cuts his wrists, just to comment that he finds nothing out of the ordinary in his own blood. However, he does feel a death sentence hanging over his head, and descends into a homicidal spiral, convincing Jon to take to the road with him. In a motel room shower, Luke asks Jon to penetrate him, and Jon answers he has no condom; Luke remarks that he does not care. *The Living End* is absolutely innovative and subversive in its sexualisation of death itself, opening new perspective to the representation of AIDS on film.

In Chicago, in the year 1924, Nathan Leopold, Jr. and Richard Loeb, two rich university students, kidnapped and killed 14-year-old Robert Franks, aiming to commit the perfect crime and thus demonstrate their intellectual superiority. Leopold and Loeb were also lovers. This story received great media attention, and was reinterpreted in the play *Rope* (1929), by British playwright Patrick Hamilton, which in its turn was used by Alfred Hitchcock for the script of his film of the same name in 1948. While in Hitchcock's film the relationship between the two protagonists can only be guessed, in 1992 it became the narrative crux of *Swoon*, Tom Kalin's first feature film, in which the director retrieves an



Mala Noche, Gus Van Sant

Rope (1929), do dramaturgo britânico Patrick Hamilton, que por sua vez serviu de base ao argumento do filme homônimo de Alfred Hitchcock, de 1948. Se no filme de Hitchcock apenas podemos adivinhar a relação amorosa entre os dois protagonistas, em 1992, Tom Kalin faz dessa relação o centro dramático da sua primeira longa-metragem, *Swoon*. Kalin revisita aqui um episódio que nenhum artista ou ativista queer querreria recordar, precisamente pela carga negativa dada à questão da homossexualidade. Kalin assina uma obra formalmente irrepreensível, explorando ao máximo as densidades tonais do preto e branco, expondo os corpos de Nathan Leopold Jr. (Craig Chester) e Richard Loeb (Daniel Schlachet) como objetos de desejo, um ao outro e aos olhos do espectador. Com base no conceito nietzschiano do *Übermensch*, Nathan e Richard – ou “Babe” e “Dickie”, como carinhosamente se tratam –, procuram superar-se a si mesmos, criando o crime perfeito. Mas um par de erros fatais e uma falha em fazer coincidir alibis, leva-os ao banco dos réus, onde são condenados a prisão perpétua. Além de formalmente inventivo, Kalin consegue, no argumento, tirar partido das muitas nuances que a questão sexual levantou durante o processo – a relevância de Nathan ser ativo na relação ou a insistência por parte da acusação de que Robert Franks fora sodomizado –, fazendo de *Swoon*, hoje, além de um dos títulos mais transgressores do New Queer Cinema, um raro documento histórico. Se é verdade que a abordagem a histórias protagonizadas por personagens lésbicas – e contadas por realizadoras mulheres

episode that no queer artist or activist would wish to remember, precisely because of the negative portrayal of homosexuality. Kalin’s work is formally irrepreensible, fully exploiting the tonal densities of black and white images, and exposing the bodies of Nathan Leopold Jr. (Craig Chester) and Richard Loeb (Daniel Schlachet) as objects of desire, to each other as well as to the viewer. Grounded in the Nietzschean concept of the *Übermensch*, Nathan and Richard – or “Babe” and “Dickie”, their affectionate nicknames for each other – attempt to transcend themselves, devising the perfect crime. But a couple of fatal mistakes, and the failure to provide matching alibis, leads them to the dock and to life sentences. As well as formally inventive, Kalin’s script makes the most of the many nuances raised by the sexual issue during the trial – the relevance of Nathan’s active role in the relationship, or the accusation’s insistence that Robert Franks had been sodomized – thus turning *Swoon* into a precious historical document, as well as one of the more transgressive works of New Queer Cinema. While stories starring lesbian characters – and told by women directors – took some time to emerge, we must point out that when they finally did join the movement, their breadth, spirit of artistic transgression, and freedom from rules and social impositions (often from within the LGBT communities themselves), proved that it had been well worth it – not only for the films that were finally produced, but also for their influence upon cinema and TV fiction of the subsequent decades. Since 2002, Rose Troche’s career has been almost exclusively



Poison, Todd Haynes

-, tardou a entrar no movimento, é de realçar que quando tal acontece foi com um fôlego e espírito de transgressão artística e de libertação de regras e imposições sociais (não raras vezes vindas de dentro das próprias comunidades LGBT), que valeu a pena, não apenas esperar pelas obras que haviam de surgir, como ver a sua influência no cinema e na ficção televisiva das décadas seguintes.

Desde 2002 quase exclusivamente dedicada à televisão, onde assinou a realização de episódios de séries inovadoras como *Six Feet Under* (2001-2005) ou *The L Word* (2004-2009), Rose Troche realizou a sua primeira longa-metragem, *Go Fish*, em 1994, rapidamente tornada um filme de culto. O filme quer dar um retrato da realidade das comunidades lésbicas urbanas dos anos 1990, sem preconceitos e desmistificando um conjunto de estereótipos; ou antes, ironicamente trazendo esses estereótipos para dentro da ficção, apropriando-se deles e tirando daí a sua força, numa atitude de *guerrilla* queer. Max (Guinevere Turner), partilha casa com o casal Kia (T. Wendy McMillan) e Evy (Migdalia Melendez) e não tem sexo há 10 meses. Max conhece então Ely (V.S. Brodie), mas esta tem uma namorada em Seattle. O filme acompanha a relação de ambas, até culminar num jantar romântico onde por fim fazem sexo. A par do que podemos definir como uma história de amor lésbica “positiva” (que até então muito poucas vezes se viu no ecrã), Troche acompanha as preocupações políticas dos realizadores deste movimento: o filme abre com uma palestra sobre História Lésbica e quando

focused on directing episodes of such innovative TV series as *Six Feet Under* (2001-2005) and *The L Word* (2004-2009). Her first feature, *Go Fish*, debuted in 1994 and rapidly became a cult film; it contained an unprejudiced portrayal of urban lesbian communities of the 1990s, debunking a number of stereotypes – or rather, ironically dragging those stereotypes into the narrative, appropriating them, and deriving strength from them in a queer guerrilla attitude. Max (Guinevere Turner) shares a house with Kia (T. Wendy McMillan) and Evy (Migdalia Melendez), a couple, and hasn’t had sex for 10 months. Max meets Ely (V.S. Brodie), who however has a girlfriend in Seattle. The film follows their evolving relationship, culminating in a romantic dinner after which they finally have sex. As well as telling a “positive” lesbian love story (at the time, something seldom seen on screen), Troche also incorporated the political concerns of the movement’s filmmakers: the film opens with a lecture on Lesbian History, and when Max and Ely go to the movies, they speak about queer cinema and the lack of lesbian representation on the big screen. Another remarkable aspect is the film’s handheld-camera quasi-documentary style, interspersed by more experimental and poetic inserts in the intervals between scenes. The idea of a “Greek chorus” of lesbians which retells Max’s love life is particularly successful, imparting to the film its humorous tone; humour is indeed a dominant characteristic of much lesbian fiction produced in the following years.

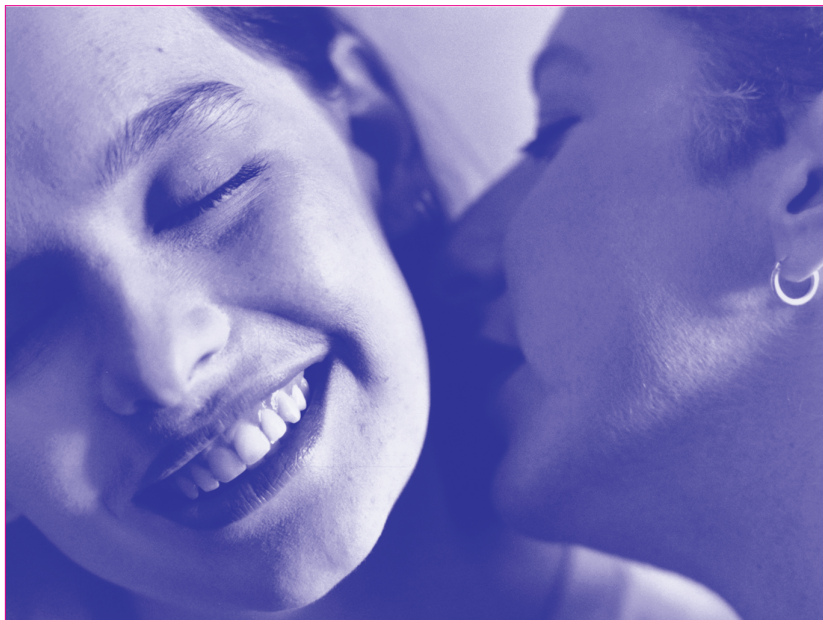
Recently restored and digitalized, 20 years after its debut,

Max e Ely vão ao cinema, falam sobre cinema queer e sobre a falta de representatividade de lésbicas no grande ecrã. De destacar igualmente um estilo quase-documental de câmara ao ombro, intercalado, entre cenas, por *inserts* de um gosto mais experimental e poético. Particularmente bem conseguida é a ideia da criação de um “coro grego” de lésbicas que, a tempos, comenta a vida amorosa de Max, dando o tom humorístico ao filme; humor esse que, aliás, vai ser uma característica dominante de muita da ficção lésbica dos anos seguintes. Recentemente restaurada e digitalizada, faz agora 20 anos sobre a estreia de *The Watermelon Woman*, de Cheryl Dunye (1996), uma obra ainda hoje ímpar no panorama do cinema queer e não apenas pelo facto de ser realizada por uma mulher negra e lésbica. A própria Dunye interpreta Cheryl, evidente *alter ego* da realizadora. Cheryl trabalha num clube de vídeo em Filadélfia e ambiciona ser realizadora. A seu lado, trabalha Tamara (Valarie Walker) – negra, viciada em “black porn” e que a dada altura consegue comprar um filme de nome *Bold Black Ballbusters* -, responsável por alguns dos momentos cómicos mais bem conseguidos do filme. Na loja conhece Diana (Guinevere Turner), com quem acaba por se envolver emocional e sexualmente. Se a narrativa progride, acompanhando a evolução da relação de Cheryl e Diane, com os constantes *comic reliefs* de Tamara, o objetivo dramático de *The Watermelon Woman* é bastante mais arrojado e inovador. Cheryl tem em mãos o projeto de resgatar a memória de uma atriz negra, Fae Richards (conhecida como a “Watermelon Woman”) que interpretou uma *mammy* de nome Elsie num filme chamado *Plantation Memories* (uma das *mammies* mais célebres de Hollywood foi interpretada por Hattie McDaniel, em *Gone with the Wind*). Dunye explora um estilo de falso documentário que virá a desenvolver ao longo da sua carreira, com os atores a confrontar diretamente a câmara. Mas a “Watermelon Woman” não existe, é um artifício ficcional que Dunye cria para poder falar sobre a falta de representatividade de mulheres negras no cinema, e sobre uma cinematografia largamente desconhecida – que funcionou à margem da indústria -, de filmes feitos por negros, com elencos exclusivamente de atores negros e para espectadores negros, que teve grande impacto nos EUA entre os anos 1920 e 1950. Tal como aconteceu durante décadas com as personagens queer, a história da representação de negros no cinema foi, quase sempre, a de uma visão heterossexual, branca e masculina, sobre uma minoria. Uma representação que diz sempre muito mais sobre quem a idealiza do que sobre quem representa. Daí que, como diz a citação da própria Dunye, que fecha o filme, “Sometimes you have to create your own history.”

Cheryl Dunye's *The Watermelon Woman* (1996) remains an unparalleled work in queer cinema, and not just because it was directed by a Black lesbian. Dunye herself plays Cheryl, the director's transparent *alter ego*. Cheryl works in a video store in Philadelphia, and aspires to become a film director. Her colleague Tamara (Valarie Walker) is also black, and addicted to black porn – she actually gets to buy a film titled *Bold Black Ballbusters* – and is responsible for some of the film's funniest moments. While at work, she meets Diana (Guinevere Turner), with whom she becomes emotionally and sexually involved. The narrative progresses along with Cheryl and Diane's relationship, peppered by Tamara's constant bursts of comic relief; however, the dramatic objective of *The Watermelon Woman* is rather more bold and innovative. Cheryl is working on her project to reclaim the memory of a black actress, Fae Richards (known as the “Watermelon Woman”) who had the role of a mammy in a film titled *Plantation Memories* (one of Hollywood's most well-known mammies was played by Hattie McDaniel, in *Gone with the Wind*). Dunye employs a fake documentary style which she further developed in her subsequent films, with actors directly speaking to the camera. However, the “Watermelon Woman” does not actually exist; she is a fictional artifice deployed by Dunye to enable her to talk about the lack of representation of black women on film, and about a set of largely unrecognized movies, produced on the fringes of the film industry, made by black people for black audiences, with exclusively black casts, which had a very significant impact in the USA between the 1920s and the 1950s. As happened for decades to queer characters, the history of the representation of black people on film was, almost invariably, that of a white, male, and heterosexual perspective upon a minority. A representation that always says much more about those who produce it, than about those who are represented. And this is why, as Dunye says to close her film, “Sometimes you have to create your own history.”

Go Fish

42 RETROSPECTIVA I NEW QUEER CINEMA



A história segue os altos e baixos românticos e políticos de um grupo multicultural de lésbicas de Chicago. Max, que se descreve como uma "lésbica solteira à procura de amor", é apresentada pela sua amiga Kia a Ely, sua colega de casa, que Max inicialmente descreve como "hippie" e cuja coleção de chás herbais sem cafeína não a impressiona. Depois de Ely cortar o seu cabelo comprido, Max encontra-a por acidente e fica interessada. Com algum encorajamento e interferência por parte das suas amigas, as duas apaixonam-se. Ao mesmo tempo, as suas amigas enfrentam os seus próprios problemas: Kia tem que ajudar a sua namorada Evy, não-assumida, a lidar com a reprovação da sua conservadora mãe latina, enquanto Daria enfrenta as críticas da comunidade lésbica pela sua decisão de dormir com um homem.

This ensemble piece traces the romantic and political ups and downs of a group of multicultural Chicago lesbians. Max, who describes herself as "a single lesbo looking for love," is introduced by her friend Kia to Ely, her roommate, whom Max at first describes as a hippie and whose decaffeinated herbal tea collection don't impress her. After Ely cuts her long hair, Max runs into her and becomes interested. With encouragement and meddling from their friends, the two ultimately fall for each other. At the same time their friends have problems of their own: Kia must help her closeted girlfriend, Evy come to grips with the disapproval of her conservative Latina mother, while Daria incurs the disapproval of the lesbian community for her decision to sleep with a man.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Rose Troche, nascida em Chicago, em 1964, é produtora, realizadora e argumentista. Estudou na Universidade de Illinois, Chicago, onde fez várias curtas-metragens. A sua primeira longa-metragem, *Go Fish*, estreou em Sundance, e tornou-se um dos títulos mais importantes do cinema lésbico. Escreveu, realizou e produziu em televisão e cinema, incluindo *The L Word*, *South of Nowhere*, *The Safety of Objects*, *Bedrooms and Hallways* e *Concussion*.

Rose Troche, born in Chicago, in 1964, is a producer, director and writer. She studied at the University of Illinois, Chicago, where she made several short films. Her first feature film, *Go Fish*, premiered at Sundance in 1994 and went on to become one of the most significant titles in lesbian cinema. She went on to write, direct and produce for TV and film, including *The L Word*, *South of Nowhere*, *The Safety of Objects*, *Bedrooms and Hallways* and *Concussion*.

GO FISH

Realização / Director
Rose Troche

EUA / USA, 1994, 85'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Preto & Branco / Black & White
35mm

v.o. inglesa, legendada em português
M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Guinevere Turner, Rose Troche

Montagem / Editing
Rose Troche

Fotografia / Photography
Ann T. Rossetti

Som / Sound
Missy Cohen

Produção / Production
Rose Troche, Guinevere Turner, Tom Kalin, Christine Vachon

Música / Music
Brendan Dolan, Jennifer Sharpe

Intérpretes / Cast
V.S. Brodie, Guinevere Turner, T. Wendy McMillan, Migdalia Melendez, Anastasia Sharp

www.parkcircus.com

2009
Chinatown Film Project
Longa-Metragem / Feature Film

2001
The Safety of Objects
Longa-Metragem / Feature Film

1998
Bedrooms and Hallways
Longa-Metragem / Feature Film

1994
Go Fish
Longa-Metragem / Feature Film

1991
This War is Not Over
Curta-Metragem / Short Film

1990
Let's Go Back to My Apartment and Have Sex
Curta-Metragem / Short Film

The Living End



Quando o crítico de cinema Jon recebe a notícia de que é seropositivo, encontra por acaso Luke, também seropositivo, entroncado, armado, viajando à boleia, que acabara de roubar um carro a um par de lésbicas homicidas e atirado sobre um trio de aspirantes a *bullies* homofóbicos. Contra o que a sua consciência lhe dita, Jon deixa Luke ficar em sua casa e em pouco tempo dá consigo a ser arrastado para o mundo deste estranho nihilista. Depois de Luke assassinar um polícia, e sem saber o que fazer da pouca vida que sentem restar-lhes, o par embarca numa *road trip* apaixonada e numa onda de crimes. À medida que seguem pela estrada fora, Jon fica cada vez mais desiludido com o facto de Luke acreditar que, uma vez que as suas mortes parecem ser inevitáveis, deveriam levar uma vida sem consequências.

When the young-adult film critic Jon learns that he is HIV-positive, he runs across Luke, a HIV-positive hunky, gun-toting hitchhiker who has just stolen a car from a pair of homicidal lesbians and shot a trio of would-be gay bashers. Against his better judgment, Jon lets Luke stay at his place and soon finds himself drawn into the nihilistic stranger's world. After Luke kills a policeman and unsure of what to do with the little life they feel they have remaining, the pair embarks on a love-fueled road trip and crime spree. As the road trip continues, Jon becomes increasingly disillusioned with Luke's belief that since they're doomed to die, they should lead consequence-free lives.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Gregg Araki nasceu em Los Angeles, em 1959, e concluiu o mestrado em produção de cinema na Universidade da Califórnia do Sul. Ganhando uma forte reputação consolidada pela sua atitude intransigente e hostil ao conformismo, Araki tem vindo a representar a sexualidade como mutável e imprevisível desde o seu primeiro filme, refletindo habitualmente sobre a ligação entre o sexo e a morte.

Gregg Araki, born in Los Angeles, in 1959, earned an MFA in film production from the University of Southern California. Garnering a strong reputation for his uncompromising, nonconformist attitude, Araki has portrayed sexuality as mutable and unpredictable from his first movie. In his films sex is reflexively linked to death.

THE LIVING END

Realização / **Director**
Gregg Araki

EUA / USA, 1992, 81'

Longa-Metragem de Ficção / **Feature Film**

Cor / **Colour**

Digibeta PAL

v. o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**

Gregg Araki

Montagem / **Editing**

Gregg Araki

Fotografia / **Photography**

Gregg Araki

Som / **Sound**

George Lockwood, Dave Cash, Joyce Brouwers, Jack Kofman

Produção / **Production**

Marcus Hu, Jim Stark

Música / **Music**

Cole Coonce, Matt Adell, Jim Nash

Intérpretes / **Cast**

Craig Gilmore, Mike Dytri, Darcy Marta, Mark Finch, Mary Woronov

www.nos.pt

2014

White Bird in a Blizzard

Longa-Metragem / **Feature Film**

2010

Kaboom

Longa-Metragem / **Feature Film**

2007

Smiley Face

Longa-Metragem / **Feature Film**

2004

Mysterious Skin

Longa-Metragem / **Feature Film**

1999

Splendor

Longa-Metragem / **Feature Film**

1997

Nowhere

Longa-Metragem / **Feature Film**

1995

The Doom Generation

Longa-Metragem / **Feature Film**

1993

Totally Fucked Up

Longa-Metragem / **Feature Film**

1992

The Living End

Longa-Metragem / **Feature Film**

1989

The Long Weekend (0' Despair)

Longa-Metragem / **Feature Film**

1987

Three Bewildered People in the Night

Longa-Metragem / **Feature Film**

Mala Noche



Walt é um jovem homossexual que se apaixona por Johnny, um imigrante mexicano ilegal que não fala inglês. Baseado no romance autobiográfico de Walt Curtis, *Mala Noche* é o primeiro filme de Gus Van Sant. Van Sant produziu e realizou este filme a preto e branco e em 16mm, em 1985.

Walt, a young homosexual falls crazy in love with Johnny, an illegal Mexican immigrant who doesn't speak English. Based on the Walt Curtis autobiographical novel of the same name, *Mala Noche* is Gus Van Sant's first film. Van Sant produced and directed the 16mm black and white feature in 1985.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Gus Van Sant tem vindo a conquistar a crítica e o público desde que se estreou com a sua muito aclamada primeira longa-metragem, *Mala Noche* (1985), que recebeu o prémio de Melhor Filme Independente/Experimental dos Los Angeles Film Critics, em 1987. A sua obra inclui muitos marcos no cinema independente dos anos 1990, como *My Own Private Idaho* (1991) ou *Even Cowgirls Get the Blues* (1993). Em 2003 realizou *Elephant*, que estreou no Festival de Cinema de Cannes, onde recebeu a Palma d'Ouro e o prémio de Melhor Realizador.

Gus Van Sant has been winning over critics and audiences alike since bursting onto the scene with his widely acclaimed feature film *Mala Noche* (1985), which won the Los Angeles Film Critics Award for the Best Independent/Experimental Film in 1987. His body of work includes many hallmarks of 90's independent cinema, notably *My Own Private Idaho* (1991), and *Even Cowgirls Get the Blues* (1993). In 2003 he directed *Elephant*, which premiered at the Cannes Film Festival, where it won the Palme d'Or and Best Director prizes.

MALA NOCHE

Realização / Director
Gus Van Sant

EUA / USA, 1985, 78'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Cor e Preto & Branco / Colour and Black & White

Digibeta PAL

v. o. inglesa e espanhola, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Gus Van Sant, Walt Curtis (a partir do romance homónimo de / from the homonymous novel by Walt Curtis)

Montagem / Editing

Gus Van Sant

Fotografia / Photography

John J. Campbell

Som / Sound

Pat Baum, Eric Hill

Produção / Production

Gus Van Sant

Música / Music

Creighton Lindsay

Intérpretes / Cast

Tim Streeter, Doug Cooyate, Ray Monge, Sam Downey, Nyla McCarthy

www.mk2pro.com

2015

The Sea of Trees

Longa-Metragem / Feature Film

2012

Promised Land

Longa-Metragem / Feature Film

2008

Milk

Longa-Metragem / Feature Film

2007

Paranoid Park

Longa-Metragem / Feature Film

2003

Elephant

Longa-Metragem / Feature Film

2002

Gerry

Longa-Metragem / Feature Film

2000

Finding Forrester

Longa-Metragem / Feature Film

1997

Good Will Hunting

Longa-Metragem / Feature Film

1991

My Own Private Idaho

Longa-Metragem / Feature Film

1985

Mala Noche

Longa-Metragem / Feature Film

Poison



Inspirado na escrita de Jean Genet, *Poison* entrelaça habilmente três histórias transgressoras – *Hero*, *Horror* e *Homo* – que se desenrolam em direção a um clímax devastador. *Hero*, rodado num simulado estilo de documentário televisivo, relata uma história bizarra de parricídio suburbano e uma fuga milagrosa à justiça. *Horror*, filmado ao estilo delirante de um filme de série B dos anos 1950, é um conto gótico de uma experiência de sexo louco que desencadeia uma praga desfigurante. *Homo* explora a relação sexual obsessiva entre dois prisioneiros. Um grande sucesso que fez as manchetes quando foi atacado por personalidades da direita norte-americana, incluindo Dick Armey, Ralph Reed e o reverendo Donald Wildmon.

Inspired by the writings of Jean Genet, *Poison* deftly interweaves a trio of transgressive tales – *Hero*, *Horror* and *Homo* – that build toward a devastating climax. *Hero*, shot in mock TV-documentary style, tells a bizarre story of suburban patricide and a miraculous flight from justice; *Horror*, filmed like a delirious 50s B-movie melodrama, is a gothic tale of a mad sex experiment which unleashes a disfiguring plague; while *Homo* explores the obsessive sexual relationship between two prison inmates. A runaway hit which made national headlines when it was attacked by right-wing figures including Dick Armey, Ralph Reed and minister Donald Wildmon.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Todd Haynes, nascido em Los Angeles, em 1961, é argumentista, produtor e realizador. Vencedor do Grande Prémio do Festival de Cinema Sundance de 1991 com *Poison*, Haynes é um dos realizadores mais reconhecidos do New Queer Cinema, redefinindo os contornos da cultura queer nos EUA e no mundo.

Todd Haynes, born in Los Angeles, in 1961, is a screenwriter, producer and director. Winner of the Sundance Film Festival's 1991 Grand Prize for *Poison*, Todd Haynes is one of New Queer Cinema's most visible filmmakers, redefining the contours of queer culture in America and beyond.

POISON

Realização / Director
Todd Haynes

EUA / USA, 1991, 85'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Cor e Preto & Branco / Colour and Black & White

16mm

v. o. inglesa, legendada em português

M/18 / Over 18yo

Guião / Screenplay

Todd Haynes (inspirado nos romances de Jean Genet *Milagre da Rosa*, *Nossa Senhora das Flores* e *Diário de um Ladrão* / inspired by the Jean Genet novels *Miracle of the Rose*, *Our Lady of the Flowers* and *Thief's Journal*)

Montagem / Editing

James Lyons, Todd Haynes

Fotografia / Photography

Maryse Alberti

Produção / Production

Christine Vachon

Música / Music

James Bennett

Intérpretes / Cast

Edith Meeks, Millie White, Larry Maxwell, Susan Gayle Norman, Scott Renderer, James Lyons

www.zeitgeistfilms.com

2015

Caro!

Longa-Metragem / Feature Film

2007

I'm Not There

Longa-Metragem / Feature Film

2002

Far From Heaven

Longa-Metragem / Feature Film

1998

Velvet Goldmine

Longa-Metragem / Feature Film

1995

Safe

Longa-Metragem / Feature Film

1991

Poison

Longa-Metragem / Feature Film

1987

Superstar: The Karen Carpenter Story

Curta-Metragem / Short Film

1985

Assassins: A Film Concerning Rimbaud

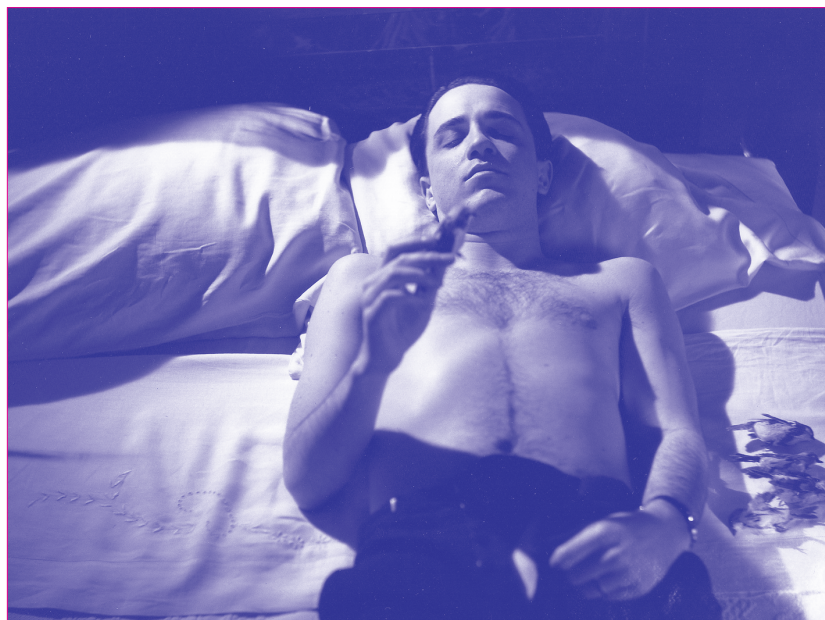
Curta-Metragem / Short Film

1978

The Suicide

Curta-Metragem / Short Film

Swoon



46 RETROSPECTIVA | NEW QUEER CINEMA

Os amantes homossexuais Leopold e Loeb, ambos inteligentes estudantes universitários descendentes de famílias judaicas abastadas, retiram prazer visceral e sexual de crimes menores. O seu amor, tão intenso quanto perverso, culmina num desleixado plano para raptar um rapaz e termina no homicídio a sangue frio do jovem. O par acaba por ser apanhado pela polícia, preso, julgado e sentenciado a prisão perpétua. Contudo, o verdadeiro interesse do realizador Tom Kalin incide menos no ato hediondo dos criminosos improváveis e muito mais na relação eivada de secretismo, intensidade e auto-destruição, protagonizada pelos amantes.

Homosexual lovers Leopold and Loeb, both intelligent college students from wealthy Jewish families, get their visceral and sexual kicks in petty crimes. Their intense but perverted love culminates in a bungled scheme to kidnap a boy, resulting in the boy's cold-blooded killing. The two are eventually tracked down by the police, arrested, tried and sentenced to life in prison. But director Tom Kalin's real interest lies less in the horrendous act of the unlikely criminals and more with the lovers' secretive, intense and self-destructive relationship.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Tom Kalin, nascido em Chicago, em 1962 é, para além de realizador, argumentista e produtor, ativista na luta pelos direitos dos homossexuais. Abrangendo vídeos experimentais curtos e filmes narrativos de longa duração, o seu trabalho, galardoado e aclamado pela crítica, integra a coleção permanente do Museu Whitney, do Centro Georges Pompidou e do MoMA.

Tom Kalin, born in Chicago, in 1962, is a filmmaker, screenwriter and producer, and also a gay-rights activist. From short experimental videos to feature-length narrative films, Tom Kalin's award winning and critically acclaimed work is in the permanent collection of the Whitney Museum, the Centre Georges Pompidou and MoMA.

SWOON

Realização / Director
Tom Kalin

EUA / USA, 1991, 93'

Longa-Metragem de Ficção / Feature Film

Preto & Branco / Black & White
DCP

v. o. inglesa, legendada em português

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay
Tom Kalin, Hilton Als

Montagem / Editing
Tom Kalin

Fotografia / Photography
Ellen Kuras

Som / Sound
Neil Dazinger, Tom Paul

Produção / Production
Lauren Zalaznick, James Schamus, Christine Vachon

Música / Music
James Bennett

Intérpretes / Cast
Daniel Schlachet, Craig Chester, Ron Vawter, Michael Kirby, Michael Stumm, Valda Z. Drabla

2007
Savage Grace
Longa-Metragem / Feature Film

2004
Ghost Hunting: World of the Weird
Curta-Metragem / Short Film

2003
The Robots of Sodom
Curta-Metragem / Short Film

2000
Third Known Nest
Documentário Curto / Short Documentary

1996
Plain Pleasures
Curta-Metragem / Short Film

1994
Nomads
Curta-Metragem / Short Film

1993
Geoffrey Beene 30
Curta-Metragem / Short Film

1992
Nation
Curta-Metragem / Short Film

1991
Swoon
Longa-Metragem / Feature Film

1989
They Are Lost to Vision Altogether
Curta-Metragem / Short Film

Sexta-feira Friday 7 • Teatro Rivoli, Auditório Isabel Alves Costa, 19h00

The Watermelon Woman



Uma lésbica negra aspirante a realizadora, Cheryl, trabalha com a melhor amiga, Tamara, como empregada num clube de vídeo enquanto luta pela oportunidade de fazer um documentário sobre Fae Richards, uma criação fictícia de uma atriz de Hollywood dos anos 1930. Tamara não consegue entender o interesse de Cheryl na atriz e tenta direcionar a atenção da amiga para formas de entretenimento mais populares, tais como namorar e socializar. Entretanto, Cheryl apaixonou-se por Diana, uma bonita cliente branca do clube de vídeo. A relação deixa Cheryl confusa e choca Tamara, pelo que começamos a deparar-nos com a complexidade de temas que Dunye pretende abordar neste filme, encontrando todos ressonância na vida de Fae Richards aka the Watermelon Woman.

A black lesbian would-be filmmaker named Cheryl, works with her best friend Tamara as a clerk in a video store while struggling to make a video-documentary about Fae Richards, a fictionalized 1930s Hollywood actress. Tamara can't fathom Cheryl's interest in this black mammy from the past and tries to focus her friend toward more popular pastimes like dating and socializing. At the same time, Cheryl falls in love with Diana, a cute white costumer at the video store. The relationship confuses Cheryl and appals Tamara and we begin to see the multiplicity of subjects that Dunye wishes to tackle in this film, all of which find resonances in the life of Fae Richards aka the Watermelon Woman.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Cheryl Dunye, nascida na Libéria, em 1966, é realizadora, produtora, argumentista, editora e atriz. Atualmente, é vice-presidente do Conselho de Realizadores do Queer Cultural Center, faz parte do conselho da Radar Productions e do conselho do Queer Women of Color Media Arts Project. Residente em Oakland, Dunye é professora assistente no Departamento de Cinema da Universidade de São Francisco.

Cheryl Dunye, born in Liberia, in 1966, is a filmmaker, producer, screenwriter, editor and actress. Presently she is Vice President of the Board of Directors for the Queer Cultural Center, sits on the board of Radar Productions, and is on the advisory board of Queer Women of Color Media Arts Project. Based in Oakland, Dunye is an Assistant Professor in the Department of Cinema at San Francisco State University.

THE WATERMELON WOMAN

Realização / **Director**
Cheryl Dunye

EUA / USA, 1996, 90'

Longa-Metragem de Ficção / **Feature Film**

Cor e Preto & Branco / **Colour and Black & White**

DCP

v. o. inglesa, legendada em português

M/16 / **Over 16yo**

Guião / **Screenplay**
Cheryl Dunye

Montagem / **Editing**
Annie Taylor

Fotografia / **Photography**
Michelle Crenshaw

Som / **Sound**
Jack A. Mehlbaum

Produção / **Production**
Barry Swimar, Alexandra Juhasz

Música / **Music**
Bill Coleman

Intérpretes / **Cast**
Cheryl Dunye, Guinevere Turner, Valerie Walker, Lisa Marie Bronson

www.cheryldunye.com

2014
Brother from Another Time
Curta-Metragem / **Short Film**

2014
Black Is Blue
Curta-Metragem / **Short Film**

2012
Mommy is Coming
Longa-Metragem / **Feature Film**

2010
The Owls
Longa-Metragem / **Feature Film**

2004
My Baby's Daddy
Longa-Metragem / **Feature Film**

2000
Stranger Inside
Longa-Metragem / **Feature Film**

1996
The Watermelon Woman
Longa-Metragem / **Feature Film**

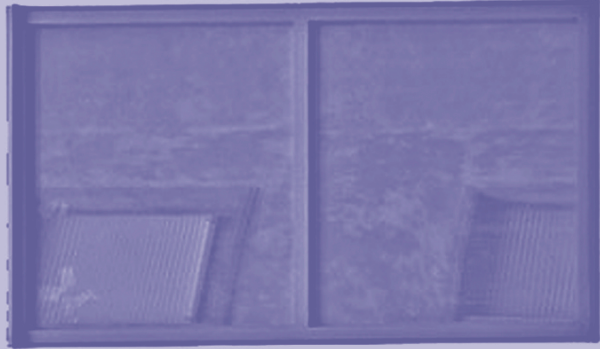
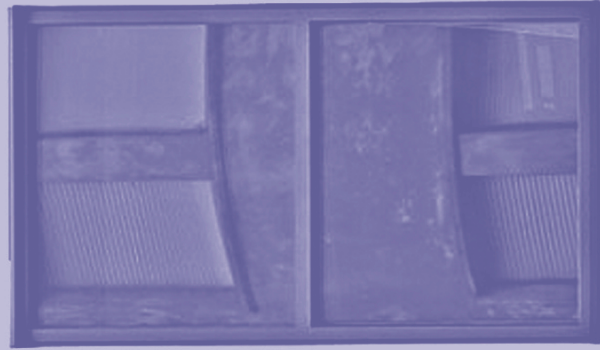
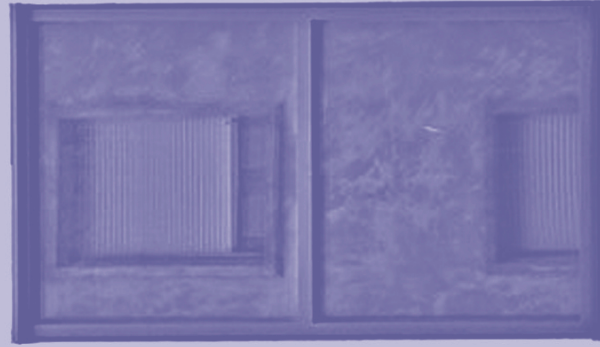
1994
Greetings From Africa
Curta-Metragem / **Short Film**

1993
The Potluck and the Passion
Curta-Metragem / **Short Film**

1991
She Don't Fade
Curta-Metragem / **Short Film**

1990
Janine
Documentário Curto / **Short Documentary**

Sábado Saturday 8 • Teatro Rivoli, Auditório Isabel Alves Costa, 19h00



W A L L A V O A D O R A . P T

**Competição
In My Shorts**

**In My Shorts
Competition**

A Meio Between



Rui, um jovem estudante de teatro, tem uma vida complicada. A sua mãe, Clara, tem problemas com o álcool e descobre depois que sofre de epilepsia. Quando conhece Caio, um estudante de artes, apaixonado pela vida, com quem começa a construir uma amizade bastante íntima, a vida de Rui começa a mudar para melhor. Será Caio a pessoa que lhe mudará a vida?

Rui, a young performing arts student, has a complicated life. His mother, Clara, has drinking problems, and is then diagnosed with epilepsy. When he meets Caio, a fine arts student, who is passionate about life, they begin to build an intimate friendship, and Rui's life begins to change for the better. Is Caio the person who will change it?

Realização / Director: Inês Morais. Portugal / Portugal, 2015, 15'.
Curta-Metragem de Ficção / Short Film. Cor / Colour: Digital. v.o. portuguesa,
legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: António Nunes Martinó. Fotografia / Photography: Mariana Santos. Som / Sound: Daniel Lopes. Produção / Production: António Nunes Martinó.
Intérpretes / Cast: Hugo Olim, Hélder Marques, Fátima Soares, José Topa, Dóris Marcos, Diogo Freitas.

www.esmae-ipp.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

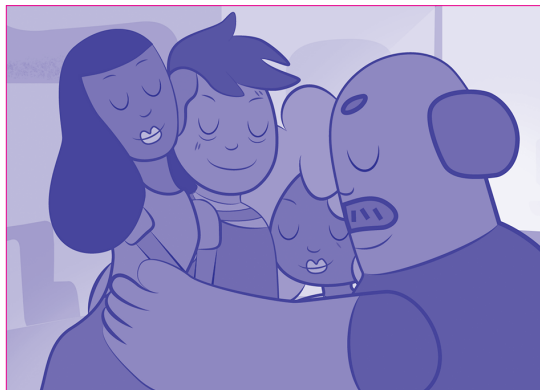
Inês Morais nasceu em 1994. Natural de Famalicão, sempre teve uma paixão enorme por cinema. Tirou um curso profissional na área e decidiu continuar o seu sonho, ingressando na licenciatura em Tecnologia da Comunicação Audiovisual da Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.

Inês Morais was born in 1994, in Famalicão. She always had a huge passion for cinema. She took a professional course in film and decided to pursue her dream, enrolling in the Technology Audiovisual Communication degree of the Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Porto.

IN MY SHORTS

Quinta-feira **Thursday 6** • malavoadora.porto, 17h30
Sexta-feira **Friday 7** • malavoadora.porto, 17h30

O Conto d'Alex Alex's Tale



Num mundo em que a magia está dividida entre géneros, o príncipe Alex foge à regra e, por isso, corre perigo.

In a world where magic is torn between genders, prince Alex is an exception and is in danger because of that.

Realização / Director: Catarina Silva, Francisco Caldeira. Portugal / Portugal, 2016, 5'. Animação Curta / Short Animation. Cor / Colour: Digital. v.o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Catarina Silva, Francisco Caldeira. Som / Sound: Ricardo Rodrigues. Animação / Animation: Catarina Silva, Francisco Caldeira. Música / Music: Ricardo Rodrigues. Intérpretes / Cast: Mafalda Aragão (voz off / voice over).
www.esmae-ipp.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Catarina Silva tem 20 anos. Prefere a animação no cinema, com gatos e livros pelo meio.

Catarina Silva is 20-years-old. In film, she prefers animation, with cats and books in between.

Francisco Caldeira é um portuense nascido na Madeira, em 1994. Estudou Tecnologia de Comunicação Multimédia.

Francisco Caldeira was born in Madeira in 1994, but calls Porto his home. He studied Communication Technologies and Multimedia.

IN MY SHORTS

Quinta-feira **Thursday 6** • malavoadora.porto, 17h30
Sexta-feira **Friday 7** • malavoadora.porto, 17h30

Henry in Kitchen



Henry vai à cozinha a meio da noite.

Henry goes to the kitchen in the middle of the night.

Realização / Director: Inês Dias. Portugal / Portugal, 2015, 4'.
Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour: Digital.
s/ diálogos. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Inês Dias. Montagem / Editing: Inês Dias. Fotografia /
Photography: Inês Dias. Som / Sound: Inês Dias. Produção / Production: Inês Dias.
Intérpretes / Cast: Henry Sequeira.

www.fba.up.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Inês Dias, nascida em 1993, vive e trabalha no Porto. Frequenta o 3.º ano da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Inês Dias was born in 1993 and she lives and works in Porto. She's attending her third year at the Fine Arts Faculty of the University of Porto.

IN MY SHORTS

Quinta-feira Thursday 6 • malvoadora.porto, 17h30

Sexta-feira Friday 7 • malvoadora.porto, 17h30

O Pecado de Quem nos Ama The Sin of Those who Love Us



Devido a um acontecimento inesperado, Vítor volta à casa onde nasceu. A sua vinda vem despertar fantasmas do passado e uma guerra há muito tempo travada no seio da família.

Something unexpected brings Vítor back to the house where he was born. His return awakes ghosts from the past and a war long ago locked within this family.

Realização / Director: Vasco de Oliveira. Portugal / Portugal, 2015, 31'.
Curta-Metragem de Ficção / Short Fiction. Cor / Colour: Digital.
v.o. portuguesa, legendada em inglês. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Vasco de Oliveira. Montagem / Editing: Tiago Carvalho, Vasco de Oliveira. Fotografia / Photography: Pedro Bessa. Som / Sound: Celine Santos.
Produção / Production: Rita Nobre. Música / Music: Max Richter. Intérpretes /
Cast: Hugo Tavares, Margarida Moreira, Nuno Melo, Elisabete Piecho, Pedro Leitão.

www.ubi.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Vasco de Oliveira ingressou no Curso de Cinema na Universidade da Beira Interior com 17 anos. Trabalhou como produtor, realizador, diretor de som e fotografia, e montador em projetos académicos e extracurriculares. Aos 20 anos rumou a Londres, onde trabalhou em alguns telediscos e curtas-metragens. Voltou para Portugal em 2012 e realizou a sua primeira curta-metragem, *O Pecado de Quem Nos Ama*.

Vasco de Oliveira enrolled in the Cinema course of Beira Interior University when he was 17. He worked in academic and extra-curricular projects as a producer, director, sound operator, DOP and editor. When he was 20 he moved to London, where he worked in music videos and short films. In 2012 he returned to Portugal, where he directed his first short film, *The Sin of Those Who Love Us*.

IN MY SHORTS

Quinta-feira Thursday 6 • malvoadora.porto, 17h30

Sexta-feira Friday 7 • malvoadora.porto, 17h30

Viagem The Journey



Alex, no seu bairro, aprendeu a crescer à força. O seu pai conduz um táxi, mas hoje está doente e não foi trabalhar. Alex sai de casa com o táxi do pai e conduz até à escola, à procura do seu amigo Rafa. Hoje é um dia diferente.

In his neighbourhood, Alex came to age the hard way. His father drives a cab, but today he's sick and he didn't go to work. Alex leaves home with his father's cab and drives to school, looking for his friend Rafa. Today is a different day.

COMPETIÇÃO IN MY SHORTS
52

Realização / Director: José Magro. **Portugal / Portugal,** 2015, 15'.
Curta-Metragem de Ficção / Short Film. Cor / **Colour.** Digital. v.o. portuguesa,
legendada em inglês. M/16 / **Over 16yo**

Guião / Screenplay: José Magro. **Montagem / Editing:** Gabriel Perrone.
Fotografia / Photography: Miguel da Santa. **Som / Sound:** Dinis Henriques,
João Almeida. **Produção / Production:** Pedro Moreira. **Intérpretes / Cast:**
Cindy Fernandes, Diogo Martins, Jaime Monsanto, Pedro Emanuel, Rui Paixão.
www.porto.ucp.pt

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

José Magro nasceu em 1991, no Porto. No âmbito do projeto Estaleiro, foi diretor de fotografia de *Um Rio Chamado Ave*, de Luís Alves de Matos, de *Mahjong* de João Pedro Rodrigues e João Rui Guerra da Mata. A sua primeira curta-metragem de ficção, *José Combustão dos Porcos*, foi premiada no festival Fantasporto, e foi exibida no festival EntreVues, em Belfort.

José Magro was born in 1991, in Porto. As part of the Estaleiro project, he was DOP in two films: *Um Rio Chamado Ave*, by Luís Alves de Matos, and *Mahjong*, by João Pedro Rodrigues and João Rui Guerra da Mata. His first fiction short film, *José Combustão dos Porcos*, premiered at Fantasporto and was screened at the EntreVues festival, in Belfort.

IN MY SHORTS

Quinta-feira **Thursday 6** • malvoadora.porto, 17h30

Sexta-feira **Friday 7** • malvoadora.porto, 17h30

**malavoadora.
porto**

**Normcore
Narratives**

Normcore Narratives

Cristian Rodríguez, Daniel Pinheiro

* Programadores Queer Porto

* Queer Porto Programmers



© João Moço

[out of context] “...trying to get rid of all labels altogether”
Douglas Coupland

O termo *normcore*, inicialmente utilizado para descrever uma subcultura baseada na apropriação artificial, consciente, das coisas banais e em uso comum, foi reformulado em 2013 pelo grupo de analistas de tendências americano K-HOLE no seu relatório *Youth Mode: A Report on Freedom*. Tornou-se assim viral uma nova forma de estar, onde se assume que o normal é algo que não existe, convertendo uma não tendência numa tendência global.

Antes disso, a etiqueta invadiu o cinema sob o mote *mumblecore*, baptizando um subgénero do cinema independente caracterizado pelo recurso a técnicas DIY e aplicável a produções de baixo orçamento que reclamavam o quotidiano. *LOL* (2006) de Joe Swanberg ou *Computer Chess* (2013) de Andrew Bujalski servem de modelos ortodoxos deste subgénero, o qual tem na série *Looking* um exemplo da adoção das suas características por obras mais *mainstream*.

Da mesma forma que o conceito *normcore* é permeável a uma série de interpretações, também o são os vários géneros que o podem coabitar. *NOAH* (Walter Woodman, Patrick Cederberg, 2013) ou *Contra-Internet Inversion Practice #1: Constituting an Outside (Utopian Plagiarism)* (Zach Blas, 2015), são bons exemplos de obras que problematizam o(s) momento(s) presente(s) e acentuam as mudanças nas formas de produção, distribuição e canais de comunicação. A liberdade e a democratização implícitas ao próprio conceito, servem como desculpa para identificar vários géneros de narrativas cujo principal objetivo é desafiar as normas. Assim, propõe-se neste programa de curtas uma reapropriação do termo e um jogo com as premissas que o sustêm, retratando, simplesmente, diferentes *formas de estar* no presente.

Não curiosamente todos os filmes têm como origem os EUA, Canadá e Alemanha, os mesmos pontos onde os filmes *mumblecore* encontraram a sua origem e desenvolvimento. Do Canadá, precisamente, chega o trabalho de Pascal Robitaille e Matthew Wolkow, *Hommes de Montréal en Novembre* (2015), filme que apresenta já desde o título uma vontade descritiva e transparente daquilo que mostra. Situado entre a fotografia e o cinema, é um exemplo do não-lugar onde vivem as obras

The term *normcore*, first used to describe a subculture based on artificial appropriation of all things considered banal and of common use, was reformulated in 2013 by the American trend forecasting group K-HOLE in their *Youth Mode: A Report on Freedom*. Subsequently a new way of being became popular, where ‘normal’ was no longer considered to exist, converting a non-trend into a global trend.

Before that, the label broke into cinema under the motto *mumblecore*, baptizing an independent cinema sub-genre characterized by the use of DIY techniques and attached to low-budget productions that reclaimed the everyday. *LOL* (2006) by Joe Swanberg or *Computer Chess* (2013) by Andrew Bujalski serve as orthodox models of this sub-genre, which in the TV series *Looking* forms an example of the adoption of these features by more mainstream works.

In the same way that the *normcore* concept is subject to a number of interpretations, the same happens to the various genres that fit into it. *NOAH* (Walter Woodman, Patrick Cederberg, 2013) or *Counter-Internet Inversion Practice # 1: Constituting an Outside (Utopian Plagiarism)* (Zach Blas, 2015), are good examples of works that question the present and accentuate the changes in the forms of production, distribution and communication channels.

Freedom and democracy implied to the concept itself, serve as an excuse to identify various kinds of narratives whose main objective is to challenge the norms. Thus, it is proposed in this shorts program a re-appropriation of the term and a game with the premises that sustain it, portraying, simply, different *ways of being* in the present.

Curiously not, all films come from the US, Canada and Germany, the same points where *mumblecore* films found their origin and development. From Canada specifically comes the work of Pascal Robitaille and Matthew Wolkow, *Hommes de Montréal en Novembre* (2015), a film that from his title clearly shows what to expect. Situated between photography and cinema, it is an example of the non-place where the presented works exist. His contemplative force recalls the works of Bill Viola, and honours Chantal Akerman by silently wanting to take ownership of the

apresentadas. A sua força contemplativa recorda os trabalhos de Bill Viola, e homenageia Chantal Akerman por, de forma silenciosa, querer apropriar-se das imperscrutáveis emoções dos protagonistas.

A palavra *apropriação* é chave neste programa. *Cosmic Crystals* (Jonathan Caouette, 2015) é um dos três exemplos de apropriação de referências que não só definem o objeto em si, mas que representam também uma cápsula temporal da memória dos próprios realizadores. A viagem alucinogénica de Caouette remonta aos anos 70 com excertos do filme de Paul Falcone, *The Cosmic Crystal* (1973), spots televisivos educacionais e *gifs* encontrados online, num alucinado *mash-up* de clips de domínio público. É uma maneira de fazer suas outras narrativas, assim como *Sal Mineo's Locker* (2015), onde Chance Taylor nos transporta aos 60 para construir um retrato do ator Sal Mineo através da utilização de excertos e creditando postumamente o protagonista como narrador e cantor. Da mesma forma, *The Dark, Krystle* (Michael Robinson, 2013) faz-nos voltar aos 80 mais *camp* pela mão dos ícones Linda Evans e Joan Collins, da série *Dynasty*, interligadas num hilariante diálogo de repetições e sobreposições que dão um novo significado a uma narração já fechada.

Os jogos e as perversões das pistas de áudio e vídeo são também a base de *Murmur* (2014), de Adelina Bichis, um ensaio filmico sobre o desejo e a natureza sexual das sociedades, quer humanas, quer animais, que concede sentido a um conjunto de *found footages*. Madsen Minax, por seu lado, parte desse mesmo tipo de material filmico nos primeiros segundos de *The Bowels of the Universe (with Shining Knees)* (2015), para depois estilhá-lo numa psicadélica meditação onde divindades astrais e fluídos vários habitam uma dimensão espaço-temporal alternativa. No texto que inspira o filme de Minax, *The Lesbian Body* (Monique Wittig, 1973), discute-se o quão grotesco pode ser o processo físico de invadir o corpo do outro num ato de amor. A ideia poderia servir como ilustração para *She Whose Blood is Clotting in my Underwear* (Vika Kirchenbauer, 2016) obra que destaca, através de técnicas de edição e manipulação de texturas, o inverso de um encontro sexual entre dois corpos. Nos antípodas do preto e branco puxados ao limite que ali vemos, Alli Coates e Signe Pierce assinam *American Reflexxx* (2015), um vídeo frenético preenchido por efeitos *glitch* e distorções temporais que sublinham o desfasamento entre o digital e o IRL. Confrontando essa atualização da imagem e dos softwares tecnológicos mais modernos, onde se procura instaurar também uma nova cultura do ecrã, William Westley recorre em *Normal* (2015) à transcrição do VHS para digital, outro recurso altamente ligado ao conceito de *normcore*. Viajamos até 1997 através de um díptico que o realizador edita dezoito anos depois de ter decidido fazer um documentário acerca da sua própria vida. A utilização do analógico (já na altura considerado digital) permite-nos acessar a esta arquitetura visual de campos de linhas pares e ímpares.

No seu conjunto, propomos um retrato do *agora* que é transversalmente marcado por narrativas disruptivas. Narrativas que encontram, na sua diferença, uma normalidade bastante representativa desta era do pós, desenhando um momento privado que nos faz estender uma pausa no nosso próprio tempo.

protagonists' inscrutable emotions.

The word *appropriation* is key in this program. *Cosmic Crystals* (Jonathan Caouette, 2015) is one of three examples of appropriation of references that define not only the object itself, but also represent a time capsule of the directors' memory. The hallucinogenic journey of Caouette dates back to the 70s with movie excerpts of Paul Falcone's *The Cosmic Crystal* (1973), educational TV spots and gifs found online, in a crazy mash-up of public domain clips. It's a way to make theirs other narratives, as well as *Sal Mineo's Locker* (2015), where Chance Taylor takes us to the 1960's to build an image of actor Sal Mineo by using excerpts and posthumously crediting the protagonist as narrator and singer. Similarly, *The Dark, Krystle* (Michael Robinson, 2013) brings us back to the camp 80's by the hand of the icons Linda Evans and Joan Collins from the series *Dynasty*, interconnected in a hilarious dialogue of repetitions and overlays that give a new meaning to narration already closed.

The games and perversions of audio and video tracks are also the basis of Adelina Bichis' *Murmur* (2014), a filmic essay on desire and the sexual nature of societies, whether human or animal, that gives meaning to a set of found footage. Madsen Minax in turn, takes that same material as a starting point in the first seconds of *The Bowels of the Universe (with Shining Knees)* (2015), to then shatter it in a psychedelic meditation where astral deities and various fluids inhabit an alternative spatio-temporal dimension. In the text that inspires Minax's film, *The Lesbian Body* (Monique Wittig, 1973), it is discussed how grotesque can be the physical process of invading another's body in an act of love. The idea could serve as an illustration for *She Whose Blood is Clotting in my Underwear* (Vika Kirchenbauer, 2016) a work that, through technical editing and manipulation of textures, highlights the inverse of a sexual encounter between two bodies. In the antipodes of black and white pulled to the limit of sight, Alli Coates and Signe Pierce present *American Reflexxx* (2015), a frenetic video filled with glitch effects and temporal distortions that underline the gap between the digital and the IRL. Confronting this updated version of image and the most modern technological software, where a contemporary screen culture is being established, William Westley resorts in *Normal* (2015) to the transcription from VHS to digital, other resource highly bound to the concept of *normcore*. We travel up to 1997 through a diptych that the director edits eighteen years after deciding to make a documentary about his life. The use of analog (already considered digital at the time) allows us to access this visual architecture of odd and even lines.

On the whole, we propose a portrait of a *now* that is transversely marked by disruptive narratives. Narratives that find, in their difference, a normality fairly representative of this post- era, drawing a private moment that makes us extend a pause in our own time.

American Reflexxx



American Reflexxx documenta uma experiência social que teve lugar em Myrtle Beach, na Carolina do Sul. A realizadora Alli Coates captou a performer Signe Pierce enquanto esta percorria as ruas agitadas, em traje de stripper e com uma máscara refletora. O resultado é um espetáculo tecnicolor que levanta várias questões quanto à perceção de género, mentalidade de grupo e a violência na América.

American Reflexxx documents a social experiment that took place in Myrtle Beach, South Carolina. Director Alli Coates captured performance artist Signe Pierce as she strutted down a busy ocean side street in stripper garb and a reflective mask. The result is a heart wrenching technicolor spectacle that raises questions about gender perception, mob mentality, and violence in America.

Realização / Director: Alli Coates. EUA / USA, 2014, 14'.
Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour. Digital.
v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Intérpretes / Cast: Signe Pierce.
www.americanreflexxx.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Alli Coates é uma artista e cineasta norte-americana. Nasceu em 1987 na Virgínia e vive entre Los Angeles e Nova Iorque. Depois da popularidade viral da sua primeira curta-metragem, *American Reflexxx*, Coates mostrou o seu trabalho em galerias de todo o mundo, incluindo o Palais de Tokyo, em Paris. Recentemente, começou a realizar telediscos para artistas de rap. O trabalho de Coates analisa e desconstrói o que significa ser uma pessoa que se identifica como mulher na sociedade.

Alli Coates, born in 1987, in Virginia, is an American artist and filmmaker. She lives between Los Angeles and New York City. Following the viral popularity of her first short film *American Reflexxx*, she has shown video work in galleries across the globe, including the Palais de Tokyo in Paris. Most recently she has begun directing music videos in the rap genre. Coates' work analyzes and deconstructs what it means to be a female identified person in society.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malvoadora.porto, 17h30

The Bowels of the Universe (With Shining Knees)



O pequeno vídeo *The Bowels of the universe (With Shining Knees)* recorre a elementos do realismo mágico, do cinema em película, do psicadelismo, da palavra falada e da paisagem sonora para meditar sobre a natureza do espaço interno/externo, da viagem astral, da premeditação do passado/futuro, da cultura dos ecrãs, e do corpo autodeterminado e de género variável como aparato tecnológico.

The short video *The Bowels of the universe (With Shining Knees)* uses elements of magical realism, flicker film, psychedelia, spoken word performance and soundscape to meditate on the nature of inner/outer space, astral travel, past/future divination, screen culture, and the self-determined, gender variant body as technological apparatus.

Realização / Director: Madsen Minax . EUA / USA, 2015, 3'. Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour. Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay: Madsen Minax. Fotografia / Photography: Cameron Gibson.
Produção / Production: Madsen Minax.
www.madsenminax.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Madsen Minax realiza filmes, vídeos, trabalhos sonoros e outros projetos interdisciplinares motivados pelos seus interesses na encarnação humana, transcendência erótica, potenciais imaginados, mortalidade e amor. Os projetos de Madsen já foram exibidos ou expostos em Nova Iorque, Los Angeles, Londres, Chicago e São Francisco.

Madsen Minax makes films, videos, sound works and other interdisciplinary visual projects motivated by interests in human embodiment, erotic transcendence, imagined potentials, mortality and love. Madsen's projects have screened or exhibited in New York, Los Angeles, London, Chicago and San Francisco.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malvoadora.porto, 17h30

Cosmic Crystals



Inspirado pelos filmes da chamada “Poverty Row” de Hollywood, Jonathan Caouette, realizador de *Tarnation*, fez um filme *low fi*, alucinado e sonhador composto por trechos de programas de televisão educacionais dos anos 1970 que estão no domínio público, de filmes e gifs. O filme recorre a imagens de *The Cosmic Crystal*, de Paul Falcone, um filme que Jonathan viu pela primeira vez na série *ZOOM*, do canal norte-americano PBS, que o inspirou a querer fazer filmes.

Derived from the school of Cinema Poverté’, *Tarnation* filmmaker Jonathan Caouette, has made a super *low fi*, hallucinatory, fever dream film comprised of snippets of 1970’s public domain children’s educational television, films & online gifs. The film is a mash up of mostly Paul Falcone’s *The Cosmic Crystal*, a film that Jonathan first saw on PBS’s *ZOOM* in the 1970’s which inspired him to want to make films.

Realização / Director: Jonathan Caouette. EUA / USA, 2015, 8’.
Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour. Digital.
v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Montagem / Editing: Jonathan Caouette.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Jonathan Caouette é um realizador, argumentista, montador e ator norte-americano. É o realizador e montador de *Tarnation* (2003), documentário autobiográfico que estreou nos festivais de Sundance e Cannes, em 2003, e realizador de *All Tomorrow’s Parties* (2009), sobre o festival de música homónimo. Caouette também realizou o documentário *Walk Away Renee* (2011).

Jonathan Caouette is an American film director, writer, editor and actor. He is the director and editor of *Tarnation* (2003), an autobiographical documentary, that premiered at the Sundance and Cannes film festivals in 2003, and the director of *All Tomorrow’s Parties* (2009) about the cult music festival. Caouette has also directed the feature documentary *Walk Away Renee* (2011).

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malvoadora.porto, 17h30

The Dark, Krystle



A cabine está a arder! Krystle não consegue parar de chorar, Alexis não para de beber, e o tecido da existência está na balança, outra vez e outra vez e outra vez.

The cabin is on fire! Krystle can’t stop crying, Alexis won’t stop drinking, and the fabric of existence hangs in the balance, again and again and again.

Realização / Director: Michael Robinson. EUA / USA, 2013, 10’.
Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour. Digital.
v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / Over 16yo

Montagem / Editing: Michael Robinson. Som / Sound: Michael Robinson.

www.poisonberries.net

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

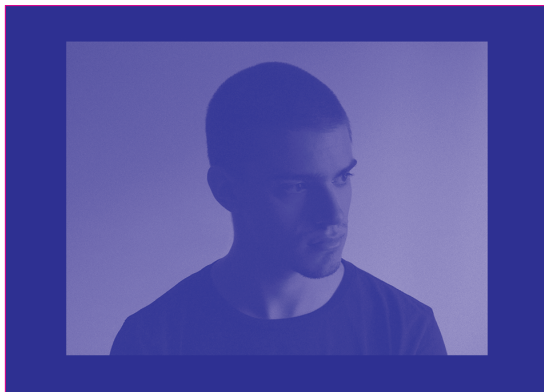
Michael Robinson, nascido em 1981, é um artista que trabalha em cinema, vídeo e colagem, cujo trabalho explora as alegrias e os perigos da experiência mediada. O seu trabalho tem sido exibido em vários festivais, museus e galerias. Robinson vive entre Los Angeles e West Danby (Nova Iorque) e o seu trabalho está disponível no Video Data Bank e na Carrie Secrist Gallery, em Chicago.

Michael Robinson, born in 1981, is an American film, video and collage artist whose work explores the joys and dangers of mediated experience. His work has shown at a variety of festivals, museums, and galleries. Michael is based in Los Angeles and West Danby, NY, and his work is available from Video Data Bank and Carrie Secrist Gallery in Chicago.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malvoadora.porto, 17h30

Hommes de Montréal en novembre Men from Montreal in November



Dois homens sentados perto de uma janela. A meio caminho entre a fotografia e o cinema, *Hommes de Montréal en novembre* é uma homenagem minimalista ao trabalho meditativo da cineasta Chantal Akerman, que morreu em outubro de 2015.

Two men sitting still near a window. Situated halfway between photography and cinema, *Men from Montreal in November* is a minimalistic homage to the meditative work of filmmaker Chantal Akerman, who died in October 2015.

Realização / Director: Pascal Robitaille, Matthew Wolkow. **Canadá / Canada,** 2015, 6'. **Curta-Metragem Experimental / Experimental Short.** Cor / Colour. Digital. s/ diálogos. M/16 / **Over 16yo**

Guião / Screenplay: Pascal Robitaille, Matthew Wolkow. **Montagem / Editing:** Pascal Robitaille. **Fotografia / Photography:** Matthew Wolkow. **Som / Sound:** Pascal Robitaille. **Intérpretes / Cast:** Grégoire Jacob, Marc-Antoine Sinibaldi.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Pascal Robitaille, nascido em 1981, é um cineasta residente em Montreal. Tem um mestrado em História de Arte pela Concordia University de Montreal. Muitos dos seus filmes exploram a solidão masculina e a intimidade doméstica. O seu trabalho já foi exibido em vários festivais internacionais de cinema e foi distinguido com numerosos prémios.

Pascal Robitaille, born in 1981, is a filmmaker based in Montreal. He holds an M.A. in Art History from Concordia University in Montreal. Many of his films explore male solitude and domestic intimacy. His work has been exhibited widely at international film festivals, and has won numerous awards.

Matthew Wolkow, nascido em 1992, é um cineasta emergente residente em Montreal. Tem um bacharelato em Comunicação pela Universidade do Québec em Montreal. O seu filme *Saint-Henri 17h* (2014) fez parte da exposição *Invisible City Symphonies*, em Leipzig, e do Festival du Nouveau Cinéma, em Montreal.

Matthew Wolkow, born in 1992, is an emerging filmmaker based in Montreal. He holds a B.A. in Communications from the Université du Québec à Montréal. His film *Saint-Henri 17h* (2014) screened at the *Invisible City Symphonies* exhibition in Leipzig, and at the Festival du nouveau cinéma in Montreal.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malavoadora.porto, 17h30

Murmur



Murmur é um filme experimental que explora os desejos íntimos humanos nos tempos modernos. É uma introspeção pela natureza sexual da sociedade e dos indivíduos, uma exploração das colónias, do humano e não-humano.

Murmur is an experimental film that explores the intimate human desires in modern times. It's an introspection into the sexual nature of society and individuals, an exploration of colonies, human and non-human.

Realização / Director: Adelina Bichis. **Reino Unido / United Kingdom,** 2014, 6'. **Curta-Metragem Experimental / Experimental Short.** Cor / Colour. Digital. v.o. inglesa, s/ legendas. M/16 / **Over 16yo**

Montagem / Editing: Adelina Bichis. **Fotografia / Photography:** André Marques. **Música / Music:** Chu-Li Shewring, Joonas Jyrälä, Alice Powell.

www.adelinabichis.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Adelina Bichis é uma montadora e realizadora romena, residente em Londres. Tirou um Bacharelato em Montagem, Som e Animação na Escola Nacional de Cinema de Bucareste. Mais tarde licenciou-se na National Film and Television School, no Reino Unido, onde tirou um Mestrado em Montagem. Ao longo dos anos montou vários filmes de ficção, documentais e experimentais premiados.

Adelina Bichis is a Romanian editor and director based in London. She took a BA in Film Editing, Sound and Animation at the National Film School in Bucharest. Later on she graduated the National Film and Television School in the UK, where she completed an MA in Film Editing. Throughout the years she has edited several award-winning fiction, documentary and experimental films.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malavoadora.porto, 17h30

Normal



Cassetes de vídeo redescobertas pintam um retrato de uma juventude esquecida.

Rediscovered videotapes paint a portrait of forgotten youth.

Realização / **Director:** William Westley. **EUA / USA, 2015, 6'.**
Curta-Metragem Experimental / **Experimental Short.** **Cor / Colour.** Digital.
v.o. inglesa, s/ legendas. **M/16 / Over 16yo**

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

William Westley é um artista e fotógrafo residente em São Francisco. *Normal* é a sua primeira curta-metragem.

William Westley is an artist and photographer living in San Francisco. *Normal* is his first short film.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo **Sunday 9** • malvoadora.porto, 17h30

Sal Mineo's Locker



Uma reapropriação de filmes protagonizados por Sal Mineo permite ao ator falar sobre os seus casos amorosos.

A reapropriation of Sal Mineo's film appearances allows Sal to reminisce about his love affairs.

Realização / **Director:** Chance Taylor. **Canadá / Canada, 2015, 9'.**
Curta-Metragem Experimental / **Experimental Short.** **Cor / Colour.** Digital.
v.o. inglesa, s/ legendas. **M/16 / Over 16yo**

Música / **Music:** Sal Mineo. **Intérpretes / Cast:** Sal Mineo.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Os filmes de Chance Taylor já foram exibidos em vários festivais de cinema independentes e marginais como o BFI Flare, MIX NYC, Montreal Underground Film Festival, Experimental Film Fest Portland, Seattle Lesbian and Gay Film Festival, South Texas Underground Film Festival, entre outros.

Chance Taylor's films have played at a number of underground and independent film festivals and venues, including BFI Flare, MIX NYC, Montreal Underground Film Festival, Experimental Film Fest Portland, Seattle Lesbian and Gay Film Festival, South Texas Underground Film Festival, among others.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo **Sunday 9** • malvoadora.porto, 17h30

She Whose Blood is Clotting in My Underwear



Vídeo feito pela artista Vika Kirchenbauer para o seu projeto musical e de performance Cool For You. Seguindo a sua pesquisa sobre a melhoria da visão através da tecnologia de infravermelhos na guerra moderna, aqui a artista recorre a esses meios técnicos para abordar a intimidade, o corpo e o olhar privilegiado do espectador.

A video made by artist Vika Kirchenbauer for her music / performance project Cool For You. Following her research on enhanced vision via infrared technology in modern warfare, here she utilises these technological means to discuss intimacy, the body and the privileged gaze of the spectator.

Realização / Director: Vika Kirchenbauer. Alemanha / Germany, 2016, 3'.
Curta-Metragem Experimental / Experimental Short. Cor / Colour. Digital. s/
diálogos. M/16 / Over 16yo

Música / Music: Cool For You. Intérpretes / Cast: Vika Kirchenbauer, Max Görán.

www.vk0ms.com

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Vika Kirchenbauer é uma artista e escritora que atualmente vive e trabalha em Berlim. O seu trabalho já foi exposto em vários contextos, em mais de 40 países, e foi distinguido com prémios em festivais nos Estados Unidos, Coreia do Sul, Brasil, Alemanha, Espanha, Noruega, Eslováquia, Polónia, Bósnia e Itália.

Vika Kirchenbauer is an artist and writer currently working and living in Berlin. Her work has been exhibited in a wide range of contexts in about forty countries and has won prizes at festivals in the United States, South Korea, Brazil, Germany, Spain, Norway, Slovakia, Poland, Bosnia and Italy.

NORMCORE NARRATIVES

Domingo Sunday 9 • malavoadora.porto, 17h30

Master Class

MASTER CLASS

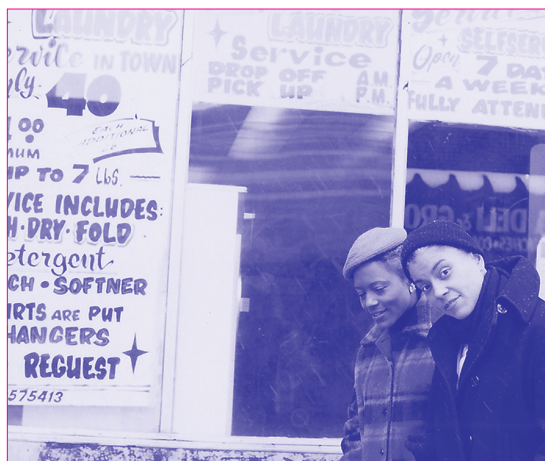
New Queer Cinema

Cheryl Dunye / Tom Kalin

Dois dos nomes mais emblemáticos do movimento do New Queer Cinema que eclodiu nos EUA em inícios dos anos 1990, Cheryl Dunye e Tom Kalin estão no Queer Porto 2 para falarem não apenas da sua experiência na realização de *The Watermelon Woman* e *Swoon*, respetivamente, mas deste importante movimento artístico e da sua experiência nesses anos. A Master Class é também uma oportunidade única para, juntamente com os espectadores do Festival e alunos de cinema, refletir sobre a influência do New Queer Cinema hoje, de como ele transformou o panorama do Cinema Queer, assim como conhecer um pouco melhor o extenso leque de atividade artística dos dois convidados.

Two of most renowned filmmakers of the New Queer Cinema movement that started in the USA in the early 1990s, Cheryl Dunye and Tom Kalin are attending Queer Porto 2 to talk about not only their experience in directing *The Watermelon Woman* and *Swoon*, respectively, but also about this seminal artistic movement and how they lived those years. This Master Class is also a rare opportunity for the Festival audience and film students to reflect upon the influence of New Queer Cinema today, how it changed the face of Queer Cinema, so as to get to know a little better the broad artistic expertise of these two guests.

62 MASTER CLASS



The Watermelon Woman, Cheryl Dunye



Swoon, Tom Kalin

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Cheryl Dunye, nascida na Libéria, em 1966, é realizadora, produtora, argumentista, editora e atriz. Atualmente, é vice-presidente do Conselho de Realizadores do Queer Cultural Center, faz parte do conselho da Radar Productions e do conselho do Queer Women of Color Media Arts Project. Residente em Oakland, Dunye é professora assistente no Departamento de Cinema da Universidade de São Francisco.

Cheryl Dunye, born in Liberia, in 1966, is a filmmaker, producer, screenwriter, editor and actress. Presently she is Vice President of the Board of Directors for the Queer Cultural Center, sits on the board of Radar Productions, and is on the advisory board of Queer Women of Color Media Arts Project. Based in Oakland, Dunye is an Assistant Professor in the Department of Cinema at San Francisco State University.

Tom Kalin, nascido em Chicago, em 1962 é, para além de realizador, argumentista e produtor, ativista na luta pelos direitos dos homossexuais. Abrangendo vídeos experimentais curtos e filmes narrativos de longa duração, o seu trabalho, galardoado e aclamado pela crítica, integra a coleção permanente do Museu Whitney, do Centro Georges Pompidou e do MoMA.

Tom Kalin, born in Chicago, in 1962, is a filmmaker, screenwriter and producer, and also a gay-rights activist. From short experimental videos to feature-length narrative films, Tom Kalin's award winning and critically acclaimed work is in the permanent collection of the Whitney Museum, the Centre Georges Pompidou and MoMA.



Cheryl Dunye © Andrew Corpuz / Tom Kalin

Sexta-feira Friday 7 • malvoadora.porto, 11h00

Duração / Duration: 1h30

Master Class falada em inglês / the Master Class is English spoken

Performances

VELVET N' GOLDMINE

Flavio Leihan

VELVET N' GOLDMINE é uma composição coreográfica construída como um solo de uma guitarra, é a trilogia de um corpo andrógino em prol da construção de um universo cada vez mais próximo de um clímax social, uma espécie de pós-apocalipse. Propõe uma nova abordagem sobre a identidade do corpo andrógino. Corpo andrógino universal. Analisa a relação entre o masculino e o feminino, através da pré- ou da pós-disposição do corpo no espaço, reforçando uma visão utópica das qualidades naturais da sexualidade. Apreende a ideia hegemónica não tradicional de uma livre flutuação transgénica, retratando uma *mix-up* com diferentes momentos de compreensão em limite de igualdade, entre a masculinidade e a feminilidade de um só corpo.

VELVET N 'GOLDMINE is a choreographic composition built as a guitar solo, it's the trilogy of an androgynous body towards the construction of a universe increasingly closer to a social climax, a kind of post-apocalypse. It proposes a new approach to the identity of the androgynous body. Universal androgynous body. It analyses the relation between male and female, through pre- or post-disposition of the body in space, reinforcing a utopian vision of the natural qualities of sexuality. It seizes the non-traditional hegemonic idea of a free transgenic float, depicting a mix-up with different moments of understanding on an equal limit, between the masculinity and the femininity of one single body.

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Flavio Leihan, artista e performer, vive no Porto. Enquanto criador e intérprete, desenvolveu as peças *Easily Disturbed* (2014) e *Velvet N' Goldmine* (2016), as performances *El Turkey* (2013) e *Heteroptera* (2016), e o projeto de música *Parental Advisory: Of (A) Mind Decay* (2016). Trabalhou com vários artistas, nomeadamente: Cyril Viallon, Joclécio Azevedo, Isabel Barros, Victor Hugo Pontes, Urban Ballets, Né Barros, Mariana Tengner Barros, Marco da Silva Ferreira, António Onio e Rogério Nuno Costa. Em 2012, concluiu o curso de intérprete de dança contemporânea no Balletteatro (Porto) e em 2015 tornou-se membro da companhia Ballet Contemporâneo do Norte. Em paralelo, trabalhou nacionalmente (Lisboa e Porto) e internacionalmente (Brasil, Paris, Londres, Bélgica e Espanha) como modelo.

Flavio Leihan is an artist and performer living in Porto. As a creator and performer, he developed the plays *Easily Disturbed* (2014) and *Velvet N' Goldmine* (2016), the performances *El Turkey* (2013) and *Heteroptera* (2016), and the musical project *Parental Advisory: Of (A) Mind Decay* (2016). He worked with many artists, such as Cyril Viallon, Joclécio Azevedo, Isabel Barros, Victor Hugo Pontes, Urban Ballets, Né Barros, Mariana Tengner Barros, Marco da Silva Ferreira, António Onio, and Rogério Nuno Costa. In 2012 he finished the degree in contemporary dance at Balletteatro (Porto) and in 2015 he became a member of the company Ballet Contemporâneo do Norte. He also worked as a model in Portugal (Lisbon and Porto) and abroad (Brazil, Paris, London, Belgium and Spain).



Flavio Leihan

V, OU FINALMENTE A CASA AMARELA

Gonçalo C. Ferreira

Esta peça é uma construção performativa de um lugar a que o meu corpo possa pertencer, através de uma estrutura dramática semelhante a uma casa. Uma casa cujo centro é o próprio ato de a construir – retrospectivamente e ativamente. Entre estes dois polos surgem imagens, objetos e textos. Materiais que tentam circunscrever a esfera da influência – quem esteve aqui, como e o que deixou. Depois do confronto, o corpo arquiva alguma coisa – uma transparência, um reflexo, uma cor. Recriam-se e destroem-se obras daqueles que já não estão enquanto processo catártico de reconhecimento da progressão do tempo. Uma peça-casa-lugar-corpo frágil que se aquece ao calor de uma envolvimento material.

This piece is the performative construction of a place to which my body can belong to through a dramaturgical structure similar to a house. A house that has as a centre the act of construction itself – retrospectively and actively. Between these two poles, images, objects and texts appear. Materials that try to circumscribe the sphere of influence – who was here, how and what remains. After the confrontation, the body archives something – a transparency, a reflection, a colour. Works of art are recreated and destroyed as a cathartic process of recognizing the progression of time. A fragile piece-house-place-body that warms itself through material surroundings.

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

1995. Em 2013, Gonçalo C. Ferreira acaba o curso de Artes do Espetáculo, vertente de Interpretação da Academia Contemporânea do Espetáculo, no Porto. Tem desenvolvido as suas próprias criações, tornando isso o centro do seu trabalho. Apresentou os seus trabalhos em espaços e contextos como o Teatro Tabor da (Lisboa), 49 ZDB (Lisboa), Teatro Municipal Campo Alegre (Porto), malvoadora.porto, Festival Dias da Dança (Porto) ou CAPC (Coimbra). Integra a equipa do projeto Cyborg Sunday, de Dinis Machado, enquanto intérprete/performer, tendo o projeto já sido apresentado no Weld (Estocolmo), Skogen (Gotemburgo) e no Negócio (Lisboa).

1995. In 2013 Gonçalo C. Ferreira finished the degree in Performing Arts, specialization in Performance, at Academia Contemporânea do Espetáculo, in Porto. He has developed his own creations, making it the center of his work. He performed in venues such as Teatro Tabor da (Lisbon), 49 ZDB (Lisbon), Teatro Municipal Campo Alegre (Porto), malvoadora.porto, Festival Dias da Dança (Porto) or CAPC (Coimbra). As a performer he's part of the project team Cyborg Sunday, by Dinis Machado. The project has already performed in Weld (Stockholm), Skogen (Gothenburg), and at Negócio (Lisbon).

Projeto / Project: Gonçalo C. Ferreira. Com / With: sallim, João&Alice, Ágata Pinho, Isadora Monteiro. Coprodução e apoio / Co-production and support: Dinis Machado/BARCO & malvoadora.porto.



Gonçalo C. Ferreira

Su8Marino - Instalação / Performance em WIP (peça a estrear em 2017)

Joana Castro

A frase "Deus está morto" de Friedrich Nietzsche, reflete o agora, mergulhado na descrença pela humanidade. O caos que se instalou no mundo em que vivemos, sem certezas, sem princípios: conduziu-nos à luta pela nossa sobrevivência, numa sociedade fragmentada, submetida às leis do mercado capitalista.

Para esta minha nova criação intitulada *Su8Marino*, pretendo refletir sobre a ideia de morte, como uma espécie de meditação sobre a liberdade. Interessa-me essencialmente pensar a morte do ambiente, dos valores, dos acordos que fizemos como sociedade, a morte do sentido, do apego pela matéria e do amor. Em palco (um espaço de ficção) celebra-se um ritual fúnebre, uma última dança, um último discurso, onde a noção de morte antes de morrer se transforma num lugar generativo. Este gera uma profunda gratidão do que possuímos enquanto seres. O processo de lidar com um corpo em decadência, que se expõe, que falha, na tentativa de reconciliação com a ideia de fim. Pretendo utilizar diferentes tipos de matéria: sólidas e líquidas, explorando em cada elemento a sua resistência e durabilidade, criando uma paisagem visual e sonoramente transmutável, onde a fronteira entre o equilíbrio e a queda é uma constante.

The sentence "God is dead", written by Friedrich Nietzsche, reflects on the now, steeped in disbelief in humanity. The chaos installed in the world we live in, without certainty, unprincipled: led us to fight for our survival, in a fragmented society, subjected to the laws of the capitalist market.

For my new creation *Su8Marino*, I intend to reflect on the idea of death as a kind of meditation on freedom. I am interested mainly in thinking about the death of the environment, of values, of the compromises we have made as a society, the death of sense, of material attachment and the death of love. On stage (a fictional space) we celebrate a funerary ritual, a last dance, a last speech, where the notion of death before dying becomes a generative place. This generates a deep appreciation of what we have as human beings. The process of dealing with a body in decay, which is exposed, failing in its attempt to reconcile with the idea of an end. I want to use different types of matter: solid, liquid, exploring each element to its strength and durability, creating a visual and sonically-shifting landscape where the border between balance and leap is constant.

PERFORMANCES

66

Conceção, criação coreográfica e cénica / **Conception, choreography and stage design:** Joana Castro. **Música original / Music:** Adriano Fontana e Joana Castro. **Texto/Text:** Joana Castro. **Desenho de luz / Light design:** Alexandre Vieira. **Aconselhamento artístico / Artistic advice:** Vânia Rovisco. **Apoio à dramaturgia / Assistant to dramaturgy:** Joclécio Azevedo. **Residências e apoios na criação / Residencies and support to the creation:** Conquering the Studio 2016: a time for research | Lugar Instável (Porto), Devir Capa (Faro), Palácio (Sobralinho), Lake Studios (Berlim), O Espaço do Tempo (Montemor). **Coprodução / Coproduction:** Teatro Municipal Rivoli.Campo Alegre .

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Joana Castro nasceu em 1988, no Porto. Iniciou os estudos no curso de Dança do Balletteatro Escola Profissional em 2006, frequentou o curso PEPC (Programa de Estudo, Pesquisa e Criação Coreográfica) no Fórum Dança em 2008, foi bolseira do Núcleo de Experimentação Coreográfica em 2009 e em 2013 participou no DanceWeb Scholarship Programme do Festival Impulstanz, em Viena. Como colaboradora e/ou performer tem colaborado em peças de Né Barros, Victor Hugo Pontes, Ana Borralho e João Galante, Flávio Rodrigues, Joana Providência, Joclécio Azevedo, entre outros. Desde 2009 que desenvolve o seu próprio trabalho, tendo apresentado obras em Portugal, Bélgica e Alemanha. Entretanto, começou a trabalhar no seu novo projeto a solo, *Su8marino*, a estrear em 2017, apresentando, em 2016, uma instalação com os materiais a ser explorados na peça, no PEPC Reunion, no Fórum Dança (Lisboa) e no E.R.R.O. mostra de performance art.

Joana Castro was born in 1988, in Porto. She began her Dance studies at Balletteatro Professional School in 2006, attended the CCDRTP (Choreographic Creation, Dance Research and Training Programme) at Forum Dança in 2008, received a scholarship from NEC in 2009; and in 2013, with the support of the Calouste Gulbenkian Foundation, she participated at the DanceWeb Scholarship Programme of Impulstanz Festival (Vienna, Austria). As a performer she worked with Né Barros, Victor Hugo Pontes, Ana Borralho and João Galante, Joclécio Azevedo, Joana Providência, among others. Since 2009 she develops her own work presented in festivals in Portugal, Belgium and Germany. Meanwhile she started to work on her new solo project, *Su8marino*, to premiere in 2017; having presented, in 2016, an installation with the materials to explore in that piece, at PEPC Reunion (Fórum Dança, Lisboa) and at E.R.R.O. performance art.



Joana Castro

MEETING POINT QUEER PORTO 2

malavoadora.porto

Durante a segunda edição do Queer Porto - Festival Internacional de Cinema Queer, a malavoadora.porto, para além de acolher a master class, sessões de curtas e performances, será o Meeting Point do Festival.

De 5 a 9 de outubro, das 16h30 às 20h30, a Sala G da companhia na Rua do Almada, n.º 283, será o lugar onde pode viver o ambiente do Festival e ficar a conhecer os membros da equipa, convidados oficiais e outros amigos do evento.

During the second edition of Queer Porto – International Queer Film Festival, besides hosting the master class, shorts programmes and performances, malavoadora.porto will be the Festival Meeting Point.

From the 5th to the 9th October, from 4.30pm to 8.30pm, the Sala G at Rua do Almada, 283, is the venue where you can absorb the Festival's atmosphere and get to know the team members, official guests, and every Festival friend.





MAUS HÁBITOS

Espaço de Intervenção Cultural

RESTAURANT

BAR

CONCERTS

ART GALLERY

PARTIES

4TH FLOOR

Maus Hábitos is a place of cultural intervention. It is innovative, subversive and doesn't want to be too defined.

Located in an iconic art deco building with some of the best views of downtown Porto, **Maus Hábitos** is an open, urban, alternative and trend setting place in the city.

It has a restaurant / pizzeria - **Vícios de Mesa** - a bar and cafeteria, outdoor patios, an exhibition room, a concert room and keeps an active and diverse monthly programme. It has public support to promote projects and exhibitions from young and emerging artists from all over the world.

Tue~Sun 12am to 12pm // Fri~Sat 12am to 4am

Closed on Mondays // Reservations: 937 202 918

mail@maushabitos.com // www.maushabitos.com

Maus Hábitos

Sessão

Especial

Special

Screening

A Crackup at the Race Riots



A CRACKUP AT THE RACE RIOTS

Realização / Director
Leo Gabin

Bélgica / Belgium, 2015, 60'

Longa-Metragem Experimental /
Experimental Feature

Cor / Colour

Digital

v.o. inglesa, sem legendas

M/16 / Over 16yo

Guião / Screenplay

Leo Gabin, Harmony Korine

Montagem / Editing

Leo Gabin

Som / Sound

Leo Gabin

Produção / Production

Leo Gabin

www.leogabin.com

70 Sessão Especial

A Crackup At The Race Riots é a primeira longa-metragem do trio de artistas Leo Gabin e é inspirado no romance homónimo de Harmony Korine. Tal como o livro, não existe lugar para trama, narrativa linear, desenvolvimento de personagens ou caracterização de cenas. O filme consiste numa sequência de memórias vagas, piadas, rumores e mensagens de suicídio. Captando momentos fragmentados de uma vida observada através das lentes dementes das redes sociais, da televisão e da obsessão adolescente, o filme dos Leo Gabin consiste exclusivamente em imagens encontradas online que foram apropriadas, manipuladas e interligadas com transcrições áudio do livro de Korine.

A Crackup At The Race Riots is the first feature film by artist-trio Leo Gabin and is based on the eponymous novel by Harmony Korine. Just like the book there is no place for plot, linear narrative, character development, or scene setting, but is rather a sequence of half-remembered scenes, jokes, rumors, and suicide notes. Capturing the fragmented moments of a life observed through the demented lens of social media, TV, and teen obsession, Leo Gabin's film consists exclusively of appropriated and manipulated online footage interlaced with audio transcripts from Korine's book.

BIOFILMOGRAFIA / BIOFILMOGRAPHY

Leo Gabin é um trio de artistas belgas que trabalham juntos desde o ano 2000. A sua obra inclui pintura, instalação e filmes. Os trabalhos de Leo Gabin já foram expostos e exibidos no Museu Dhondt-Dhaenens, em Deurle, no Schirn Kunsthalle, em Frankfurt, no White Cube, em Londres, no Museu M Woods, em Pequim, entre outros.

Leo Gabin is a Belgian artists trio, who have worked together since 2000. Their practice includes painting, installation & film. Work by Leo Gabin has been exhibited and screened at museum Dhondt-Dhaenens, Deurle; Schirn Kunsthalle, Frankfurt; White Cube, London and museum M Woods, Beijing, among others.



Leo Gabin

Maus Hábitos

Queer Pop

David Bowie: Ch-Ch-Ch-Ch Changes

Nuno Galopim

* Programador do Queer Porto

* Queer Porto Programmer



72 QUEER POP

Poucos músicos tiveram um impacto tão grande no domínio da invenção estética e na esfera dos comportamentos como David Bowie. E se passou quase invisível perante muitos durante os primeiros anos de carreira, numa fase em que seguia mais as sugestões musicais e visuais que aconteciam ao seu redor, ao começar a trabalhar todo um conjunto de ambiguidades (de género, de sexualidade), criando personagens às quais entregou o corpo a novas expressões da sua obra, transformou-se e ajudou a transformar. Mais ainda do que a figura deitada no sofá, com um vestido, que baralhou códigos identitários na capa de “The Man Who Sold The World” (1970), o alter-ego Ziggy Stardust (e de todas as expressões de mediação que Bowie ligou à sua exposição) denotaram uma afinidade para com os emergentes grupos de ativistas LGBT e fizeram de si um dos mais importantes ícones da cultura queer.

A sua obra visual, das capas dos discos às sessões fotográficas, dos telediscos aos filmes, assimilou referências que o Bowie enquanto ator foi adaptando à evolução das suas músicas. No ano em que nos deixa – e vale a pena recordar que foi através do teledisco de “Lazarus” que nos deu pistas de despedida que nenhum de nós soube descodificar num primeiro contacto – o Queer Porto presta-lhe homenagem através de um conjunto de telediscos que cruzam épocas diferentes da sua carreira.

A primeira parte do programa apresenta uma seleção de vídeos icónicos, daquele momento em que, em 1973, deu corpo a “Life On Mars?”, de rosto maquilhado e vestido por Freddie Buretti ao ensaio sobre o envelhecimento do corpo que apresentou em 1999 em “Thursday’s Child”, passando, entre outros telediscos pelo que, ao som de “Boys Keep Swinging” (1979) assistem a mais um desdobramento de si em personagens, uma vez mais procurando olhar além do discurso normativo sobre identidade de género. A segunda parte olha a produção associada a “The Next Day” (2013) e “Blackstar” (2016), da qual se destaca novo ensaio sobre o envelhecimento e identidade no vídeo que, com Tilda Swinton e Andreja Pèjic no elenco, acompanhou “The Stars Are Out Tonight”. A fechar o lote surgem os dois opus finais criados por Johan Renck para “Blackstar” e “Lazarus”, bizarros (mas agora descodificados) testamentos que encerraram uma obra ímpar.

Few musicians have had such a significant impact on aesthetic invention and on behaviour as David Bowie did. And while he remained invisible to most in the early years of his career, a phase in which he rather tended to follow musical and visual cues from his surroundings, it was when he began to work with a number of ambiguities (of gender and sexuality) and to create the characters which embodied the new expressions of his art, that he was transformed and helped others to transform. The figure reclining on a chaise longue, wearing a dress, on the cover of “The Man Who Sold The World” (1970), but even more so, the alter-ego Ziggy Stardust (and all the media exposure that Bowie tied into that persona) pointed towards an affinity with emerging LGBT activism, and turned him into one of the foremost icons of queer culture.

His visual oeuvre, from album covers to photo sessions, from music video to films, assimilated references which Bowie, as an actor, never stopped adapting to the evolution of his music. In the year in which he left us – and it is well worth recalling here that he gave us clues of his leave-taking in the music video for “Lazarus”, that no-one deciphered at first – Queer Porto pays tribute to David Bowie with a programme of music videos from different stages of his career.

The first part introduces a selection of iconic images, kicking off with his embodiment of “Life On Mars?” in 1973, with a made-up face and clothes by Freddie Buretti, to the essay on aging contained in “Thursday’s Child” (1999), as well as other videos in which, to the sound of “Boys Keep Swinging” (1979), we witness yet another unfolding of the artist into different characters, once again in the pursuit of a perspective beyond normative discourse on gender identity.

The second part of the programme focuses on the production which accompanied “The Next Day” (2013) and “Blackstar” (2016), from which a new essay on aging and identity stands out, the video for “The Stars Are Out Tonight”, starring Tilda Swinton and Andreja Pèjic. To close, the two final works, created by Johan Renck for “Blackstar” and “Lazarus”, a bizarre (but finally decoded) testament which brings to a close an unparalleled oeuvre.

Queer Pop

DAVID BOWIE: CH-CH-CH-CH CHANGES

Poucos músicos tiveram um impacto tão grande no domínio da invenção estética e na esfera dos comportamentos como David Bowie. No ano em que nos deixa, o Queer Porto presta-lhe homenagem com um conjunto de telediscos que cruza a sua carreira, num percurso entre o rosto maquilhado que cantava “Life on Mars?” na alvorada dos anos 70 aos testamentos que nos deixou entre as imagens de “Blackstar” e “Lazarus”. N.G.

David Bowie, *Life on Mars?* (1973), Mick Rock
David Bowie, *DJ* (1979), David Mallett
David Bowie, *Boys Keep Swinging* (1979), David Mallett
David Bowie, *Loving the Alien* (1985), David Bowie, David Mallett
David Bowie, *Thursday's Child* (1999), Walter Stern

David Bowie, *Where Are We Now* (2013), Tony Oursler
David Bowie, *The Next Day* (2013), Floria Sigismondi
David Bowie, *Love is Lost* (2013), David Bowie
David Bowie, *Sue (or in a Season of Crime)* (2014), Tom Hingston, Jimmy King
David Bowie, *Lazarus* (2016), Johan Renck

David Bowie, *Blackstar* (2015), Johan Renck

Quinta-feira **Thursday 6** • Maus Hábitos, 23h30

Few musicians had a greater impact in terms of aesthetic inventiveness and public behaviour as David Bowie. In the same year he leaves us, Queer Porto pays tribute to Bowie with a handful of music videos which run through his career, from the painted face that sang “Life on Mars?” in the early 70s to the testaments he left us amid the images of “Blackstar” and “Lazarus”. N.G.



Lazarus



Life on Mars?



Thursday's Child



The Next Day



ALLERERSTE SAHNE

A cereja no topo do bolo

LÍNGUA. CULTURA. ALEMANHA.
WWW.GOETHE.DE/PORTUGAL

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.

FESTA DE ABERTURA OPENING PARTY

**Quarta-feira / Wednesday 5
Maus Hábitos, 0h00**

MALHEUREUX QUE JE SUIS

Bruno Senune

"If you want me again look for me under your boot soles"

Walt Whitman

Uma estátua híbrida. Um quadro vago, um espaço inqualificável. Uma figura que habita/desabita numa constante dualidade: autenticidade versus dissimulação. Uma figura que transborda tristeza, a tristeza de um corpo omissivo, que perdura morosamente, que morre por não pertença e vive por coragem. A inadaptação da diferença, a beleza do fim, uma música, uma voz, o romantismo na eternização da desistência de si. *Malheureux que je Suis* é, na sua génese, a tristeza de um suicídio encenado. (Bruno Senune, Telma João Santos).

A hybrid statue. A vague painting, an unclassifiable venue. An individual who inhabits/flees, in a continuous duality: authenticity versus dissimulation. An individual who leaks sadness, the sadness of an absent body, that languidly remains, that perishes because it does not belong, and subsists out of courage. Not fitting because you are different, the beauty of all that ends, a song, a voice, the romanticism in eternalizing giving up oneself. At its core, *Malheureux que je Suis* is the sadness of a staged suicide. (Bruno Senune, Telma João Santos).

brunosenunecontact.blogspot.pt

76
FESTA DE ABERTURA



Bruno Senune | © Flávio Rodrigues

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Bruno Senune nasceu em Aveiro em 1992 e vive no Porto. Termina o curso de Dança no Balletatro Escola Profissional em 2011. Como intérprete, trabalhou com Né Barros, Tânia Carvalho, Flávio Rodrigues, Joana Castro, Mariana Joana von Mayer Trindade, Joclécio Azevedo e Victor Hugo Pontes. Como autor, desenvolve *Lonely*, em 2015, projeto de colaboração com Flávio Rodrigues, com estreia inserida na Exposição Sub40, com curadoria de José Maia. Em 2016, cria o solo *Kid As King* com estreia na Mala Voadora, projeto apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. É bailarino residente da Companhia Ballet Contemporâneo do Norte em 2013/14. Em 2016, trabalha com Margarida Paiva para uma curta-metragem. Paralelamente trabalha como modelo fotográfico e em aulas de figura humana.

Bruno Senune was born in Aveiro in 1992 and lives in Porto. In 2011, he finishes his Dance degree at Balletatro Escola Profissional. As a performer, he worked with Né Barros, Tânia Carvalho, Flávio Rodrigues, Joana Castro, Mariana Joana von Mayer Trindade, Joclécio Azevedo, and Victor Hugo Pontes. As an author he created the project *Lonely*, in 2015, alongside Flávio Rodrigues, which premiered at the Sub40 exhibition, curated by José Maia. In 2016 he created the solo *Kid As King*, premiered at Mala Voadora, and sponsored by the Calouste Gulbenkian Foundation. He was part of the Ballet Contemporâneo do Norte Dance Company between 2013 and 2014. In 2016, he works with Margarida Paiva for a short film. He also works as a fashion model and live art class model.

OLIVIA JACK



Olivia Jack

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Olivia Jack é programadora informática e uma artista cujo trabalho explora a tecnologia enquanto meio para a experimentação criativa. Trabalha frequentemente com software de acesso livre, *live video* e instalações interativas. Vive em Bogotá, na Colômbia.

Olivia Jack is a computer programmer and artist whose work explores technology as a medium for creative experimentation. She frequently works with open-source software, live video, and interactive installations. She is based in Bogotá, Colombia.

ojack.github.io

UNNAMED SCROLL

Telma João Santos

"Anyone who says you can't see a thought simply doesn't know art."

W. A. Reynolds

Um manifesto anti-manifestos. Um manifesto anti-gavetas, anti-caixas fechadas, com bolor e ultrapassadas. O anti-pós que não é o pré-pós. Também não é o pós-pós. É o anti anti que não é o próprio. Não segue algumas regras matemáticas sobre conjuntos com alguma regularidade. Não. É uma metamorfose.

Inspirada em *Interior Scroll*, de Carolee Schneemann, apresentada pela primeira vez em Nova Iorque em 1975, e onde um texto era lido ao microfone ao ser retirado da vagina da performer, esta performance pretende questionar a pertinência e a atualidade de uma recriação da mesma.

Em *Unnamed Scroll*, não se quer impor um pensamento/ação, ou denunciar outro. A construção de um discurso sobre a não imposição, sobre o não manifesto impõe-se enquanto atualidade. Este é um manifesto do corpo enquanto presença na ausência e ausência na presença. Um manifesto do corpo enquanto parte não cartesiana em camadas intersubjetivas.

www.telmajoaosantos.net

An anti-manifesto manifesto. A decaying and outdated anti-label, anti-boxes manifesto. The anti-post which isn't the pre-post. And not even the post-post. It's rather the anti anti that is not itself. It doesn't follow regularly certain group mathematical rules. No. It's a metamorphosis.

Inspired by Carolee Schneemann's *Interior Scroll*, shown for the first time in New York in 1975, in which a text was read on the microphone as it was drawn out of the performer's vagina, this performance intends to question the pertinence, today, of recreating it.

In *Unnamed Scroll*, we don't seek to impose a thought/action, or denounce something else. What is imposed is a discourse on non-imposition, on non-manifesto, as contemporary phenomena. This is a body manifesto; a body as presence in absence, and absence in presence. A body manifesto as a non-Cartesian slice in inter-subjective layers.



OPENING PARTY
ZZ



Telma João Santos

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Telma João Santos é doutorada em Matemática, Performer e Professora Auxiliar na Universidade de Évora, onde ensina nos departamentos de Matemática e de Artes Cénicas. Termina o doutoramento em Artes, com especialização em Artes Performativas e da Imagem em Movimento, em 2016. Estudou dança contemporânea na Companhia de Dança Contemporânea de Évora, frequentou a Escola Superior de Dança, iniciando o seu percurso como performer em 2006. Faz investigação em Cálculo das Variações (Matemática) e em Estudos da Performance, onde desenvolve possíveis relações entre a Matemática e a Performance. Documenta e acompanha vários bailarinos/performers: Flávio Rodrigues, Bruno Senune, Joana Castro.

Telma João Santos holds a PhD in Mathematics, is a Performer, and Professor at Évora University, where she teaches at the Mathematics and Performing Arts Departments. She finished her PhD in Arts, specialized in Performative and Moving Image Arts, in 2016. She studied Contemporary Dance at the Companhia de Dança Contemporânea de Évora, and attended the Escola Superior de Dança, having started to work as a performer in 2006. She is a researcher in Calculus of Variations (Mathematics) and in Performance Studies, where she investigates possible relations between Mathematics and Performance. She documents and follows several dancers/performers: Flávio Rodrigues, Bruno Senune, Joana Castro.

(G) DYSPHORIA APP

Xana Novais com Mauro Ventura

A partir de caras e de livros de tentações, surge um retrato surrealista cognitivo que elabora uma estranha metamorfose de uma atmosfera criada no núcleo da terra. As experimentações humanísticas provaram que a inteira razão que move uma mente sem pré-formatação social é o calor transmitido pelos media e pelas ações televisivas. Essas sondas arrepiam a empresa cinematográfica e enviam uma nova ação social sobre uma geração sem género aparente, não são homens, não são mulheres. Uma mutação construída para aniquilar os estados televisivos surge de uma manifestação anti terrestre. Transformaram os seres humanos numa epidemia ao contrário, até porque um ser humano está cada vez com menos humanidade. Trata-se de um libertar de mente, uma ação social contra as regras, um paradigma dentro de um paradigma. Como seria o sistema se tudo fosse aniquilado por ele próprio, o espaço apagou o género. A procriação é feita numa subordinada ação cinematográfica e o que resta são programas televisivos que se engravidam mutuamente em movimentos paradoxais ao dito cujo “humano”.

A partir de caras e de livros de tentações surge um retrato surrealista de uma mutação anti género.

cargocollective.com/xananovais
mauromauromauromauro.tumblr.com

Drawn from faces and temptation books, emerges a surrealist cognitive portrait that elaborates a strange metamorphosis of an atmosphere created at the centre of the Earth. Humanistic experimentations have proven that the whole reason that ignites a non-socially preformatted mind are the heat waves transmitted by the media and televised actions. These waves horrify the film industry and transmit a new social action on a generation with no apparent gender, not men, not women. A mutation designed to annihilate the televised states emerges from an anti-terrestrial manifestation. They transformed human kind in an opposite epidemic, also because a human being is less and less humane. It's about liberating your mind, a social action against all rules, a paradigm within a paradigm.

How would the system work if everything was destroyed within itself, space erased gender. Procreation takes place inside a subjugated cinematic action and all that remains are TV shows which mutually get pregnant in paradoxical motions to the so-called “human”.

Drawn from faces and temptation books, emerges a surrealist portrait of an anti-gender mutation.



Xana Novais

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Xana Novais nasceu no Porto. Estudou Teatro na Escola Profissional Balleteatro do Porto e fez o curso de dança FAICC na Companhia Instável. A sua primeira criação foi *Uma tela presa por Nada*. Fez trabalhos em cocriação com o coreógrafo Flavio Leihan, nomeadamente *Utopias* e *O Amor é Fodido*.

Trabalhou em teatro na peça *Triunfo dos Fortes*, da Companhia Marionetas de Mandrágora e em *O Nome da Rosa*, de Pedro Zegre Penim; em dança em *Debajo de la Piel*, de Flavio Leihan e *O céu é apenas um disfarce azul do Inferno*, de Hugo Calhim Cristovão e Joana Von Mayer Trindade. E, finalmente, como base da sua veia artística surge a performance, que lhe foi contaminada por Flavio Leihan nas performances *Parental Advisory: Of (A) Mind Decay* e *Heteroptera*; e com Alice Joana Gonçalves nas peças *Notre Dame* e *Tiger Balm*.

Os dois focos da sua carreira são a instalação performativa e a performance. Realizou até hoje vários testes à sua coleção de formas como: *NAZIPARTY* (teatro-físico), *Körper?* (performance), *VLASTNÉ* (performance) e *(VS) POPCORN* (instalação performativa). Atualmente está a desenvolver um projeto de música, *THE GLASGOW*, em colaboração com Flavio Leihan.

Xana Novais was born in Porto. She studied Theatre at the Escola Profissional Balleteatro do Porto, and the FAICC Dance course at the Companhia Instável. Her first creation was *Uma tela presa por Nada*. She co-created alongside Choreographer Flavio Leihan, namely *Utopias* and *O Amor é Fodido*.

She worked in theatre in the plays *Triunfo dos Fortes*, by Companhia Marionetas de Mandrágora, and *O Nome da Rosa*, by Pedro Zegre Penim; in dance in *Debajo de la Piel*, by Flavio Leihan, and *O céu é apenas um disfarce azul do Inferno*, by Hugo Calhim Cristovão and Joana Von Mayer Trindade. And finally, at the core of her artistic vein, comes the performance work, influenced by Flavio Leihan, through her work in the performances *Parental Advisory: Of (A) Mind Decay* and *Heteroptera*; and by Alice Joana Gonçalves with the plays *Notre Dame* and *Tiger Balm*.

The two main subjects of her work are performative installation and performance. She tested her form collection in pieces such as: *NAZIPARTY* (physical-theatre), *Körper?* (performance), *VLASTNÉ* (performance), and *(VS) POPCORN* (performative installation). She is now developing a music project alongside Flavio Leihan, *THE GLASGOW*.

FESTA DE ENCERRAMENTO CLOSING PARTY

Sábado / Saturday 8
Maus Hábitos, 0h00

ÓBICE

Flávio Rodrigues

Óbice é um projeto performativo de duração variada e para espaços alternativos ao palco. Barreira, confronto, objeção, resistência, persistência, oposição, versus, sobreposição, contraste, impelir, pulsar (...) são algumas das palavras-chave que originam a presença e a ação do corpo.

O corpo rege-se por uma série de ações que colecionou através da exploração no espaço em causa.

www.flavirodrigues.info

Ideia e direção artística / **Concept and artistic direction:** Flávio Rodrigues
Coaching: Carlota Lagido

Óbice is a performative project of undetermined duration to be performed outside of conventional stages.

Barrier, confront, objection, resistance, persistence, opposition, versus, overlay, contrast, impel, pulse (...) are some of the keywords that originate presence and the action of the body.

The body rules itself by a series of actions collected through the exploration of the given space.



Flávio Rodrigues

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Flávio Rodrigues nasceu em Mafamude, Vila Nova de Gaia, em 1984 e reside no Porto. É formado em Dança pelo Ginásio (1996), Balletatro Escola Profissional (2003), Dance Works Rotterdam (2005) e pelo Núcleo de Experimentação Coreográfica (2008). Frequentou o curso Intervenção Pública e criação de Obras *Site-specific* na Universidade Lusófona (2009). Frequentou o curso de DJ na escola Bimotor (2015). Em 2012, representa Portugal nos encontros Les Réperages/Danse à Lille e integra, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, a residência coreográfica Correios em Movimento/Dança em Trânsito no Rio de Janeiro. Desde 2006 que desenvolve os seus próprios projetos (performances, filmes, instalações, paisagens sonoras, intervenções públicas) expondo-os em diferentes contextos de apresentação: *CATÁLOGO* (2008), *Starveling (The rite of spring)* (2012), *RARA* (2014) e *G.O.D.* (2015) são alguns dos títulos. Colaborou com Né Barros, Isabel Barros, Joclécio Azevedo, Vítor Rua, Tânia Carvalho, Joana Castro, Bruno Senune, Elisa Worm, Teresa Prima e Radar 360°, Cristina Planas Leitão. Foi intérprete da companhia Ballet Contemporâneo do Norte de 2009 a 2014. É programador, em colaboração com Isabel Barros, no Festival Corpo+cidade desde 2014. Coordena o Serviço Educativo | Balletatro desde 2013 onde também é docente convidado.

Flávio Rodrigues was born in Mafamude, Vila Nova de Gaia, in 1984, and lives in Porto. He is a Dance graduate by Ginásio (1996), Balletatro Escola Profissional (2003), Dance Works Rotterdam (2005), and Núcleo de Experimentação Coreográfica (2008). He attended the Public Intervention and Site-specific courses at Universidade Lusófona (2009). He attends the DJ course at Bimotor (2015). In 2012 he represents Portugal at the Les Réperages/Danse à Lille, and with the support of the Calouste Gulbenkian Foundation takes part of the choreographic residency Correios em Movimento/Dança em Trânsito in Rio de Janeiro. He's been developing his own projects since 2006 (performances, films, installations, audio landscapes, public interventions) showing them in different contexts: *CATÁLOGO* (2008), *Starveling (The rite of spring)* (2012), *RARA* (2014), and *G.O.D.* (2015) are some of those works. He collaborated with Né Barros, Isabel Barros, Joclécio Azevedo, Vítor Rua, Tânia Carvalho, Joana Castro, Bruno Senune, Elisa Worm, Teresa Prima and Radar 360°, Cristina Planas Leitão. He was a dancer at the Ballet Contemporâneo do Norte dance company between 2009 and 2014. Alongside Isabel Barros, he is a programmer at the Corpo+cidade Festival since 2014. He coordinates the educational service of Balletatro since 2014, where he is also a guest teacher.

RE-BIRTH-PERF Marianne Baillot

Uma mulher entra em palco. Ela desenrola pequenas ficções de papel que se apresentam como investigações sobre as evidências do visível. Estas investigações no início narrativas, ilustrativas ou cômicas, escapam-se gradualmente das suas motivações primárias e caem numa dança sem qualquer razão onde ela oscila, inaceitável, com alegria.

mariannebaillot.fr

Interpretação / Cast: Marianne Baillot

Agradecimentos / Acknowledgments: Maus Hábitos

A woman steps on stage. She develops small paper fictions presented as researches on the evidence of the visible. Narrative, illustrative or comedic in the beginning, these researches gradually release themselves from their primary motivations and turn into a senseless dance in which they unapologetically oscillate in joy.



Marianne Baillot

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Originalmente com formação em Ginástica, Marianne Baillot é uma artista com experiência em Dança Contemporânea, Coreografia e Ciências Políticas. Formou-se na Áustria (SEAD, Anton Bruckner Conservatoire, DanceWEB), em França (Centre National de Danse Contemporaine Angers, Transforme-Fondation Royaumont), tendo participado em diversas oficinas pela Europa (com Deborah Hay, Lucinda Childs, entre outros). Neste momento, colabora com diversos artistas, orientando oficinas de dança em diferentes contextos. Desde 2006, encena os seus próprios trabalhos, onde questiona os códigos de representação na cultura de dança através de uma abordagem multidisciplinar, utilizando o método somático de Feldenkrais. Vive entre Tours e Porto, sendo a sua associação apoiada pela Région-Centre Val de Loire.

Coming from a professional gymnastics background, Marianne Baillot is an artist with experience in Contemporary Dance, Choreography, and Political Sciences. She did her studies in Austria (SEAD, Anton Bruckner Conservatoire, DanceWEB), France (Centre National de Danse Contemporaine Angers, Transforme-Fondation Royaumont), having attended several workshops around Europe (with Deborah Hay, Lucinda Childs, among others). She collaborates with different artists, teaching dance in diverse contexts. She's been creating her own work since 2006, in which she questions dance culture's representation codes through a multidisciplinary approach, using the Feldenkrais somatic method. She lives in Tours and Porto, and her company is supported by the French Région-Centre Val de Loire.

GNUČČI



GNUČČI | © Esteban Wautier

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Ana Rab, melhor conhecida pelo seu nome artístico GNUČČI, é uma exuberante vocalista que tem feito nome com a sua abordagem única à Club Music. Trata-se de Rap, de Bass, inegavelmente Dance Music, mas trata-se também de Pop para uma nova década, rico em texturas e sons. Simplesmente, GNUČČI faz uso do seu interesse por um vasto universo de estilos e espaços musicais de forma a criar bombásticas canções influenciadas pela Bass Music.

Quer nos deixemos cativar pela sua cadência energética, pelos seus raps irónicos ou pela sua voz encantadora ou ganchos melódicos, GNUČČI tem-se afirmado um nome a ter em conta na cena musical e uma intérprete ao vivo a não perder. GNUČČI tem continuamente tocado ao vivo um pouco por todo o mundo, desde que começou a sua carreira em 2012. Em numerosos clubes, da Cidade do México a Berlim. Em Festivais como Roskilde, Way Out West e o Red Bull Weekender; entre palmeiras na Etiópia, Tailândia e Angola; em manifestações antifascistas nos países nórdicos.

Depois do sucesso de canções como "work!", "goodah" e "a.rab", em 2016 esperam-se novos lançamentos, vídeos eletrificantes e o primeiro álbum de GNUČČI, *you good I'm good let's be great*.

Ana Rab, better known by her stage name GNUČČI, is an exuberant vocalist establishing a name for herself with her unique take of Club Music. It is Rap, it is Bass, it is undeniable Dance Music, but it's also Pop for a new decade, rich with many textures and sounds. Most simply GNUČČI uses her interest in a wide field of styles and musical spaces to make bombastic bass-oriented songs.

Whether you are hit by her energetic cadence, witty raps or her charming voice and hooks, GNUČČI is proving herself to be a vital voice in music and a must see live performer. GNUČČI has consistently been performing live, worldwide, since her debut 2012. At numerous nightclubs, from Mexico City to Berlin. Festivals such as Roskilde, Way Out West and Red Bull Weekender; among palm trees in Ethiopia, Thailand and Angola; to antifascist demonstrations around the Nordic countries.

After the success of tracks including "work!", "goodah" and "a.rab", 2016 will bring new releases, electrifying videos and GNUČČI's debut album, *you good I'm good let's be great*.



Billy Lloyd

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Billy Lloyd começou a sua viagem musical aos seis anos de idade, a tocar música clássica e minimalista, ao piano. Compositores como Mendelssohn e Einaudi foram instrumentais na sua formação. Aos 10 anos, Billy começou a ensaiar com um sistema de *loop* depois de se ter frustrado com as regras e ordens da música clássica, criando vastos arranjos de *loops* repetitivos para piano, eventualmente progredindo para a sua estruturação e gravação em forma de canções.

Um fascínio mórbido pela morte fez com que escrevesse um musical aos 12 anos, sobre três crianças a lidar com a morte dos respetivos pais, que decidem mudar-se para o cemitério onde estes estão enterrados de forma a ficarem próximos deles. Embora nunca tocado ao vivo, este musical deu início ao que vem a revelar-se um fascínio pelo lado negro da psique humana, influenciando tematicamente a sua obra até hoje.

Após muitos anos dedicados essencialmente a peças minimalistas instrumentais para piano, compostas como um fluxo de consciência através de um sistema de *loop*, Billy deu-se conta de que queria confrontar os temas e sentimentos explorados na sua música. Tendo integrado um coro de clássica aos 16 anos, Billy aprendeu sobre harmonia e estrutura a várias vozes, uma influência evidente em muitas das suas canções.

Billy aprendeu por si a usar um programa de gravação que descarregou no seu computador portátil, gradualmente construindo um pequeno estúdio no seu quarto, onde gravou as suas primeiras canções. Ensaaiando o uso de sintetizadores e ricas harmonias vocais, passava horas a brincar com diferentes efeitos e sons de forma a criar um electro negro único, de suporte às suas melodias torturadas.

Chegados a 2014, Billy lança o seu primeiro EP, *Who (/)*; a primeira parte de uma trilogia de EPs que focam questões de identidade social, cultural e pessoal. Seguiu-se uma viagem a Moscovo onde foi cabeça de cartaz de um concerto e erigiu a bandeira LGBTQ em frente ao Kremlin.

No início de 2015, Billy fez uma minidigressão pelos EUA, que arrancou no lendário Joe's Pub de Nova Iorque e fez a lista da escolha dos críticos na Time Out New York. Em abril, nasce a segunda parte da trilogia: *Who (//)*, com críticas favoráveis na Attitude Magazine, entre outras.

Billy Lloyd began their musical journey learning to play classical and minimalist piano at age 6, with composers such as Mendelssohn and Einaudi being instrumental in their musical upbringing. At age 10, Billy began experimenting with a looping system after they became too frustrated with the rules and order of classical music, creating vast arrangements of repetitive piano loops, eventually learning to record and structure them into fully fledged songs.

A morbid fascination with death lead to writing a musical at age 12, following three young children as they deal with the deaths of their parents, deciding to live in the graveyard where their parents were buried so that they could always be close to them. Though never performed in any official capacity, this began what was to be a long-time fascination with the darker side of the human psyche, influencing future subject matters to this day.

After many years writing mainly instrumental, minimalist pieces of piano music, largely composed stream of conscious with a looper system, Billy realised that they wanted to be able to confront the issues and feelings they were experiencing in their music. Joining a classical choir at age 16, Billy learnt about harmony and structure with multiple voices, an influence that is self-evident in a number of their songs.


Billy then set about teaching themselves to use the recording program that they downloaded onto their laptop, slowly piecing together a sort of makeshift bedroom studio, where they recorded their first few songs. Experimenting with synths and rich vocal harmonies, they spent hours playing around with different effects and sounds to create the distinctive dark electro that underpins their tortured melodies.

Fast forward a few years to 2014, which saw Billy release their first EP *Who (/)*; part one of a trilogy of EPs concerned with identity, both social, cultural and personal. Then, a trip to Moscow, Russia that saw them headlining a show and holding the LGBTQ flag in front of the Kremlin.

In early 2015 Billy then went on to do a mini-tour of the USA, with their US debut at the legendary Joe's Pub in New York being made critics' choice on Time Out New York. April saw the second instalment of the Who trilogy: *Who (//)*, reviewed in Attitude Magazine amongst other places.

PARENTAL ADVISORY: OF MIND DECAY

Flavio Leihan

Parental Advisory: Of  Mind Decay é o meu projeto musical a solo. Um projeto a solo que mistura batidas eletrônicas e sintetizadores com ambiências negras de guitarra, letras pessoais e sentidas com vozes irritantes.

O objetivo é testar os meus próprios limites, dando cabo da merda do sistema, criando uma visão anárquica, única para mim.

SOMOS LIVRES, FODA-SE!

cargocollective.com/flavioleihan


Parental Advisory: Of  Mind Decay is my solo music project. A solo project mixing electronic beats and synths with dark ambient guitar, heartfelt and personal lyrics with annoying voices.


The point is to test my limits, breaking the fucking system, creating an anarchist vision, unique to myself.

WE ARE FUCKING FREE!



BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Flavio Leihan, artista e performer, vive no Porto. Enquanto criador e intérprete, desenvolveu as peças *Easily Disturbed* (2014) e *Velvet N' Goldmine* (2016), as performances *El Turkey* (2013) e *Heteroptera* (2016), e o projeto de música *Parental Advisory: Of  Mind Decay* (2016). Trabalhou com vários artistas, nomeadamente: Cyril Viallon, Joclécio Azevedo, Isabel Barros, Victor Hugo Pontes, Urban Ballets, Né Barros, Mariana Tengner Barros, Marco da Silva Ferreira, António Onio e Rogério Nuno Costa. Em 2012, concluiu o curso de intérprete de dança contemporânea no Balletteatro (Porto) e em 2015 tornou-se membro da companhia Ballet Contemporâneo do Norte. Em paralelo, trabalhou nacionalmente (Lisboa e Porto) e internacionalmente (Brasil, Paris, Londres, Bélgica e Espanha) como modelo.

Flavio Leihan is an artist and performer living in Porto. As a creator and performer, he developed the plays *Easily Disturbed* (2014) and *Velvet N' Goldmine* (2016), the performances *El Turkey* (2013) and *Heteroptera* (2016), and the musical project *Parental Advisory: Of  Mind Decay* (2016). He worked with many artists, such as Cyril Viallon, Joclécio Azevedo, Isabel Barros, Victor Hugo Pontes, Urban Ballets, Né Barros, Mariana Tengner Barros, Marco da Silva Ferreira, António Onio, and Rogério Nuno Costa. In 2012 he finished the degree in contemporary dance at Balletteatro (Porto) and in 2015 he became a member of the company Ballet Contemporâneo do Norte. He also worked as a model in Portugal (Lisbon and Porto) and abroad (Brazil, Paris, London, Belgium and Spain).

BE (ON) YOU

Tales Frey e Paulo Aureliano da Mata

Dois corpos *cis* masculinos beijam as suas próprias imagens refletidas em um único espelho de dupla face durante uma hora. Performance concebida por Tales Frey para ser executada unicamente com seu parceiro de arte e vida: Paulo Aureliano da Mata. Juntos, os dois artistas mantêm a Cia. Excessos e a eRevista *Performatus*.

ciaexcessos.com.br

Two male *cis* bodies kiss their own images reflected in a sole double-sided mirror, for an hour.

Performance created by Tales Frey to be executed exclusively with his life and art partner: Paulo Aureliano da Mata. Together, the two artists run the Cia. Excessos and *Performatus* eMagazine.



Tales Frey / Paulo Aureliano da Mata

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Tales Frey (Catanduva, SP, Brasil, 1982) vive e trabalha entre o Brasil e Portugal. Performer, videasta, crítico de arte e encenador, atualmente desenvolve a pesquisa intitulada *Vestido* num pós-doutoramento vinculado ao CEHUM – Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. Tem doutoramento em Estudos Teatrais e Performativos pela Universidade de Coimbra, fez Mestrado em Teoria e Crítica da Arte pela Universidade do Porto e uma especialização em Práticas Artísticas Contemporâneas pela mesma instituição. Graduado em Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde manteve vínculo para cursar Indumentária na Escola de Belas Artes da UFRJ. Apresentou trabalhos artísticos em bienais, mostras, festivais e exposições na Argentina, Brasil, Canadá, China, Cuba, EUA, Inglaterra, Islândia, França, Alemanha, Malásia, México, Polónia, Peru, Portugal, Sérvia, Suécia e Tailândia.

Tales Frey (Catanduva, SP, Brazil, 1982) lives and works between Brazil and Portugal. Performer, video-artist, art critic and stage director, he is now developing a research with the title *Vestido*, through a Post-Doctoral at the CEHUM – Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. He holds a PhD in Performance and Theatre Studies by Coimbra University, a Masters in Art Theory and Criticism by Porto University, where he also specialized in Contemporary Artistic Practices. He graduated in Stage Direction by the Rio de Janeiro Federal University, where he also attended the Wardrobe Design course at the Fine Arts School. He presented his work in biennales, festivals and exhibitions in Argentina, Brazil, Canada, China, Cuba, USA, UK, Iceland, France, Germany, Malaysia, Mexico, Poland, Peru, Portugal, Serbia, Sweden, and Thailand.

Paulo Aureliano da Mata (Inhumas, GO, Brasil, 1987) vive e trabalha entre o Brasil e Portugal. É performer e historiador de arte, membro fundador da Cia. Excessos e da eRevista *Performatus*, e organizador e diretor da Mostra *Performatus*. Atualmente, é mestrando em Práticas Artísticas Contemporâneas na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde se licenciou em História da Arte. Participou nas coletivas nacionais e internacionais: Sob (U)Trajes e Gozos (Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, Ovar, Portugal, 2016); 19ª Traverse Video: l'Atypique Trouble (Museu de Arte Moderna e Contemporânea Les Abattoirs, Toulouse, França, 2016); XVIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira: "Olhar o passado para construir o futuro" (Vila Nova de Cerveira, Portugal, 2015); Maria de Todos Nós: 50 anos de Maria Bethânia (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brasil, 2015).

Paulo Aureliano da Mata (Inhumas, GO, Brazil, 1987) lives and works between Brazil and Portugal. He is a performer and art historian, founding member of Cia. Excessos and *Performatus* eMagazine, and organizer and director of the Mostra *Performatus*. He is taking his Masters in Contemporary Artistic Practices at the Fine Arts Faculty of the Porto University, where he graduated in Art History. He took part of the international and national group shows: Sob (U)Trajes e Gozos (Museu Júlio Dinis – Uma Casa Ovarense, Ovar, Portugal, 2016); 19th Traverse Video: l'Atypique Trouble (Les Abattoirs Modern and Contemporary Art Museum, Toulouse, France, 2016); XVIII Bienal Internacional de Arte de Cerveira: "Olhar o passado para construir o futuro" (Vila Nova de Cerveira, Portugal, 2015); Maria de Todos Nós: 50 anos de Maria Bethânia (Paço Imperial, Rio de Janeiro, Brazil, 2015).

JOÃO & ALICE



João & Alice

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

“João Abreu (nascido a 8 junho de 1995 em Guimarães, Portugal) e Alice dos Reis (nascida a 18 março de 1995 em Lisboa, Portugal) são dois artistas que formam a dupla internacionalmente aclamada João & Alice. São conhecidos por reproduzir, multiplicar e comercializar a sua imagem em vários contextos e media.”

“João Abreu (born on the 8th June 1995 in Guimarães, Portugal) and Alice dos Reis (born on the 18th March 1995 in Lisbon, Portugal) are a duo of artists internationally renowned and known as João & Alice. They are known for reproducing, multiplying, and commercializing their image in diverse contexts and media.”

TIAGO AGUIART



Tiago Aguiart

BIOGRAFIA / BIOGRAPHY

Tiago Aguiart nasceu em 1990, no Porto. Concluiu o curso profissional de fotografia no Instituto Português de Fotografia em 2016. Integrou vários workshops na sua formação dos quais destaca com António Sá.

Como fotógrafo profissional colaborou com o Balletatro e alguns artistas independentes: André Santos, Bruno Senune, Flávio Rodrigues, Camila Neves.

Tiago Aguiart was born in 1990, in Porto. He finished the Photography Course at the Instituto Português de Fotografia in 2016. He attended several formative workshops, among which he highlights the one he did with António Sá.

As a professional photographer, he collaborated with Balletatro and some independent artists: André Santos, Bruno Senune, Flávio Rodrigues, Camila Neves.

<https://tiagoaguiartphotography.wordpress.com/>

A propósito da Retrospectiva New Queer Cinema a decorrer no Teatro Rivoli e no verdadeiro espírito transgressor e transdisciplinar deste importante movimento artístico do cinema independente americano, o Queer Porto 2 lançou o desafio a seis artistas para, cada um na sua linguagem e suporte específicos, criar uma obra para um dos seis filmes que fazem parte da retrospectiva. Os trabalhos ficam expostos na Galeria Wrong Weather no decorrer do Queer Porto 2 e serão editados numa coleção limitada de postais, de forma a celebrar estas seis obras seminais do cinema queer. António MV (*Mala Noche*, Gus Van Sant), Júlio Dolbeth (*Go Fish*, Rose Troche), Mauro Ventura (*The Living End*, Gregg Araki), Rita Roque (*The Watermelon Woman*, Cheryl Dunye), Sandra Araújo (*Poison*, Todd Haynes) e Von Calhau! (*Swoon*, Tom Kalin) responderam ao apelo do Festival e abraçaram este desafio de imediato.

For the *New Queer Cinema* Retrospective taking place at Teatro Rivoli, and in the truly transgressive and transdisciplinary spirit of this important movement in American independent cinema, Queer Porto 2 challenged six artists to, each one in their own language and medium, create a work for one of the six films of the retrospective. These works will be exhibited at Galeria Wrong Weather throughout Queer Porto 2 and will be printed in a limited edition postcard collection, as a means of celebrating six seminal films in queer cinema history. António MV (*Mala Noche*, Gus Van Sant), Júlio Dolbeth (*Go Fish*, Rose Troche), Mauro Ventura (*The Living End*, Gregg Araki), Rita Roque (*The Watermelon Woman*, Cheryl Dunye), Sandra Araújo (*Poison*, Todd Haynes), and Von Calhau! (*Swoon*, Tom Kalin) answered to the Festival's call and immediately embraced this challenge.

Galeria Wrong Weather
5-9 outubro / October, 10h00-19h00

Exposição Exhibition

New Queer Cinema

ANTÓNIO MV
Mala Noche, Gus Van Sant

António MV completou a licenciatura em Artes Plásticas pela Escola Superior de Arte e Design das Caldas da Rainha, em 2006. Integrou um estágio ao abrigo do programa Leonardo da Vinci na Werkstattthaus – Stuttgart, onde desenvolveu trabalho na área da gravura com Peter Weber. Possui formação adicional nas áreas de Modelação de Cerâmica, Ilustração, Serigrafia e Cinema (formato super8). É cocriador do projeto de produção artística “BELA TV”, juntamente com Mariana Tengner Barros, Nuno Miguel e Rogério Nuno Costa. Membro fundador da escola de imagem em movimento “Deus Ex Máquina”, em conjunto com Gonçalo Pena e Sara Morgado Santos, na ZDB, Lisboa. O último projeto individual que apresentou no campo das artes plásticas intitula-se “WEB 2.0 – a obra de arte e a imagem consumo na era digital”, 2015.

António MV graduated in Visual Arts by the Escola Superior de Arte e Design in Caldas da Rainha, in 2006. He did an internship through the Leonardo da Vinci program at the Werkstattthaus – Stuttgart, where he developed engraving work with Peter Weber. He also studied Pottery Modelling, Illustration, Screen Printing, and Film (Super 8 format). He is co-creator of the artistic production project “BELA TV”, alongside Mariana Tengner Barros, Nuno Miguel, and Rogério Nuno Costa. Founding member of the “Deus Ex Máquina” moving image school, alongside Gonçalo Pena and Sara Morgado Santos, at ZDB, Lisbon. His latest solo project in visual arts is named “WEB 2.0 – a obra de arte e a imagem consumo na era digital”, 2015.

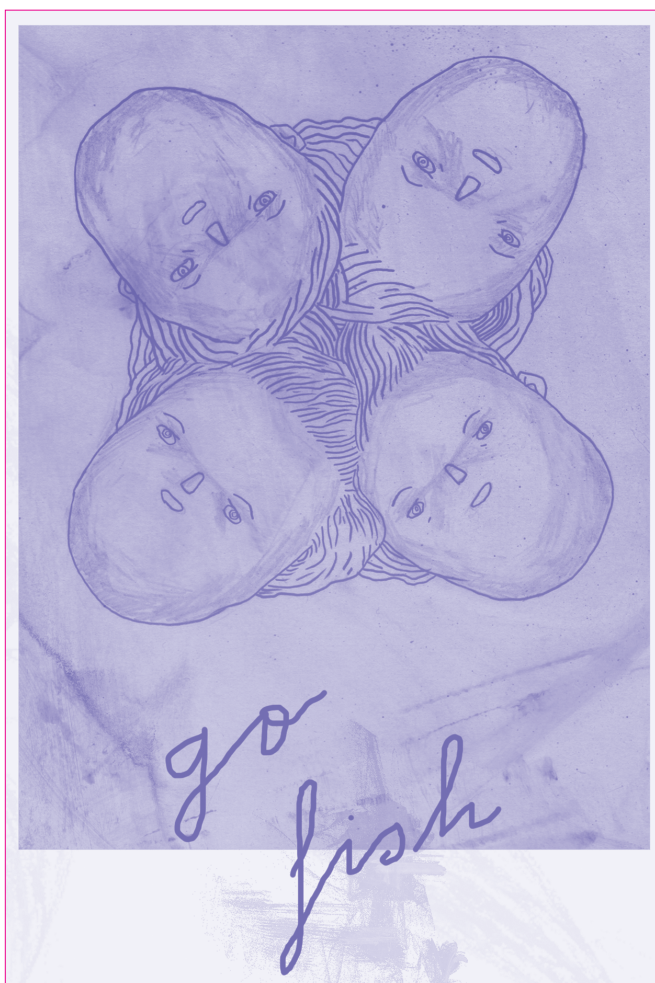


Fotografado por / Photographed by: Pedro Celestino

JÚLIO DOLBETH
Go Fish, Rose Troche

Júlio Dolbeth nasceu em Angola em 1973, vive e trabalha no Porto. Tem um Doutoramento em Arte e Design, área de ilustração e um Mestrado em Arte Multimédia. É licenciado em Design de Comunicação. Professor Auxiliar na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, é cofundador e curador da galeria Dama Aflita, no Porto. Artista e ilustrador, tem exposto regularmente em mostras individuais e coletivas.

Júlio Dolbeth was born in Angola in 1973, lives and works in Porto. He has a PhD in Art and Design, specialized in illustration, and a Masters in Multimedia Art. He graduated in Communication Design. He's an assistant professor at the Fine Arts Faculty of the University of Porto, and he's a cofounder and curator at the Dama Aflita Gallery, in Porto. Artist and illustrator, Júlio Dolbeth has exhibited his work regularly in solo and group exhibitions.



MAURO VENTURA
The Living End, Gregg Araki

Quando lhe pedem para escrever uma bio ou fazer um portfolio, Mauro Ventura fá-lo de uma forma que não responde necessariamente à premissa. As suas pinturas são performativas mesmo quando existem sem ele. A sua ação viaja por trabalhos visuais, recortes que congelam fragmentos de uma vida a ser vivida, música e paisagens de cor e formas que reconhecem a humanidade, mas questionam o seu significado.

Quando lhe pedem para escrever uma bio ele não o faz porque, fazê-lo, é distorcer um percurso mental de descrever algo que se conhece demasiado bem. Por vezes as palavras faltam quando se tenta escrever sobre a realidade, a poesia (ou a pintura, por exemplo) fazem-no melhor.

When asked to write a bio or make a portfolio Mauro Ventura does it in a way that doesn't respond to the premise. His paintings are performative even when they follow their own path. His agency travels through visual art works, snippets that snap a fragment of a life being lived, music and overall landscapes of colours and shapes that recognize humanity but question its meaning.

When asked to write a bio he doesn't because to do so is to distort a mental process of describing something that is well known. Sometimes words lack when writing about reality, poetry (or painting for instance) do it better.

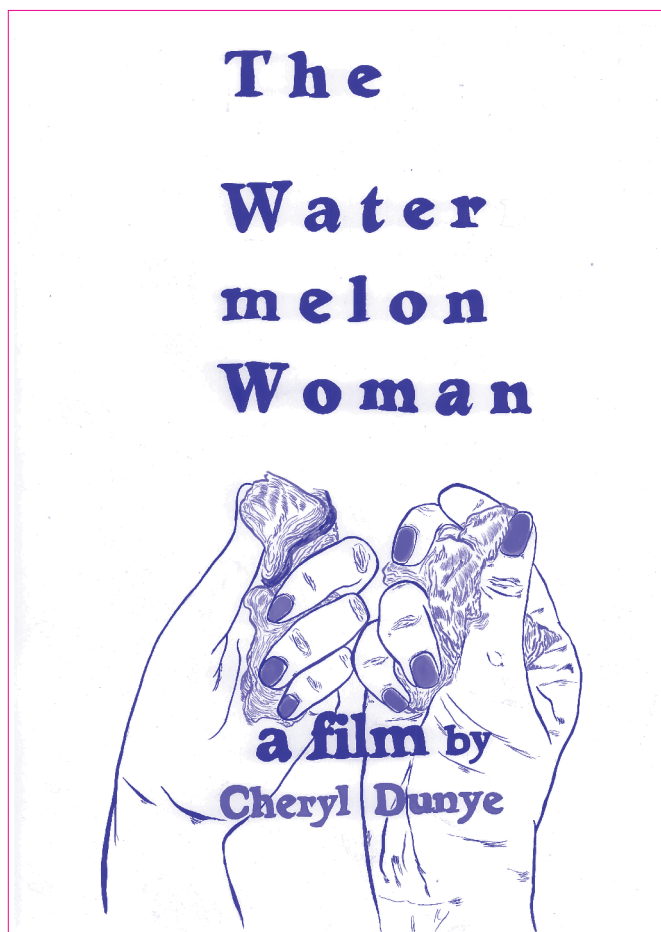


RITA ROQUE

The Watermelon Woman, Cheryl Dunye

Rita Roque nasceu em Genebra em 1984. Muda-se para Portugal em 1999. Formou-se em Coimbra em História da Arte e, posteriormente, especializou-se num Mestrado em História da Arte, Turismo e Património Cultural (2004-2009). Locutora de programação e divulgação cultural na Rádio Universidade de Coimbra (2005-2009). Pós-graduação no Mestrado de Crítica de Arte da Faculdade de Belas Artes do Porto (2009-2010). Educadora do Serviço Educativo da Fundação de Serralves desde 2011. Por entre a realização de textos para artistas, participa ativamente na vida artística da cidade organizando e trabalhando em curadoria para exposições independentes. Tem vindo paulatinamente a desenvolver uma extensão do seu próprio gosto pela imagem através da realização de ilustrações e desenhos para a Ó!Galeria bem como para publicações do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Rita Roque was born in Geneva in 1984. She moved to Portugal in 1999. She graduated in Coimbra in Art History and then did her Masters in Art History, Tourism, and Cultural Heritage (2004-2009). Radio host in the cultural area for the Rádio Universidade de Coimbra (2005-2009). She did a Post-graduation in the Masters in Art Criticism and the Fine Arts Faculty of Porto University (2009-2010). Educator at the Educational Service of the Serralves Foundation since 2011. Besides writing texts for artists, she takes an active part in Porto's artistic scene by organizing and curating independent exhibitions. She has slowly been developing her own taste for image making by doing illustrations and drawings for Ó!Galeria so as for the book publications of the Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Humanities Faculty, Porto University.



SANDRA ARAÚJO
Poison, Todd Haynes

Sandra Araújo é uma artista visual que passou infindáveis horas a disparar sobre monstros e a deambular através de labirintos. Portanto, foi apenas natural que ela desenvolvesse, através de um processo experimental e explorativo, a cultura visual dos videogames e dos ficheiros gif nas suas animações. Ainda joga videogames *old school*.

<http://s-ara.net>

Sandra Araújo is a visual artist that spent endless hours shooting at monsters and strolling through mazes. So, it only felt natural for her to evolve through an experimental and explorative process of the visual culture of video games and popular gif files in her animations. She still plays old school computer games.



VON CALHAU!
Swoon, Tom Kalin

Von Calhau! (Porto, 2006). É o trabalho feito em bicomunhão entre Marta Ângela e João Artur. Até ao momento deixa-se apresentar sob a forma de encontros, performances, concertos, exposições, posters, desenhos, discos, textos, livros e afins. Tem sido apresentado em locais como Culturgest; Palais de Tokyo; Cafe Oto; De Player entre outros. Edições incluem os livros: *NN* (ed. Serralves, 2011) e *O Rato Retórico Ritualiza o Rutilo* (ed. Culturgest, 2015); e os discos: *Quadrologia Pentacónica* (Rafflesia, 2011), *Magneto Luminoso Condutor Sombra* (ed. autor, 2013) e *Ú* (ed. Kraak, 2016).

Von Calhau! (Porto, 2006). Is the bi-communal collaboration work of Marta Ângela and João Artur. Up to now they present themselves in the form of gatherings, performances, concerts, exhibitions, posters, drawings, music records, texts, books, and the likes. They have been shown in venues such as Culturgest; Palais de Tokyo; Cafe Oto; De Player, among others. Book publications include: *NN* (ed. Serralves, 2011) and *O Rato Retórico Ritualiza o Rutilo* (ed. Culturgest, 2015); and the music records: *Quadrologia Pentacónica* (Rafflesia, 2011), *Magneto Luminoso Condutor Sombra* (ed. autor, 2013), and *Ú* (ed. Kraak, 2016).



“Shhh.
Ninguém
sabe que
é alugado!”

moving *Pedro's* way



Com o Selection garantimos-lhe o carro que escolheu da nossa montra de Luxury & Fun Cars, um serviço de excelência e tudo a preços muito acessíveis.

Europcar

moving *your* way

PALMARÉS 2015

2015 FESTIVAL AWARDS

O JÚRI / THE JURY

Competição Oficial / Official Competition

José Capela (Arquiteto e Cenógrafo, Porto | Architect and Stage designer, Porto)

Rui Filipe Oliveira (Produtor, Lisboa | Producer, Lisbon)

Toby Ashraf (Crítico e Programador, Berlim | Critic and Programmer, Berlin)

MELHOR FILM / BEST FILM

The Royal Road

Realização / Director: Jenni Olson.

EUA/ USA, 2015, 65'

“Este enigmático filme-ensaio de Jenni Olson questiona paradigmas instituídos de representação, historiografia e linguagem cinematográfica. Produz uma colagem pessoal de imagens quase fotográficas de arquitetura e paisagens californianas, que parecem desprovidas de presença humana. Ao silêncio sobrepõe-se apenas a voz de Jenni Olson a falar sobre as suas amantes do passado, épocas esquecidas e clássicos da história do cinema norte-americano. *The Royal Road* testa os limites da linguagem cinematográfica de uma forma austera mas brilhante. Olson mistura discurso e animações didáticas, relatos de relações lésbicas e o pensamento de Brecht, reflexões sobre as guerras nacionais e comentários sobre personagens de filmes. Complexo no conteúdo, simples na forma e rigoroso no ritmo e na estrutura, *The Royal Road* é um belíssimo anti-filme invulgarmente fértil para o pensamento.”

Declaração do Júri

“Jenni Olson’s enigmatic essay film beautifully questions fixed paradigms of representation, historiography and film language. Her personal collage consists of photographic shots of Californian landscapes and architectures that seem devoid of human presence. The sound is deregulated, music is absent. Instead, we hear Jenni Olson speak about past lovers, forgotten pasts and classics of US-American film history. *The Royal Road* tests the borders of cinema through its austere, yet fascinating form. Olson interweaves discourse with didactic animations, lesbian relationship reports with Brecht quotes, and thoughts on national wars with comments on film characters. Complex in content, yet simple in form, and purely mesmerising in rhythm and image structure, *The Royal Road* is a beautiful anti-film that provides lots of food for thought.”

Jury Statement

Menção Especial / Special Mention

The Night

Realização / Director: Zhou Hao.

China/ China, 2014, 95'

“*The Night*, do realizador chinês de 23 anos Zhao Hao e do seu coletivo de estudantes, conta a história de um trabalhador sexual masculino numa terra de ninguém urbana, e merece atenção pelo imaginativo e ambiental trabalho de câmara, pelo quase mágico uso cinematográfico do espaço, e pelo terno e assertivo retrato das margens da sociedade realizado num contexto político repressivo.”

Declaração do Júri

“*The Night*, by 23-year old Chinese filmmaker Zhou Hao and his student collective, tells the story of a male sex worker in an urban no-man’s land and deserves attention for its imaginative and moody camerawork, its almost magical cinematic use of space and its tender and ambitious portrayal of people on multiple margins of a restrictive political system.”

Jury Statement



FilmFestivalLife*

Submit smarter.

Join the submission platform where
award-winning filmmakers and quality festivals meet.

www.filmfestivallife.com



Siga-nos no facebook

WWW.WINECONCEPT.PT



Seja responsável, beba com moderação. info@wineconcept.pt | +351 961 703 011

AGRADECIMENTOS

ACKNOWLEDGMENTS

Ministério da Cultura
Luís Filipe de Castro Mendes

ICA - Instituto do Cinema e do Audiovisual
Filomena Serras Pereira
Ana Costa Dias
Nuno Fonseca
Leonor Silveira
Alda Barroso
Margarida Afonso
Vitor Pinheiro
Maria João Pocinho
Luís Oliveira
Graciete Gregório

Câmara Municipal do Porto
Rui Moreira
Joaquim Guilherme Blanc

Teatro Rivoli
Tiago Guedes
Francisco Malheiro
Paulo Covas
José Reis
Bruno Malveira
Vânia Ferreira
Marco Silva

malavoadora.porto
José Capela
Jorge Andrade
Vânia Rodrigues
Joana Costa Santos
Jonathan da Costa

Maus Hábitos
Daniel Pires
Rui Mascarenhas
Marianne Baillet
Luís Salgado
Carmo Ósul
Carlos Casaleiro
Marco Taveira

Wrong Weather
João Pedro Vasconcelos

Casa do Livro / Xico Queijo
Pedro Paz Trindade
Zeca Maia

e | and

Absolut
Luís Mota
Maria João Lara
Ricardo André
Pedro Segurado
Inês Branquinho

American Express
Cláudia Kay
Marta Gomes

Antena 3
Nuno Reis
Luís Oliveira

Arte Institute
Ana Miranda
Constança Vilela

Embaixada do Chile
Sr. Embaixador Germán Guerrero
Patrício Cabezas

Embaixada dos EUA
Sr. Embaixador Robert A. Sherman
Margaret A. Young
Nicolau B. Andresen

ESMAE – Escola Superior de Música, Artes e Espetáculo
José Manuel Quinta Ferreira
João Paulo Donga
Inês Salselas Cabral

Europcar
Cristina Pimpão
Sérgio Campos

Faculdade de Belas Artes do Porto
José Paiva
Vitor Almeida

Fever Tree
Bruno Pereira
Cesar Coutinho
Bruno Sapateiro
Patrícia da Costa

FilmFestivalLife
Luca Zamai
Simona Patrizi
Andrea Marinsalta

Finepaper
Fernando Costa
Maria Menezes
Dilía Costa

FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento
Vasco Rato
Miguel Vaz
Leonor Roquette
Sofia Arouca

Flipside
Olaf Veerman
Ricardo Mestre
Daniel Silva

Fuel
Marcelo Lourenço
André Navarro
Pedro Bexiga
Fred Oliveira
Richard Warrell
Rita Santos

Goethe-Institut
Claudia Hahn-Raabe
Elizabeth Volpel
José Eduardo Rios
Corinna Lawrenz

Hotel Quality Inn Portus Cale
José Carapito
Raquel Miranda
Sandra Brás
Sara Pamplona

Lufthansa
Lisete Frango

Miss'Opo
Ana Luandina
Paula Lopes
Joana Oliveira
Marta Lima

Much Underwear
Hugo Palos Pires
Bruno Malveiro

RTP 2
José Navarro
Maria João Saint-Maurice
Teresa Paixão
Marina Ramos
Ana Loureiro
Sandra Seabra
Joana Ferraz

ShopAlike
Ana da Silva

Tapabento
Isabel Canhola

Wine Concept
Nuno Sousa

e | and

Agência - Portuguese Short Film Agency
Salette Ramalho
Liliana Costa

Big Picture
Sandra Lopes
João Antunes
Jorge Dias

Films Boutique
Giorgia Huelssse

Fortíssimo
Jindra Span

Fox Searchlight
Christophe Mercier
Peter Rajki
Adam Thompson
Margaux Valla
Janice Li

Frenesy Films
Daniela Venturelli
Stella Savino

Hollywood Classics
Albina Terentjeva

Killer Films
Logan Steinhardt

Latido Films
Oscar Alonso
Marta Hernando Vidal

Leo Gabin
Robin De Vooght
Gaetan Bergerem
Lieven Deconick

MK2
Félix Chrétien
Margot Rossi

Magnolia Pictures
Scott Veltri

Park Circus Ltd.
Marc Truesdale
Graham Fulton
Phil Kennedy
Lyndsey Smith

Sony Music
Miguel Oliveira

Swedish Film Institutet
Sara Ruster

Warner Music
João Teixeira

Wide Management
Matthias Angoulvant
Ana Perromat

Zeitgeist Films
Nancy Gerstman
Taso Georgakis

e | and

À Pala de Walsh
Ricardo Vieira Lisboa

Canal Q
Gonçalo Fonseca
Marta Santos

Dezanove
Vasco Paulo Monteiro

Magnética Magazine
Bruno Pereira
Gonçalo Mira

Máquina de Escrever
Nuno Galopim

Portugal Gay
João Paulo

Pink TV
Nicollas Maille

Sapo
Inês Mendes

TV Cine & Séries
João Magalhães
Pedro Vaz Marques

e | and

Adelina Bichis
Alex Anwandter
Alli Coates
Benjy Blanco
Catarina Silva
Chance Taylor
Cheryl Dunye
David Farrier
Dylan Reeve
Ferdinando Cito Filomarino
Francisco Caldeira
Inês Dias
Inês Morais
Jonathan Caouette
José Magro
Julio Hernández Cordón
Lionel Baier
Madsen Minax
Mandie Fletcher
Matt Sobel
Michael Robinson
Rose Troche
Sara Jordanó
Tom Kalin
Vasco de Oliveira
Vika Kirchenbauer
William Westley
Zoe Berriatúa

e | and

Alice dos Reis
Ana David
Ana Rita Ferreira
António MV
Billy Lloyd
Bojan Joyanovic
Bruno Senune
Céu Pinto
Flávio Leihan
Flávio Rodrigues
GNUCCI
Gonçalo C. Ferreira
Joana Castro
João Abreu
João Romãozinho
Júlio Dolbeth
Kiki Party Portugal
Marc Smolowitz
Maria Helena Nunes
Marta Queiroz
Marta Torres
Mauro Ventura
Olivia Jack
Paulo Aureliano da Mata
Paulo Nunes
Pedro Dourado
Pedro Garcia
Rita Roque
Rodrigo Affreixo
Sandra Araújo
Susana Henriques
Tales Frey
Telma João Santos
Tiago Aguiar
Tiago Ferreira
Von Calhau!
Vanessa Careta

LISTA DE CONTACTOS PROFISSIONAIS 2015

PROFESSIONAL SOURCE LIST 2015

A Meio

Antonio Martino
antoniomartino.imagens@outlook.pt

Absolutely Fabulous: The Movie

Albina Terentjeva
albina@hollywoodclassics.com

American Reflexxx

Alli Coates
americanreflexxx@gmail.com

Antonia

Stella Savino
s.savino@frenesyfilm.com

Bowels of the Universe (With Shining Knees), The

Madsen Minax
madsenwashere@gmail.com

Conto d'Alex, O

Catarina Silva
cat.r.silva16@gmail.com

Cosmic Crystals

Jonathan Caouette
jonathancaouette@gmail.com

Crackup at the Race Riots, A

Leo Gabin
leogabin1@gmail.com

Dark, Krystle, The

Michael Robinson
michaelblayneyrobinson@hotmail.com

Go Fish

Mark Truesdale
ismith@parkcircus.com

Henry in Kitchen

Inês Dias
ines.dias.email@gmail.com

Héroes del Mal, Los

Zoe Berriatúa
cabezazurda@gmail.com

Hombres de Montréal en Novembre

Pascal Robitaille
pascalrobitaille@hotmail.com

Kiki

Giorgia Huelse
giorgia@filmsboutique.com
Sara Ruster
sara.ruster@filminstitutet.se

Living End, The

Jindra Span
Jindra@fortissimo.nl

Mala Noche

Margot Rossi
margot.rossi@mk2.com

Murmur

Adelina Bichis
adelinabichis@hotmail.com

Normal

William Westley
william.westley@gmail.com

Nunca Vas a Estar Solo

Ana Perromat
festivals@widemanagement.com

Pecado de Quem nos Ama, O

Vasco de Oliveira
vascodeoliveira10@gmail.com

Poison

Taso Georgakis
taso@zeitgeistfilms.com

Sal Mineo's Locker

Chance Taylor
chance.taylor@gmail.com

She Whose Blood is Clotting in my Underwear

Vika Kirchenbauer
like.rats.leaving@gmail.com

Swoon

Tom Kalin
tom.kalin@gmail.com

Take Me to the River

Matt Sobel
sobel.matt@gmail.com

Te Prometo Anarquía

Marta Hernando Vidal
latido@latidofilms.es

Tickled

Scott Veltri
SVeltri@magpictures.com

Vanité, La

Ana Perromat
festivals@widemanagement.com

Viagem

Liliana Costa
liliana@curtas.pt

Watermelon Woman, The

Benjy Blanco
benjyblanco@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO DE PAÍSES

COUNTRY OF ORIGIN INDEX

Alemanha, **Germany**

- 60 She Whose Blood is Clotting in my Underwear
- 26 Te Prometo Anarquía

Bélgica, **Belgium**

- 70 A Crackup at the Race Riots

Canadá, **Canada**

- 58 Hommes de Montréal en Novembre
- 59 Sal Mineo's Locker

Chile, **Chile**

- 22 Nunca Vas a Estar Solo

Espanha, **Spain**

- 18 Los Héroes del Mal

EUA, **USA**

- 12 Absolutely Fabulous: The Movie
- 56 American Reflexxx
- 56 The Bowels of the Universe (With Shining Knees)
- 57 Cosmic Crystals
- 57 The Dark, Krystle
- 42 Go Fish
- 43 The Living End
- 44 Mala Noche
- 59 Normal
- 45 Poison
- 46 Swoon
- 24 Take Me to the River
- 47 The Watermelon Woman

França, **France**

- 30 La Vanité

Grécia, **Greece**

- 16 Antonia

Itália, **Italy**

- 16 Antonia

México, **Mexico**

- 26 Te Prometo Anarquía

Nova Zelândia, **New Zealand**

- 28 Tickled

Portugal, **Portugal**

- 50 A Meio
- 50 O Conto d'Alex
- 51 Henry in Kitchen
- 51 O Pecado de Quem nos Ama
- 52 Viagem

Reino Unido, **United Kingdom**

- 12 Absolutely Fabulous: The Movie
- 58 Murmur

Suécia, **Sweden**

- 20 Kiki

Suíça, **Switzerland**

- 30 La Vanité

ÍNDICE REMISSIVO DE REALIZADORES DIRECTORS INDEX

- 22 Anwandter, Álex / Nunca Vas a Estar Solo
- 43 Araki, Gregg / The Living End
- 30 Baier, Lionel / La Vanité
- 18 Berriatúa, Zoe / Los Héroes del Mal
- 58 Bichiş, Adelina / Murmur
- 50 Caldeira, Francisco / O Conto d'Alex
- 57 Caouette, Jonathan / Cosmic Crystals
- 56 Coates, Alli / American Reflexxx
- 51 Dias, Inês / Henry in Kitchen
- 47 Dunye, Cheryl / The Watermelon Woman
- 28 Farrier, David / Tickled
- 16 Filomarino, Ferdinando Cito / Antonia
- 12 Fletcher, Mandie / Absolutely Fabulous: The Movie
- 45 Haynes, Todd / Poison
- 26 Hernández Córdón, Julio / Te Prometo Anarquía
- 20 Jordenö, Sara / Kiki
- 46 Kalin, Tom / Swoon
- 60 Kirchenbauer, Vika / She Whose Blood is Clotting in my Underwear
- 70 Leo, Gabin / A Crackup at the Race Riots
- 52 Magro, José / Viagem
- 56 Minax, Madsen / The Bowels of the Universe (With Shining Knees)
- 50 Morais, Inês / A Meio
- 51 Oliveira, Vasco de / O Pecado de Quem nos Ama
- 28 Reeve, Dylan / Tickled
- 57 Robinson, Michael / The Dark, Krystle
- 58 Robitaille, Pascal / Hommes de Montréal en Novembre
- 50 Silva, Catarina / O Conto d'Alex
- 24 Sobel, Matt / Take Me to the River
- 59 Taylor, Chance / Sal Mineo's Locker
- 42 Troche, Rose / Go Fish
- 44 Van Sant, Gus / Mala Noche
- 59 Westley, William / Normal
- 58 Wolkow, Matthew / Hommes de Montréal en Novembre

ÍNDICE REMISSIVO DE FILMES FILM INDEX

- 70 A Crackup at the Race Riots
- 50 A Meio
- 12 Absolutely Fabulous: The Movie
- 16 Antonia
- 56 American Reflexxx
- 56 Bowels of the Universe, The (With Shining Knees)
- 50 Conto d'Alex, O
- 57 Cosmic Crystals
- 57 Dark, Krystle, The
- 42 Go Fish
- 51 Henry in Kitchen
- 18 Héroes del Mal, Los
- 58 Hommes de Montréal en Novembre
- 20 Kiki
- 43 Living End, The
- 44 Mala Noche
- 58 Murmur
- 59 Normal
- 22 Nunca Vas a Estar Solo
- 51 Pecado de Quem nos Ama, O
- 45 Poison
- 59 Sal Mineo's Locker
- 60 She Whose Blood is Clotting in my Underwear
- 46 Swoon
- 24 Take Me to the River
- 26 Te Prometo Anarquía
- 28 Tickled
- 30 Vanité, La
- 52 Viagem
- 47 Watermelon Woman, The

INFORMAÇÕES GERAIS

GENERAL INFORMATION

ESPAÇOS

Teatro Rivoli

Praça D. João I
4000-295 Porto
Tel: + (351) 223 392 201
Estação Metro: Aliados
www.teatromunicipaldoporto.pt

malavoadora.porto

Rua do Almada, 283
4050-038 Porto
Estação Metro: Aliados
www.malavoadora.pt

Maus Hábitos

Rua Passos Manuel, 178, 4º
4000-382 Porto
Tel: + (351) 222 087 268
Estação Metro: Bolhão
www.maushabitos.com

Galeria Wrong Weather

Av. da Boavista, 754
4100-111 Porto
Tel: + (351) 226 053 929
Estação Metro: Casa da Música
www.wrongweather.net

BILHETEIRA

TEATRO RIVOLI

Bilhete inteiro: 3,50 €
Pack 5 bilhetes para 5 sessões diferentes pelo preço de 4: 14,00€
Bilhetes à venda a partir de 7 de setembro

Horário:

Segunda-feira: 13h00 - 18h00
Terça-feira a Sábado: 13h00 - 22h00
Durante os dias do Festival, a bilheteira mantém-se aberta até 30 minutos depois do início da última sessão.

Bilheteira online: rivoli.bol.pt

Todas as sessões são para maiores de 16 anos, exceto onde assinalado para maiores de 18 anos.
Legendagem em português e inglês.

VENUES

Teatro Rivoli

Praça D. João I
4000-295 Porto
Tel: + (351) 223 392 201
Subway Station: Aliados
www.teatromunicipaldoporto.pt

malavoadora.porto

Rua do Almada, 283
4050-038 Porto
Subway Station: Aliados
www.malavoadora.pt

Maus Hábitos

Rua Passos Manuel, 178, 4º
4000-382 Porto
Tel: + (351) 222 087 268
Subway Station: Bolhão
www.maushabitos.com

Galeria Wrong Weather

Av. da Boavista, 754
4100-111 Porto
Tel: + (351) 226 053 929
Subway Station: Casa da Música
www.wrongweather.net

BOX OFFICE

TEATRO RIVOLI

Full ticket: 3,50 €
Pack 5 tickets for 5 different screenings for the price of 4: 14,00€
Tickets on sale from September 7th

Opening hours:

Monday: 1pm to 6pm
Tuesday to Saturday: 1pm to 10pm
During the Festival, the box office is open until 30 minutes after the beginning of the last screening.

Online box office: rivoli.bol.pt

All programs are for over 16-year-olds, except where signaled for over 18-year-olds.
Portuguese subtitles where signaled. All films are subtitled in English

malavoadora.porto

Bilhete inteiro Sessões Curtas e Performances: 3,50 €
Bilhetes à venda no próprio dia. A bilheteira abre 30 minutos antes de cada sessão.

Meeting Point: entrada gratuita

Horário: aberto das 16h30 às 20h30

Todas as sessões e performances são para maiores de 16 anos.
Todos os filmes são legendados em inglês.

MAUS HÁBITOS

Festa de Abertura

Bilhete inteiro: 3,50 €

Bilhetes à venda no próprio dia. A bilheteira abre 30 minutos antes da Festa começar.

Sessão Especial

Bilhete inteiro: 3,50 €

Bilhetes à venda no próprio dia da sessão. A bilheteira abre 30 minutos antes da sessão.

A Sessão Especial é para maiores de 16 anos.

O filme é apresentado na versão original inglesa.

Noite Queer Pop

Programa Queer Pop (23h30): entrada gratuita

O programa é para maiores de 16 anos.

Festa Queer Pop (a partir das 00h30). Bilhete inteiro: 3,00 €

Bilhetes à venda no próprio dia. A bilheteira abre 30 minutos antes da Festa começar.

Festa de Encerramento

Bilhete inteiro: 4,00 €

Bilhetes à venda no próprio dia. A bilheteira abre 30 minutos antes da Festa começar.

GALERIA WRONG WEATHER

A exposição é gratuita e para maiores de 16 anos.

Horário: Segunda a Sábado das 10h30 às 19h30.

INFORMAÇÕES

Associação Cultural Janela Indiscreta

Queer Porto | Festival Internacional de Cinema Queer

Casa do Cinema, Rua da Rosa 277, 2º, 1200-385 Lisboa, Portugal

Informações Gerais

Tel: + (351) 916 106 904 | info@queerlisboa.pt

www.queerporto.pt

malavoadora.porto

Shorts screenings full ticket and Performances: 3,50 €

Tickets on sale on the same day. The box office opens 30 minutes before each event.

Meeting Point: free entrance.

Opening hours: from 4.30pm to 8.30pm.

All programmes are for over 16-year-olds.
All screenings are subtitled in English.

MAUS HÁBITOS

Opening Party

Full ticket: 3,50 €

Tickets on sale on the same day. The box office opens 30 minutes before the party starts.

Special Screening

Full ticket: 3,50 €

Tickets on sale on the same day of the screening. The box office opens 30 minutes before the screening.

The Special Screening is for over 16-year-olds.

The film is presented in its original English version.

Queer Pop Night

Queer Pop Program (11.30pm): free entry

The Program is for over 16-year-olds.

Queer Pop Party (from 00h30): full ticket: 3,00 €

Tickets on sale on the same day. The box office opens 30 minutes before the party starts. **103**

Closing Party

Full ticket: 4,00 €

Tickets on sale on the same day. The box office opens 30 minutes before the party starts.

GALERIA WRONG WEATHER

The exhibition is free of charge, and for over 16-year-olds.

Opening hours: Monday to Saturday, 10h30-19h30.

INFORMATION

Associação Cultural Janela Indiscreta

Queer Porto | International Queer Film Festival

Casa do Cinema, Rua da Rosa 277, 2º, 1200-385 Lisboa, Portugal

General Information

Mobile: + (351) 916 106 904 | info@queerlisboa.pt

www.queerporto.pt

SE $\frac{3}{4}$ DO TEU COCKTAIL SÃO O **MIXER,**
É BOM QUE SEJA **O MELHOR™**



**NAMED BEST SELLING AND TOP TRENDING
TONIC BY THE WORLD'S 50 BEST BARS**



FEVER-TREE
PREMIUM NATURAL MIXERS